

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
5/10/941 publicado semanalmente, sob a orientação de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Num. 8

FRANCISCO DE CASTRO MEU PAI

Aloysio de Castro

Autores e Livros consagra parte de suas páginas do número de hoje a Francisco de Castro, cuja data de morte transcorre a 11 do corrente. É uma homenagem que prestamos a alguém que foi um real valor da ciência brasileira; a alguém que, ao lado disso, foi uma autêntica vocação literária, um escritor de linguagem cuidada como quem mais a possuir, um digno companheiro de Machado de Assis e de Rui Barbosa, seus amigos diletos, prefaciadores entusiastas de seus livros.

Francisco de Castro nasceu na Baía, em 17 de setembro de 1857. Desde muito criança mostrou possuir um temperamento grave e sisudo, uma inclinação decidida para os estudos científicos. Fez-se médico, grangeando, desde os bancos acadêmicos, invejável fama de talentoso e estudioso.

Veio para o Rio, e aqui, a sua fama cedo se consolidou, como homem de letras e como homem de ciência. Poeta, ainda inspirado em temas e modelos do Romantismo, publicou encantadores versos. Reuniu-os num volume, ao qual deu o título de "Harmonias Errantes" e que foi publicado com prefácio de Machado de Assis. Já era o escritor castigo e puro, que havia de impor-se à sua geração como um modelo.

Mas essa atividade literária era um pouco lateral, no espírito de Francisco de Castro. Porque o que ele era precipuamente, o que ele era, em sua própria consciência, era o homem de ciência, era, sobretudo, o médico. Muito moço, foi lente da cadeira de Clínica Propedéutica da nossa Faculdade de Medicina. Em 1901 foi diretor da mesma. Pertenceu, também, ao Instituto Sanitário Federal. Entremecida com sua atividade de mestre, ia exercendo também a sua atividade de escritor, em livros

de assuntos médicos. Sua bibliografia, se não é muito extensa, é sempre de primeira ordem. "Da correlação das Funções", "O invento Abel Parente do ponto da Medicina Legal e da Moral Pública", "Tratado de Clínica Propedéutica" — eis os livros técnicos que ele publicou. Depois de sua morte apareceu a coleção dos seus admiráveis "Discursos", para a qual Rui Barbosa escreveu um belíssimo prefácio.

Francisco de Castro foi membro da Academia Brasileira de Letras, tendo sido eleito na vaga do Visconde de Taunay, para a cadeira n. 13. Morreu sem ter tomado posse e foi substituído por Martins Júnior. Também Martins Júnior faleceu antes de ser empossado. Depois da morte de Martins, sentou-se na cadeira n. 13 Souza Bandeira, que pouco tempo teve de acadêmico. Nela senta-se hoje o sr. Hélio Lobo, que, eleito ao beirar os trinta anos, assumiu a grave responsabilidade de desmoralizar o azar do "fauteuil" fatídico...

Francisco de Castro deixou uma tradição de bondade extrema, e seu grande exemplo ainda hoje é constantemente lembrado, na exaltação carinhosa dos discípulos. O "Divino Mestre", é como muitos lhe chamam. Podemos dizer que a geração atual dos médicos brasileiros ainda conserva o culto desse vulto admirável, que ficou sendo uma espécie de patrono deles todos.

Não basta a inspiração ao escritor

Para bem satisfazer as obrigações do seu ofício, não basta ao moderno escritor o dom imaginativo, que é aliás uma das formas mais vivas e simpáticas da inteligência, indispensável nas sociedades que avançam, nas nações que progredem pelo trabalho incessante das idéias; há de também ser o escritor moderno fortemente iniciado no movimento científico do seu tempo, há de ser homem de ciência larga, um cientista como lhe chamaria Camões.

FRANCISCO DE CASTRO

Edifiquei-me com meu pai, o principal dos meus mestres. Floriam-me os vinte anos quando o perdi, e cursava a 4.ª série médica, interno na sua Clínica. Mas a admiração que lhe eu votava era tão funda e tal união nos vinculava em tudo, que esses poucos anos do seu trato, sentindo-lhe a suavidade para mim como divina, me valeram por uma vida inteira de ensinamentos e ele me ficou como o farol de sempre. Não me recordo de o ter visto, em casa ou na rua, senão no estudo, na meditação ou no trabalho. Estou a contemplá-lo, e isto a escrever horas a fio nos domingos, pondo a mão última no seu "Tratado". Era eu quem lhe coplava, para as citações, os trechos dos autores estrangeiros, e inclinado então ao desenho, quem lhe reproduzia os esquemas, para as lições clínicas. Desde menino, vivi entre os tomos da sua biblioteca. E recordo-me que, folheando certa vez uma tese, que meu pai devia arguir, encontrei, na relação impressa dos professores representada por linhas em branco, os lugares vagos. Não tive dúvida e, menino de doze anos, tomei da pena e enchi um dos claros com o meu nome. Desde esse dia me considerei professor desta Faculdade. A noite surpreendi meu pai a sorrir sozinho com a tese na mão. Ele tinha lido o nome manuscrito do novo professor.

De Francisco de Castro me veio a primeira noção do bem-fazer, e com ele aprendi a religião do bem, o "operum bonum ad omnes" do apostolo S. Paulo. Foi assim. Aluno do Colégio Kopke, onde cursava latim, passei a ter ademais, em casa, um professor desse idioma. Era italiano, grande humanista, que me ensinava latim com a orelha romana. No comércio aceitei a coisa de bom grado sabendo que meu pai possuía grandes letras latinas. Mas depois aquela lição tão maternal começou a cansar-me. Lembrou-me que ainda pequeno, sentado numa grande cadeira de estudo, desproporcionada ao seu porte, mal tocando o chão com os pés, tinha a meu lado o professor, homem respeitável, que já naquela hora trazia um clarito entre os cabelos amarelados. Aquele cheiro de fumo me tontava. Associado ao dever da lição era um cheiro todo especial um cheiro do latim. Afinal já eu ia fadado para o colégio e um bom dia protestei, dizendo a meu pai que me bastava um professor. "Dói não são demais, para estódo tão fundamental", disse-lhe meu pai. Submeti-me. Mas passado tempo renovei o protesto. Então, fitando-me com brandura, meu pai se limitou a perguntar-me se eu ignorava que o professor da manhã havia perdido o seu emprego. Foi quando percebi que aquela lição de latim era pretexto para beneficiar o professor. Tomei para mim a lição de bondade e comecei a viver com prazer aquela hora, que antes julgava aborrecida. Assim aprendi la-



FRANCISCO DE CASTRO

SUMÁRIO

PÁGINA 100:	PÁGINA 107:
— Francisco de Castro	— Cultura filosófica, de Xavier Marques (da Academia Brasileira)
— Meu pai, de Aloysio de Castro	— A vida e a obra de Fagundes Varella, de Paulino Neto (da Academia Brasileira de Letras)
— Sumário	— "A Fécula de Jéssu"
PÁGINA 109:	PÁGINA 110:
— Algumas poesias de Francisco de Castro: — A Castro Alves — A Urlik — Lembrando-me de M	— A vida e a obra de Fagundes Varella (continuação da página 107)
— As Harmonias Errantes, carta de Machado de Assis a Francisco de Castro.	— O Menino Valente no hospital de sangue, de Ribeiro Couto (da Academia Brasileira)
— A Religião, de Francisco de Castro	— As ciências experimentais e as ciências morais, de Francisco de Castro
PÁGINA 111:	PÁGINA 112:
— Francisco de Castro, professor: — Discursos em resposta aos discípulos	— Galeria de nomes ilustres
— O espírito de Francisco de Castro, de Clementina Fraga (da Academia Brasileira).	— Sem que assim porque, de Augusto Meyer
— O julgamento dos homens, de Francisco de Castro.	— Olibros os olhos das crianças, de Jorge de Lima
PÁGINA 113:	— Miserere nobis, de Alphonse de Guéranger Filho
— Francisco de Castro, de Rui Barbosa	PÁGINA 114:
PÁGINA 115:	— Minck, conto de Graciliano Ramos
— Correspondência de escritores, de Francisco de Castro a Machado de Assis	— Regência viva, de Antenor Nascentes
— A colaboração de Filiberto — Atchada n.º 3	PÁGINA 116:
— Meu pai, de Aloysio de Castro (continuação da página 100)	— O mundo doente e nascente, de Celso Vieira (da Academia Brasileira)
— O Estado, estimulador dos indivíduos, de Francisco de Castro.	PÁGINA 118:
PÁGINA 119:	— Uma telegrafia para de Raimundo de Castro (carta de Rodrigo Otávio a Mucio Leão)
— Espírito Material e vulgaridade, de Francisco de Castro	— O pai do brasileiro, de Pedro Calmon (da Academia Brasileira)
— Notícias literárias	— Regência viva, de Antenor Nascentes (continuação da página 116)
— A vida e a obra de João de Alvaro Moreira	PÁGINA 120:
PÁGINA 121:	— Páginas dos Autores marian: 1.º, Raimundo de Castro; 2.º, Um milagre (J. Richopin) de Raimundo de Castro; 3.º, "Versos e Versões", de Lucio de Mendonça
— Considerações à margem de "Autores e Livros", de Mucio Leão	PÁGINA 122:
— Fênix e sinaxe na interpretação de Ickes, (II), de Souza da Silveira	— Efemérides da Academia
PÁGINA 123:	— Página de dia: O Tuberculoso, de João Alphonso
— Uma questão de mitologia nas "Cartas Chômas", de Afonso Pena Junior (da Academia Brasileira de Letras)	— Versos e Versões, de Lucio de Mendonça (continuação da página 120)
— Registro Bibliográfico. Livros recebidos	

(Continua na página 123)

ALGUMAS POESIAS DE FRANCISCO DE CASTRO

A CASTRO ALVES

Era um génio e morreu ainda criança,
Afagando talvez uma esperança,
— Utopia de um sonho matinal;
Alma lançada aos turbilhões dos ventos,
Fitara, à luz dos grandes pensamentos,
O polo do ideal.

Era um génio; nasceu predestinado.
Curvava a fronte — sonhador ousado —
A sombra do fatídico lauro;
Qual de coluna colossal, mármorea,
Ao peso imenso dos flúres de glória,
Se curva o capitel.

De desalento numa hora inquieta,
Arrancara a coroa do poeta,
E ia as folhas lançar ao pó do chão...
Mas o assombro deleve-o como morto...
Depois sorriu-se, pensativo, absorto:
— Tinha estrelas na mão!

Nossas florestas lhe atiraram flores!
Recebeu a visita dos condores.
No anfiteatro dos rochedos nus...
Respirando do céu as primaveras,
Sentiu nublada ao contacto das esferas,
A infusão da luz.

Nas mãos de Deus sua alma estava presa,
Engastada no anel da natureza.
— Grilhão de ouro que acentua o sol...
No entanto, dessa vida cometária,
Coava-se a molécula precária
Do túmulo no crisol.

Poeta, muito amor ele sentava,
Quando do peito a estrofe borbotava
Rutilante do brilho das manhãs...
Cingiu a fronte de lauréis eternos,
Filho da raça dos Titens modernos
— Família de Titães!

A ORFÃ LEMBRANDO-ME DE TI

*Orfãzinha que perdeste
De tua mãe os carinhos,
Como a flor que nasce e cresce
Desgarrada nos caminhos,*

*Na primavera da vida,
Sem o orvalho materno,
A tua alma converteu-se
Em uma noite de inverno.*

*Mas se a noite é o poema
Das estrelas e das sombras,
Tu és a nuvem opaca
Que o céu do destino ensombra.*

*Em teu céu, pobre criança,
Nem mesmo uma estrela brilha;
Não tens no peito um afeto;
Não sabes o que é ser filha.*

*Tem coração é estéril,
— Flor que o aroma perdeu,
E que pede ao céu orvalho
Que a tempestade varreu.*

*Entre os espinhos da vida,
Sem ter mãe, sem ter amor,
Quem prediz o teu futuro,
— Pánel sombrio da dor?...!*

*Quando levantas os olhos
Para o céu e o vês tão lindo,
Oh! Quanto estrelado seio
Não vês tu passar sorrindo!*

*Mas o céu, pra quem recorre
Da desventura o batismo,
Não tem luz nos seus mistérios
E' mais negro que um abismo!*

*Aí as estrelas semelham-te,
Na nudez de sua luz,
Gotas de sangue que escorrem
Das cravos de tua cruz!*

Era ao cair da noite; à hora em que a saudade
Aperta o coração e, em longa ansiedade,
A mente — tua perdida — em alto mar divaga,
Entre o gemer da brisa e o soluçar da vaga.

E eu estava só... Senti aos meus ouvidos
Um múltiplo tropel de tetricos gemidos:
Queixumes de quem ama, adeuses de quem morre,
Enquanto após a flor a borboleta corre.

Dormia a solidão — a minha companheira —
Em cujo seio eu quero a estrofe derradeira
Do meu peito exalar, qual última harmonia
Em vaporosos ais... No caliz da agonia,
Encontra-se também o bálsamo divino,
Em que sorve a esperança exausto peregrino.

E eu triste cismava, e via-te a meu lado
Qual anjo protetor que ampara o desgraçado,
Mas era uma ilusão, — fantasma tão risível,
Que vive como a flor, e morre como o sonho!

A luz dos olhos teus prendi o meu futuro
— O mistico pánel de um ideal tão puro!
E vivo hoje a chorar bem como quem procura
Salvar o coração na paz da sepultura.
— A asa material que ao infeliz apuce,

O nome teu será a minha última prece...
Lembrando-me de ti, ai quão feliz porteira...
O cisse canta e morre em plena primavera,

E a nota que concentra — aérea e dolorida —
Has noites o mistério e o brilho das auroras,
Desata elo por elo à cadeia da vida,
Como um roto calor de lágrimas sonoras.

AS "HARMONIAS ERRANTES"

CARTA DE MACHADO DE ASSIS A FRANCISCO DE CASTRO

Rio, 4 de agosto de 1878.
Meu caro poeta. — Pode-se
e mais fácil e a mais útil das
tarefas literárias: apresentar um
poeta ao público. Custa pouco
dizer em algumas linhas ou em
algumas páginas, de um modo
simpático e benevolente, — por-
que a benevolência é neces-
sária aos talentos saudosos, co-
mo o seu, — custa pouco di-
zer as impressões nas deter-
minadas os primeiros produ-
tos de uma criação juvenil.
Não não é, ao mesmo tempo,
uma tarefa inútil? Um livro e
um livro: vale o que efetiva-
mente é. O leitor quer julgar
por si mesmo, e se não acha
não escrito que o precede, — ou
a autoridade do nome, ou a
perfeição do estudo e a pleneza
das idéas, — não se pode burlar
à sua tal ou qual sentimen-
to de estudo. O estudo e as
idéas, que lhe tem a ler uma
boa página, — na realidade do
sobre a autoridade do nome
e a autoridade do nome, se a im-
pressão da crítica concorda com
a dele. Supponha-te idéas pos-
tos: mas onde estão as outras
duas vantagens? Seu livro vai
ter uma página inútil. — Sei
que o senhor supõe o contrário,
ilusão de poeta e de moço, fi-
lha de uma afeição, antes ins-
tintiva que experimentada, e em
todo caso, recente e generosa,
sem coração de poeta tem talvez,
através de algumas estrofas que
se me ficaram no cuminho, este

amor da poesia, esta fé viva em
alguma coisa superior às nos-
sas labutações sem fruto, pri-
meiro sonho da mocidade e úl-
tima saudade da vida. Lento isso,
compreendi que há idólos que
se não quebram e cultos que
não morrem, e veio ter comigo,
de seu próprio movimento, cheio
daquela cândida confiança de
sacerdote novo, resoluta e pio.
Fera bem e mal; bem para a
minha simpatia, mal para o seu
interesse; mas, segundo já dis-
se, nem bem nem mal para o
público, diante de quem esta
fama é deus. — E contudo,
meu caro poeta, é difícil esque-
zar-te um homem que ama as
idéas e não falar de um poeta
novo, em um tempo que pre-
cisava de idéas, quando há necessida-
de de animar todas as vocações,
as mais arrastadas e as mais
modestas, para que se não que-
bra a cadeia da nossa poesia
nacional. Creio que o senhor
pertence a essa juventude fa-
briosa e ambiciosa, que hesita
entre o ideal de ontem e uma
aspiração, que busca sinceramente
uma forma substituída
do que lhe deu a geração
passada. Nesse talor, nasce
hesitar entre duas coisas. —
Uma bela, mas porventura fa-
lta de uma afeição, antes ins-
tintiva que experimentada, e em
todo caso, recente e generosa,
sem coração de poeta tem talvez,
através de algumas estrofas que
se me ficaram no cuminho, este

e a poesia brasileira não perde-
rá o seu caráter nativo, nem des-
mentará a tradição que nos deu-
ram o valor do "Uruguai" e
o autor das "Timbras". Citei
dois mestres; poderia citar mais
de um talento original e cedo
extinto, afim de lembrar à re-
cente geração, que qualquer que
seja o caminho da nova poesia,
convém não perder de vista o
que há de essencial e terno na
sua expressão da alma humana.
Que a evolução natural das
coisas modifique as feições, a
parte externa, ninguém jamais
a negará; mas há alguma co-
isa que seja, através dos séculos,
Homer e Lord Byron, alguma
coisa imutável, universal e
comum, que fala a todos os ho-
mens e a todos os tempos. Nin-
guém o desconhece, de certo,
entre as novas tendências; o es-
tudo, compreendido em abstrato,
aparece com a forma, não fre-
quente, não poderia afetar a pur-
te substancial da poesia, — ou
esta não seria o que é e deve
ser. Penhamos de pessoa ao
seu livro, que o leitor tem an-
te de olhar e conhecer. Es-
tou que se o leitor com um re-
posado, em vista simpática,
justa, reconhecerá que é um li-
vro de estria, incerto em par-
tes, com as imperfeições natu-
rais de uma primeira produção.
Não se overgonhe de imperfei-
ções, nem se vexe de as ver
apontadas; agradeça-o antes,
Agradeça-o antes. A modestia

é um movimento. Poderia
lastimar-se se não sentisse em
si a força necessária para enen-
dar as senões inerentes aos
trabalhos de primeira mão.
Mas será esse o seu caso? Há
nos seus versos uma espontaneidade
de bom agouro, uma
natural simples, que a arte
guará melhor e a ação do tem-
po aperfeiçoará. Alguns pe-
didos à sua poesia maior origi-
nalidade; também eu lhe peço.
Este seu primeiro livro não po-
de dar ainda todos os traços de
sua linguagem poética. A poe-
sia pessoal, cultivada nele, está,
para assim dizer, exausta; e daí
vem a dificuldade de cantar
coisas novas. Há páginas que
não parecem dela; e, visto que
o seu verso é espontâneo,
cujo me deve buscar uma lon-
te de inspiração fora de um gé-
nito, em que houve muita tra-
balha a par de tanta queda. Pa-
ra que o poeta pessoal renova
um dia, é preciso que lhe deem
uma variedade e diferentes co-
res; é preciso outra evolução
literária. O poeta destes pre-
sentes, meu caro poeta, é dizer
de mais, oculta espiga do que
o leitor pode razoavelmente
conceder a uma linda mudil.
Em certo haver dito o bastante
para um homem seu autor da-
de. Um que não o lourei com
excesso, nem o censure com
insistência; apontou-lhe o melhor
dos mestres, o estudo; e a me-
lhor das disciplinas, o trabalho.

Estudo, trabalho e talento são
a tripla arma com que se con-
quista o triunfo. — Machado
de Assis.

A RELIGIÃO

Francisco de Castro

Para estender a sua soberania
até os confins da montana,
ultimo termo da evolução men-
tal, para subjugar os corações,
há de a religião exercitar as
suas forças subitimas no terreno
da igualdade e da tolerância.
há de respeitar a linguagem da
razão, amda nas suas hesita-
ções, nas suas contradicções nos
seus destários. O espirito reli-
gioso logo deixa de a ser de-
se que se desenvolva na escola da
opinião oficial no circulo das
praxes administrativas em si-
me e sob a custódia da lei civil,
sem essa espontaneidade e in-
furalidade de onde lhe vem o
poderio prevoquei e o grande
ditado. Os Estados assobrenhi,
caem os imperios, destronam-se
as dinastias desobam as res-
ponsabilidades flandam-se os povos,
existem-se as raças a glória
se vai desmoronar o progresso se
ca vendo quacronismo ao a re-
filição retene na pesa de endu-
cidade universal, sobrevendo ao
destrucao dos séculos a suber-
são que idios e sistemas morre
e renova nas barrens do bem,
uma nova nascida de Deus, uma
eterna aloriza da primeira
humana. Porém, pois ha-remos
de associ-la as grandezas. Ao
nada, a essas das ovas não há
nenhum que embora tendo
tecado as estrelas deite de vir-
ficar igual com o chão. pa-nu-
ma que se não respira mais, mas
do ou mais tarde num bocado
de pó?

FRANCISCO DE CASTRO, PROSADOR

DISCURSO EM RESPOSTA AOS DISCÍPULOS

Uma das mais altas celebrações de cujo nome se usava a história da medicina francesa, sentindo-se para pouca vida, quis pisar ainda uma vez a arena das suas glórias. Transportando ao Hotel-Dieu, puseram-no na enfermaria em que ele lecionava; e o insigne mestre, batalhando cansado porque batalhara até ao fim, erguendo a cabeça, onde a majestade da ciência sobredourava a neve sexagenária e circunvagando um saudoso olhar envidradado e frionho, apenas pôde proferir ou, antes, arrojear estas palavras: "Je ne me sens bien, quelci".

Os quadros são diferentes: a ideia que os domina, o carácter que os reveste, os episódios que neles se encravam, a moralidade que deles se despende, tudo lhes argue a diversidade de aspecto; nunca, porém, mais de jeito do que neste momento, para mim inolvidável, poderia eu repetir a frase angélica do velho Béhier.

Para rebater e anular a agressão dos rancores coligados, qual a qual mais perverso e mais impotente, nunca me tanto tão bem, nem tão forte, como envoltos nestes relâmpagos de bemaventurança, que acompanhavam como uma aureola o espírito da mocidade académica. É este espírito que aqui se levanta; é nele que eu encontro aparentemente trêmulo, mas profundamente firme: é ele que avulta na magnanimidade do vosso protesto, neste mesmo lugar, onde uma voz irresponsável absolvia talvez, hoje pelo voto criminoso da Congregação, nitrilou na minha pessoa a autoridade moral do magistério.

No dia 10 de outubro, a cadeira professoral cobriu-se de pesado luto, quando a regueira de uma paixão inflamou a serenidade augusta deste recinto como uma pena de escândalo, e de luto ficaria ela se não viesse empossa-la de novo nas insignias do seu eterno apostolado, arrancando esses trapos negros, espungindo na esfera constelada da instrução superior, essas dedadas de carvão que nodavam a limpidez azul do horizonte. Houtra vos seja, senhores estudantes, porque pelas vossas mãos purificastes o templo do ensino, e assim reivindicastes os toros tradicionais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, poluída no seu crédito e ferida no seu brio.

O fato a que estou aludindo, e que acabais de verberar, considerando por uma face: consi-

titue um delicto de ação pública, ocasionado a processo crime. Mas acreditais justo provocar uma ação de tal ordem num caso em cuja origem sou o primeiro a reconhecer um impulso moribundo, impulsão irresistível, que zomba dos poderes inibitórios, nem sempre vigilantes ou suficientes na economia cerebral?

Demais disso, não sabemos que nos códigos escritos, como na lei natural, não há disposições bastante draconianas para cominar aos delictos desta natureza outras penas que na da terapêutica e as da higiene?

Por outro lado, a perturbação da minha aula, com flagrante violação das cláusulas que preservam a boa ordem no edifício da Faculdade ou suas dependências, compeliram-me, embora a contra-gosto, a comunicar todo o ocorrido ao senhor diretor, que é quem deve superintender em matéria administrativa. Foi o que fiz. Não me queixe de ninguém: descrevi a ocorrência, sem lhe aduzir comentários. Neste passo, foi convocada a congregação dos senhores leites para dizer em assunto que parecia de grande melindre. Supunha eu que o caso sujeito à judicatura dos ilustres congregados estava claramente indiciado em artigo do código do ensino superior, que dispõe acerca dos deveres das leites, deveres que encontram a sua especificação no art. 70 dos estatutos das Faculdades de Medicina autorizadas por decreto de 23 de outubro de 1884. "Os leites serão os primeiros a dar o exemplo de pontualidade, prudência e cortesia", diz o texto. Mas será este claro, expresso, taxativo ou carcero de ampliações ou restrições que o direito positivo rejeita do domínio penal? Não vos poderei dizer. Entretanto, não me parece curial considerar que o professor só incorre em faltas, como membro do corpo docente, quando estiver investido na prerrogativa da cátedra. Porque, se assim é o aluno só é aluno, para responder pelo cumprimento das disposições estatutárias, na ocasião das aulas ou dos exames, quando, enfim, estiver exercitando algum ato de jurisdicção escolar.

Qual dos dois argumentos é mais útil? Qual das duas diálemas mais perigosa? Qual das duas hemeuticas mais bisanina? Absurdo por absurdo, qual delas mais digna das musas juvenis na eterna filosofia do seu sarcasmo?

Infelizmente, senhores, o caso não é para rir. É preciso medir o alcance moral das coisas, que está entrando pelos olhos de quantos não tiverem descolada a retina do senso crítico. A nossa Faculdade reuniu-se várias vezes, discutiu longas horas e decidiu que nada havia que fazer. Este deslecho da-me a lembrar o que frequentemente sucedia nas congregações beneditinas, de que falam as crônicas conventuais. A equiparação nada tem de depreciativo para nos outros; pelo contrário, ficamos com saúdo a favor; porque entre os monges a que me refiro grandes lumes havia de santidade e de ciência. E estes, depois de debaterem com a paciência que os extremava, os pontos levados ao capítulo, também resolviam que nada ficava resolvido.

Há, todavia, casos em que a inércia dos corpos deliberantes é uma deserção das responsabilidades coletivas; ela autoriza a anarquia dos costumes pela evasão mesma dos fundamentos morais da disciplina; e, perdida esta, o amor da ciência, o gênio das vocações, a sinceridade dos estímulos, tudo, arrebatado pela crise, vai à garra. Esqueceu-se a congregação da nossa Faculdade que tolerar o desrespeito à solenidade dos atos públicos é entreteirar os ódios pessoais no plano onde se fere o torção das doutrinas, legitimar as desafinadas físicas, abrir uma porta sinistra para as represalias sanguinolentas. Isso que presenciamos não é talvez senão o começo de uma fieira de infortúnios de mais porte. Praza a Deus estejam remotos de nós tempos mais brancos; e jamais lobriguem, de longe sequer, a perspectiva das grandes demolições do ensino. Se não, aqueles que deviam acatular a catástrofe não de, também, sob o peso dela, padecer dias amargos; e quando desampararem essas ruínas, de que foram arquitetos, terão de mostrar aos seus sucessores, como uma lição sem fruto, as cinzas arrependidas.

Fosse um desprotegido estudante, que, em hora infeliz, viesse interromper com lérias uma aula oficial em qualquer destas enfermarias. Sem detença, havia de realizar-se, sob as ordens congruentes das duas diretorias, a expulsão do rebozo. A diretoria de lá si estava para impedir de transport os umbrais da Faculdade por espaço de um, dois ou três anos, até que, no termo desse prazo, ele se houvesse regenerado nas aguras

da penitência; a diretoria de cá dar-se-ia também toda a solicitude em promover o interdito pessoal do doidivanas, ainda que, para tanto, fosse mistado penetrar-se dessas austeras voemências da justiça divina, outrora vibradora do apoteu indinado dos traficantes que chatinavam na casa de Deus.

Em verdade, nestas regiões há o que quer que seja da fé religiosa, intemerata e viva, qual que se eleva no coração dos crentes, — torrente de consolações e refrigerios que derama sobre todos nós as abundâncias da indulgência e as maravilhas do perdão. Nestas paredes, sob este teto, à sombra daquele altar, percebe-se na ordem das coisas temporais o toque celeste da caridade, e ignoto talismã dessa perpétua valedora dos infelizes e dos enfermos, que a uns abrandia pela resignação às inclemências da vida, a outros restitue a saúde, e aos que não tem quem os vá fechar nas sepulturas amadas, recata-lhes com o fúnebre lençol a última desnudez no logradouro do fosso comum.

Muitas vezes, senhores, refugiado nas minhas cogitações, pergunto a mim mesmo porque se há de condensar derror de mim o rebojo de um temporal que vem ralhando de longe e ainda não calou. Agora vejo que tudo se resolve no fato de conservar-me como diretor do Instituto Sanitário Federal. Tinha servido este cargo com tanto sacrifício quanta lealdade; e para manter-me nele nunca me hão de ver apagando o saço verde dos ministros, nem engrossando na escada das secretarias a chuma dos pedintes, a farandula dos aderentes, o prestígio dos lealões. Este ano desencadeou-se a borrasca numma das casas do parlamento, por ocasião de discutir-se o orçamento do Ministério do Interior. Ai a impotência do ofício, cansado de segregar, durante quase dois anos, a sua peçonha, debaixo da terra, empinou-se desta vez em botes desceparados.

O exame dos serviços adstri-tos à minha repartição era ponto secundário; o principal era descompor-me, taxando-me de "Intrigante vulgar e homem sem caráter". Até hoje nunca me desfucharam tamanho insulto. Tocado na minha honra, acudi logo por ela, exigindo as provas abonatórias do juízo do meu detrator. Quais foram elas, senhores, e também sabeis como deixei pulverizadas essas insi-

nuações caluniosas. Mais tarde, quando se ia votar uma emenda supressiva do Instituto Sanitário, o mesmo indivíduo espalhou na Câmara dos Deputados um boletim, onde, reditando o estribilho da sua maledicência, articulava mais que eu era primo de dois deputados de grande influência política, e que um destes defendia a causa da Repartição Sanitária Federal, porque tinha um gesto funcionário dela. Ora bem; a respeito dessa garabulha de pilmos e genros, os dois ilustres deputados incontinenti demonstraram que era tudo um tecido de mentiras e mentiras das mais despejadas.

Levantou-se então confuso e cabalado, o autor do mexerico parlamentar e confesso que tinha sido mal informado. Rancoroso fosse eu, e estaria chrecha a medida da minha vingança. Para servir aos interesses da nação, como seu representante, é preciso, antes de tudo, praticar a virtude e amar a verdade. O caso que refiro é do número dos que merecem lugar conspícuo na clínica da história, para ilustrar a simtomatologia das decomposições morais, dos colapsos da consciência, da gangrena do carácter.

Eu, ao menos, espero que, se chegar à velhice, nunca hei de ocultar aos olhos inquiridores dos meus filhos, no registo da minha biografia, as laudas amarratadas por uma vergonha pública.

Senhores, nada há no mundo que não tenha seu pé de utilidade. Conheceis, no teatro de Shakespeare, as cenas bufas que se intercalam na corrente dramática. Pois bem: há criaturas tão necessárias como essas personagens das cenas intermédias. Que a Providência não extinga: são elas como outras tantas mãos bufoicas, invisíveis, impalpáveis, que andam a titilar os hipocôndrios do gênero humano, desfranzindo, pelo efeito desopilante das boas gargalhadas, a carranca da vida.

Senhores e queridos discípulos, já excedi os limites da vossa generosidade. Na pessoa do vosso obscuro mestre foi enxovalhada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A vossa palavra reprovadora, que aqui me veio colher de surpresa, é o mais solene desgarrado dela. Por amor e por dever, em coração e quase em lágrimas, permiti que vos agradeça a altivez da vossa homenagem à dignidade do ensino.

O espírito de Francisco de Castro - (Da Academia Brasileira)

CLEMENTINO FRAGA

Francisco de Castro conservou intacta a índole egregia mantida em linha impecável, conforme o conselho de Marco Aurélio: "Se senhor de ti mesmo e guarda teu valor nos dias felizes, como nos dias adversos". Solene de ânimo, era na intimidade tolerante e benévolo; na composição das maneiras e gravidade tinha boa parte, embora no seio dos amigos nunca tivesse abandonado o gosto da anedota feliz, ou o flagrant da alheia curtiúre, sobretudo quando as reverências pessoais acertavam em individualidades conhecidas.

Num artigo sobre "Francisco de Castro, traços íntimos", seu filho, o ilustre e saudoso advogado, do mesmo nome e também já falecido, refere pequenos episódios que recordam a personalidade paterna com aquela feição, que lhe conhecemos da

adolescência. Contava Castro de velho senador, nosomano impenitente, a quem visitara, como médico, noite calada, num cena de comédia: ao tempo em que o chamara, pedira o doente a presença de um amigo, também representante da Nação, na Câmara mais moça, e ao recebê-lo disse e nervosamente: "mandei chamar-te porque sei que vou morrer, e quero que cuides do meu corpo. Transfere-o para a igreja da Lapa. Isso é muito incômodo, em sei... Mas tem paciência".

O outro convidado e perturbado, disse: "Qual incômodo, senador, tenho até muito prazer".

Castro saboreava o fato cada vez que o referia aos amigos. — Em 1894, numa de suas viagens à Coxambú, travou com o chefe do comboio, que o não conhecia, animada conversa.

Pouco antes tinha havido a epidemia de "Cholera-morbus" no vale do Paraíba; comentava o interlocutor: "qual cólera: aqui-lo ferido aos pêssegos verdes".

— E quando acabaram os pêssegos?

— "Foi por causa das laranjas verdes". E acrescentou: "foi uma história do Chico de Castro e do Azevedo Sodré para se encherem. Qual cólera! Foi epidemia arranjada para dar emprego a afilhados".

— Creio bem, disse o nosso mestre tranquilamente: o tal Castro com aquelas suíças e óculos azuis sempre me pareceu um velhaco, mas o Sodré...

— "Outro velhaco". Continuaram amigos, e, ao trocar de trem, quando se despediram, na apresentação ao outro chefe, como lhe não sabia o nome, disse anavel: "Um

hom companheiro, dos nossos contra o cólera".

Castro era naturalmente sóbrio e tinha boa mão nos prazeres e gozos da vida; como Sêneca, fazia da temperança a condição suprema da ciência e da virtude. Certa vez convidara um confratâneo, que, não obstante amigo da mesa, tal nunca queria parecer, fazendo amide grandes gabos à reconvicção sobriedade do seu médico. Ao jantar, não faltaram, para regalar o amigo da boa terra, os famosos pratos da cozinha local.

Servido o primeiro prato, disse Castro ao seu vizinho: "um veneno".

Só o homem concordou e fez passar adiante. A vista da segunda vianda, disse-lhe ao ourar: "isto é um esquadrão de cavalaria no estômago de uma pessoa".

E o convidado recusou.

O terceiro prato era uma variedade rubra e explosiva da cozinha laiana, e dele à mostra, quando o anfitrião vai segregar-lhe o bom aviso, o amigo, levando as mãos à cabeça, disse exasperado: "pelo amor de Deus, deixe-me comer". E comeu tudo, chamadas de novo a oito as comedorias já passadas.

O julgamento dos homens

Francisco de Castro

Devem julgar-se os homens, medir-se-lhes os serviços, avaliar-se-lhes a influência, não quando as ideias deles harmonizam com as da época que os brotam, senão nessa especial conjunção da vida em que foram singulares no seu modo de pensar, quando militaram sós contra as correntes gerais da opinião.

FRANCISCO DE CASTRO — RUI BARBOSA

Não andaram com acerto os amigos de Francisco de Castro, que, levando ao prelo, em comemoração do primeiro aniversário de seu passamento, estes preciosos resíduos esparsos da sua obra, querem de mim em algumas linhas de prelação a este opusculo, o transunto da sua ideia. Faltam-me, tenho certeza, forças, para corresponder a exigência dessa missão pia, a altura da sua grandeza. Sou um dos fulminados por aquele dia fatal; e ainda não volvi a mim da turbacão de ânimo, em que me sobrou.

Acabara a sua habilidade miraculosa de operar em minha casa a salvação de uma vida, que me importava muito mais do que a minha mesma, quando funestos destinos o arrebataram à nossa gratidão e à nossa felicidade. Tinha-nos cabido em sorte recolher os derradeiros benefícios do seu gênio; e mal sabíamos, na efusão do nosso contentamento, que a ironia da miséria humana se apresentava a trocar-nos a sinistra ameaça de um luto na realidade imprevista de outro. Nunca se sumiu nunca dentro os vivos em circunstâncias mais inopinadas. Não foi tão somente sobre os que o amavam que caiu, como o estalar de uma catástrofe, a surpresa temporária. Toda esta cidade se achou atônita numa estupeficação, a que os próprios inimigos da vítima se não evadiriam. Fêz-se entre nós, por toda a parte, grande tristeza, profunda escuridão. Os que se dirigiram à casa ferida pelo raio, tinham a impressão de que o desabar dessa existência subtrairia a nossa, uma defesa irrecuperável, irremediável. Sentiu-se a gente sem segurança, dizia-se, naquela conternência, um dos mais eminentes colegas do mestre. Estas palavras podiam inscrever-se na losa de sua sepultura. Não haveria outras, que definissem tão bem a imensidade da nossa perda e a comoção geral.

Enquanto o enleio dos profissionais se debatia no estranho mistério do caso, o coração dos amigos resistia à evidência trágica da desgraça. Dir-se-ia que a morte se estava comprazendo em desmentir-se no semblante do morto. Não lhe havia nas faces vestígio de sofrimento. Naquela fisionomia não se divisavam as sombras de além. Passara de uma a outra vida sem sobresalto. Estava-lhe no rosto uma placidez quase sorridente. Eram as mesmas cores. Na palidez habitual do gesto revia a bondade, a simpatia, a doçura do costume. Custava a crer que aquelas palmeiras nunca mais se reergueriam. Não faltava senão que, de repente, as vestes talares, que o envolviam, se agitassem nas suas dobras, e outra vez ali se levantasse o professor entre os que o cercávamos, buscando com os olhos o círculo número dos seus alunos. Foi assim que o vi no seu leito mortuário, e pude figurá-lo vivente. Ainda um dos mais ilustres professores da Faculdade, sob o prestígio irresistível daquela tração póstuma da vida como a do sol no céu de certas tardes de verão, lhe tateou as catástrofes já inertes, em busca da circulação, cujo movimento havia muito se extinguiu. Mas bem depressa, como os raios vespertinos da luz solar, se despediam melancolicamente de nossa última ilusão, e aquela fronte ovalhada das nossas lágrimas desidia a noite irreparável, apenas com os seus olhos estrelados da remota esperança celeste. Quando entro a contemplar outra vez, desta distância, aquela tranquila e suave imagem da vida já no regaço da eternidade, não chego a entrear a bella morte piadosa de LEOPARDI, mas compreendo a formosa inspiração do estatário grego, pondo entre os

bragos na Noite, filhos gêmeos das suas entranhas, presos um ao outro por um belo inseparável, o Sono e a Morte. Felizmente o cristianismo povoa de uma divina realidade o vasto sonho helênico, e a poesia que ela encerra, se nos reconcilia com as iniquidades da morte, verte ao menos outro bálsamo para as suas incuráveis feridas.

Os escritos que se enfileiram nesta brochura, pertencem à obra menor de Francisco de Castro. São labores de ocasião, frutos dos seus breves lazeres, diversões em que esparceira o ânimo nas raras horas sucessivas de uma vida absorpta na profissão e no estudo. Mas todos eles descobrem o homem de letras, o artista, o pensador, o cliente. Nenhum desliza ao vulgar, ou ao mediocre; nenhum se perde; nenhum desafia da harmonia de sua superioridade. Por todos passou um grande espírito, e em todos se embebeu o cunho de uma dessas entidades extraordinárias, que das jóias da coroa da criação vem parar uma ou outra vez às mãos dos homens. Em cada uma dessas amostras do seu fulgor não sabe o ouvinte que mais admira: se a pureza das letras, se o extremo do estilo, se a copia do saber, se a segurança do pensamento. O ouvinte, digo eu, porque sua palavra impressa, pela verdade, pela não, pelo calor, pela magia, lhe transfigurou os discursos escritos no orador que os proferia, e dá-nos a ilusão da tribuna, da eloquência viva, da palavra falada a cair dos seus recitatórios de ouro nas almas comovidas.

Deixar-se dessas crenças a que ele elocubrava para a sua recepção na Academia Brasileira. Não é mais que um começo de obra darta. O marmoreo ainda não recebera o de-mão, que havia de aprimorá-lo. Nos entalhes, nas aristas, nas esculpuras mal debastadas, nas vastas lacunas, que a reticência assinala, se está vendo que o esculpido não concluiu a sua tarefa, que a matéria não recebeu, com os últimos cuidados a plenitude de sopra erector. Nas linhas captaes, porém, nas grandes linhas avulta a beleza das formas, despendendo animadas pela corrente de uma ideia poderosa. Uma ampla fisionomia desce do alto sobre o espírito, de cujos côrtes como que se vê irradiar o papel a chama inspirativa. A apostrofe de Tannay sal-lhe debuxada numa vasta síntese social, em que a visão dos supremos interesses humanos discorre como um rio de água os cimos do pensamento.

E ele, satisfeito os seus esculpados de arte, ultimado o trabalho que ceterava pacientemente, o levava à Academia, ansiosa pelo acolher, sua audição naquela assembleia de espíritos, ter-nos-la dado um dia ateniense. Aquela natureza de escol, teria recebido enleio de seus confrades, como um dos primeiros entre os seus pares, a sacração literária, que lhe tocou. Ali chegara, não como sugeria a sua delicadeza, pelas vozes da indulgência, mas pelo consenso unânime dos mais severos. Nem era a amizade que se encarregava de recebê-lo, como ele modestamente dizia, aludindo à incumbência, que se lhe competia de responder-lhe no discurso inaugural. Individualidades de seu porte nunca haviam mister que a natureza nos leve, e exalte. A douta corporação chancelera apenas o subtraiu universal dos competentes, reparando o descalço, que do número dos seus fundadores lhe excluiria injustamente o nome. A amizade cabia, talvez, entretanto, seu papel naquela festa malograda, o de espelhar, nos olhos dos que lhe admiravam a inteligência, um coração ainda maior, refletir na intimidade os públicos e seus azuladas transparências

de uma grande alma retraída e avara os segredos da sua bondade. Delela experimento eu ainda agora, de além túmulo, o influxo carinhoso na selene alusão do seu discurso cancelado pela morte, a um afeto que se nutria, em mim, de admirável ainda mais que as tentativas, e, hoje, as saudades, embora amarissimas, do que nele perdi não são tanto como o sentimento do que com ele perdi todos.

Era Castro, em nossa terra, a mais peregrina expressão da cultura intelectual, que humilha conheci. Tenho encontrado entre os nossos naturais, não inventores, artistas e sábios. Mas nele se me deparou entre brásculos, o primeiro exemplo, e único até hoje, a meu parecer, de um sábio num artista. Na exploração da verdade, ou do belo, como no amor ativo do bem, era a mesma excelência, a mesma primazia, a mesma facilidade elegante de quem se acha no seu, e na consciência dele se move como no seu ambiente nativo.

Sua linguagem derivava da mais cristalina vela portuguesa. Passando-lhe pela boca, ou pela pena, rejuvenesce muitas vezes o dizer antigo, sem deixar do seu sabor, da sua energia, ou da sua vernacularidade. Com a mesma competência frequentava as regiões mais estranhas da literatura e as mais áridas asperas da filologia. Tinha a sua erudição as raízes no mais fundo e misélico conhecimento das humanidades, que possuía, amava, e utilizava magistralmente. Não citava de segunda mão os seus textos: brota doles na fonte. Profundava com prazer e desembaraço, no latim, as origens de nossa idioma. Dos que lhe são parentes germanos tratava os livros e usava a prática não como as mais das vezes se costuma, por assombrar, em transplantes espúrios, no dizer e escrever, conhecimentos aparceiros, não sabendo, e amovendo o que sabia, com a proficiência, a firmeza, e o critério do sábio leitor. Nas línguas saxônicas não era menos sério e seguro seu cabedal. Tinha com o inglês, em que se exprimia corretamente, as relações mais familiares. Na sua biblioteca emparelhava, em estanteção e uso, com o dicionário de Littré, a obra, ainda mais monumental, de John Murray e da Sociedade Filológica de Londres. Ensinara o alemão, e nele falava como no próprio idioma. Dessa imensa provisão mental, porém, não retirava, nas suas manifestações orais ou escritas, a menor preocupação. Toda ele se fundia desestada e harmoniosamente na expressão natural das suas ideias, sem que o orador e no prosador resumisse o gramático, o filólogo, ou o erudito.

Não é dele, pois, que se poderia escrever como escreveu alguém de certo médico estrangeiro, cujo amor da literatura encarecia apontando, no sabão que lavava, "o mais esmerado dos diletantes literários". E Francisco de Castro brincharia na mesma vocação consumida nas letras e na medicina. Mas era nesta, sobretudo, que se percebia com ele a largueza das bênçãos do Criador. A autenticidade pôs entre os seus duses a invenção da arte de curar. Preza-se Apolo de haver imaginado: Inventum medicinae meum est (1). Os livros sagrados igualmente a contemplam entre as dádivas do Senhor às criaturas condenadas ao sofrimento pela mácula original. "Honore medicum propter necessitatem", diz o Ecclesiastes (2); etenim illum creavit Altissimus. Nem em todos os mistérios desse sacerdócio se manifestava, entretanto, a união da investitura sagrada. Muitos há, nos quais de todo se apagou. Noutros apenas a espaços trans-

luz, oscila e bruxoleia a claridade do selo divino. Em Francisco de Castro ela parecia um effluvio da sua pessoa, afirmando-se distintamente, e sempre, sob a expressão de uma inefável dignidade, a que nada seria comparável, senão à simplicidade que a revestia. Não era só a distinção de sua presença, a calma de sua voz, a nitidez de sua dicção, o império sereno das suas respostas, dos seus conselhos, das suas soluções, que já o privilegiavam, se revia nele uma emanção do interior, que lhe punha a evidência nos lábios, a persuasão no olhar, no vulto, cujos toques vislumbavam a effigie de Cristo, um lume de inspiração, nas palavras, autoridade irresistível. Entre as provações mais tristes do seu ministério, ainda à cabeceira dos enfermos perdidos, o mais célebre, o mais simplista, escutando-lhe os prognósticos e preceitos, havia de confessar a ciência: Est quidam medicus certus (1).

Um dos artificios contra ele tecidos pela inveja, que nunca se lhe despregou do encalço, era desfazer no médico, exaltando a eminência do professor. No magistério, isso sim, gloriava-se, que era ver a sua grandeza. Mas a verdade está em que maior do que aquele professor ao aquele médico. Quem ouvisse unicamente o didático, não podia culpar o que era e quanto o excedia o facultativo. No seu maravilhoso tratado de propedêutica (2), há uma página singela e austera sobre o valor, no exame clínico, do "modus faciendi". "E nessa exploração", adverte o autor, "executada segundo regras idôneas, que reside o segredo do seu êxito e a condição da sua prescribibilidade. Mediante a observância dos processos investigativos, dos seus requisitos essenciais, das suas formalidades interpretáveis, amide alcança o clínico ver o invisível, e palpitar o insondável. E certo que entra nessa operação analítica um pouco de aptidão inextinguível do observador, um pouco desse produto, porque, assim o elegamos, do incoincidente que todos trazemos como a mais sólida camada da nossa organização psicológica. Mas, nem por isso, menos fecunda é a ação da arte". Assim se exprimia. E estava vendo que, no inculcar com esta severidade a disciplina dessas regras, em si mesmo cogitava o expositor, que de sua aplicação foi sempre estrito modelo. Mais de uma vez o viu, em casos misteriosos e sutis, escotar sistematicamente a série das provas explorativas. Sentia-se, em tais momentos, que não era um lutador vulgar aquele, cujo espírito arcava com essa confiança imperturbável contra as exatitudes do ignoato nos recessos mais obscuros do organismo humano. Enquanto a vista, o ouvido o tato, lhe percorriam, no enfermo, toda a escala dos recursos incagativos, dir-se-ia que, por um fenómeno de inversão absurda, se voltara para dentro de si mesmo a atenção do inquiridor, sua insistência, a pesquisa, e buscava em seu próprio ser a confirmação clínica do engano. E que a arte do médico mergulhara e recolhera o fio de suas sondas. Profundezas imperscrutáveis lhe ocultavam em sua escuridão a insegurança. Então, sem esforço, por um ato involuntário da sua exatidão, por uma evolução espontânea do seu tipo, por um movimento reflexo da sua certificação, esse incoincidente, que fala o mestre, e que é o domínio privativo do gênio, o atrai a seus abismos desconhecidos, onde a intuição esclarece de lampejos reveladores, para seus olhos, a imensidade silenciosa e impenetrável.

Essa dom, que caracteriza os grandes clínicos, de frustrar o

sigilo às moléstias mais dissimuladas tinha, em Francisco de Castro, ares de sobrenatural. Uma predestinação raiosa, auxiliada por sua omnívota instrução em vários elementos da medicina, armara-o com o diagnóstico insuperável dos grandes mestres. Em qualquer dos ramos do saber hipocrático alunos e professores encontravam nele um consultor insuperável. Nunca o procurou nenhum, que não tornasse com o que buscava. Fisiologista profundo, patologista superior, prático de experiência infinita e de descorrido inaleável, sua terapêutica era de uma simplicidade ideal. Uma dingnose quase matemática alumava o rumo ao tratamento, e a medicação, reduzida aos princípios de estrita racionalidade, seguia persistentemente o curso indicado. Tão avesso às invenções artificiais, com que a impostura da pseudo-ciência arma a simplicidade dos incultos, quanto às crueldades da rotina ou aos excessos da moda nas ingurgitações farmacêuticas e nos processos da medicina industrial o timbre de sua prática era furar o doente nos meios da terra, buscar o princípio de seus auxílios na própria natureza, e acordar, estimular, encaminhar, utilizar as reações úteis da vida.

Tipo da modestia e seriedade, que poderia ter inspirado a Cícero (1) o seu "modestia, ara honesta", esse talento escondido em amotonia as suas intervenções no círculo estreito do seu gabinete, da sua cadeira e do seu hospital, evitava com repugnância as exhibições mais naturais dos seus humores, e não se movia sequer, para obter a que o despalassem de seus lotes mais justos. Bem me lembra, num desses casos, a sua governança indifferença. Tratava-se de uma alta personagem, cuja salvação era a conquista absolutamente dele. A outro, porém, que lhe veio a suceder, se conspurcaram certas aparências em construir as honras públicas no triunfo. Cortezões e maquiagem, uns por servir no primeiro, outros por magoar o segundo, andaram então, nas ilusões e conversas, a competência a quem mais necessaria o falso vencedor, para desmerecer no verdadeiro. Eu, que apurava e conhecia de perto os fatos, dei-me do escano e perguntei ao defraudado porque eu não ratificava, quanto facili-me seria. Sorriu, e respondeu-me que não valia a pena. "O que eu quero", acrescentou, "é que o doente fique bom".

Religiosamente devoto da ciência que professava, não se fundia, contudo, sobre a totalidade dos seus limites. Ninguém melhor sentia o "imbecillor est medicina quam morbus" (1). Ouvi-lhe um dia estabelecer o percentagem das curas e o quadro das enfermidades e o do ativo profissional na estatística das curas. Era de emorrecer o mais obstinado otimista. Mas o seu bem equilibrado amor da ciência e da humanidade não esmorecia. Estudando um dos mais famosos clínicos de França, o professor Peter nos três volumes de suas lições escrevia um critério bem conhecido: "Sunt parvulae testimonium brilliantissime grande amor da verdade; mas nas contritilhas o que ali por toda a parte se está lendo, é um inavaliável catecismo, e, quanto a ciência, a falta absoluta de fé, associada ao posto do praticante". Era de outra forma, mais sal, mais forte, mais firme, a grande alma do mestre francês.

A despeito das impossibilidades opostas à razão, não desmentiu jamais da fé na ciência, como não perdeu a fé em Deus, mau grado as impiedades da natureza. Circunspecto por essa inferioridade visual nos estreitos horizontes da arte, o praticante francês havia de ser, como foi,

Correspondência de escritores A colaboração de Filobiblion

De Francisco de Castro a Machado de Assis (na apresentação de sua candidatura à Academia Brasileira)

ACHADO N. 3

Induzido a negar as mais esplendidas maravilhas do progresso na medicina moderna, as teorias e os descobrimentos de Pasteur, a empenhar contra as verdades que poucos anos mais tarde estariam no cabedelo comum dos livros elementares, a luta memorável, em que o erro de sua cegueira dobrou lustre aos nomes já insignes de Vulpian, Brouardel e Charcot. No sábio professor brasileiro, porém, a assídua cultura dos grandes estudos lhe trazia constantemente aparelhado o entendimento para as novidades mais altas da investigação europeia com as miragens da ciência superficial; mas as revelações reais da ciência para logo se lhe inflamava o espírito na contenda da verdade.

Das escritas e trabalhos profissionais de Francisco de Castro, de suas contribuições originais para a evolução das idéias na medicina, não sou eu quem poderia falar. Alguma coisa já houve que dissesse com a competência dos entendidos. Outros o dirão de futuro, com vagar e autoridade. Desgraçadamente lhe ficou por acabar o seu "Tratado de clínica propedéutica", produção magistral, que a obscuridade do nosso idioma furta a admiração da Europa. E de auctor que discípulos e amigos, inteirado o commitmentto, de que aos dão hoje o primeiro prelo neste volume, coordenam e trazem à estampa, reunidos, os seus artigos, memórias e ensaios dispersos. Resta-lhe ainda que alguns dos seus melhores alunos saldassem o débito de agradecimento, em que lhe têm de estar, juntando e registando, quanto ser possa, os dissimulados fragmentos de sua experiência e de seu ensino, que a nobre palavra do clínico e do professor semeava prodigamente, entre os que iam ouvi-la, nas visitas clínicas, nas classes, nas enfermarias hospitalares.

Mas a obra de Francisco de Castro está destinada, por sua natureza, a não deixar na imprensa mais que alguns trechos, por onde apenas lográramos os que o não conheceram estimar a grandeza magnífica de todo, como por um deo se mede a estatura de um gigante, ou por um osso da estrutura perdida uma dessas espécies extintas, cujo desmarcado tamanho nos assombra. Por que a obra de Francisco de Castro está em sua vida, cuja modestia, cuja benemerência, cuja inteireza, cuja fecundidade, recorda a desse bom e grande Potain, "o melhor dos homens e o mais perfeito dos médicos de seu tempo". "honra e modelo do corpo médico em seu país e, como aquela se resumira neste depoimento, aplicável assim a um como a outro: "grande sábio, portentoso clínico, mestre incomparável, benfeitor colidiano", só lhe faltou viver mais, porque se lhe pudesse dizer, como se disse ao patriarca e oráculo da clínica francesa: — "Todo o mundo vos faz justiça". Este era moço ainda, e não viveu na mesma atmosfera de civilização para que a justiça vingasse emudecer todos os apaixonados, todos os néscios e todos os maus. Mais dez anos de existência benfiteira e aureolada que curava, teriam crado em torno de suas lições a escola da medicina brasileira, e derredor de seu nome ampliado um horizonte de celebridade e respeito, onde, sem rivais, dardelasse na majestade plena de sua luz.

A moeldade, porém, que ele amou, e que resistiu, por sabê-la amar, teve o presentimento desse zenite, cuja glória mais fados atalharam, saudando-o, os seus entusiasmados de vidente, como "o divino mestre". Por esse epíteto em vão resvalaram os remodios da inveja. Entre os que o conheceram, ficou-lhe o culto e há de perdurar.

Rio, 31 de julho de 1899.
Exmo. Sr. Machado de Assis,
Tenho a honra de apresentar a V. Ex. a minha candidatura a cadeira do pranteado Visconde de Taunay. Sinto, melhor do que ninguém, que me falhem títulos em que se possa autorizar semelhante solicitação. Mas, o desejo de aprender no sábio grêmio, que V. Ex. tão dignamente preside, absorve em parte o meu arrojio. Outra parte só a cumplicidade generosa de alguns académicos, sem cuja insistente animação certamente me não proporia ao lugar que se vai preencher.
Queira V. Ex. desculpar-me e aceitar os protestos da minha elevada estima e firme admiração.
Francisco de Castro.

"Rio, 31 de julho de 1899."

Exmo. Sr. Machado de Assis.

Tenho a honra de apresentar a V. Ex. rogando-lhe que a submeta ao veredictum da Academia Brasileira de Letras, a minha candidatura a cadeira do pranteado Visconde de Taunay. Sinto, melhor do que ninguém, que me falhem títulos em que se possa autorizar semelhante solicitação. Mas, o desejo de aprender no sábio grêmio, que V. Ex. tão dignamente preside, absorve em parte o meu arrojio. Outra parte só a cumplicidade generosa de alguns académicos, sem cuja insistente animação certamente me não proporia ao lugar que se vai preencher.

Queira V. Ex. desculpar-me e aceitar os protestos da minha elevada estima e firme admiração.

FRANCISCO DE CASTRO.

MEU PAI — Aloysio de Castro

(Continuação da página 120)

tim com o coração. Horácio, com a boa graça, entrou a encantar-me e com Virgílio me encantou para o resto dos dias; e eu passei a viver em Roma, em Roma onde ainda hoje vivo. Quantas outras vezes, com lústo sentimento de veneração, me extasiar na benemerência do meu pai. Quando comecei a frequentar o hospital na minha iniciação médica, ali chegava pela manhã em sua companhia. Eu notava que meu pai entrava apressado e olhava para o chão. Moço, eu distraía curioso os olhos para a direita e para a esquerda. Mas um dia ele me observou: "Num hospital não se olha para os lados". E como no meu ar percebesse interrogação, logo explicou: "Entre os que esperam a consulta gratuita, numa sala de bando de hospital, lá pôde haver alguém que não queira mostrar sua pobreza". E então eu compreendi, nesses simples gestos de discrição, o que era o respeito pelo pudor dos outros.

Num outro dia, durante a lição, eu vi Francisco de Castro interromper por momentos a preleção, abaixar-se, tomar ele próprio a escarradeira e oferecê-la carinhosamente ao doente, que nos impetos de um acesso lossa sem cessar. Com a austera figura emoldurada na

sua elegante sobrecasaca (naquele tempo os médicos ainda não tomavam o avental na enfermaria), eu vi e ouvi a lição quando ele, voltando-se para os alunos, disse, impondo as mãos: "Isto se faz aqui no hospital, com o indigente, a quem temos por honra servir. Lá fora, na clientela privada, na casa dos ricos, não desça o médico ao papel do enfermeiro, para que não se tome um ato destes como dedicação interessante".

E então percebi o que era a dignidade do médico.

Que perfeita compreensão do exercício clínico tinha Francisco de Castro.

Amos os dois, certo dia, meu pai e eu, então já estudante de médico, pela rua dos Ourives, quando ele se deteve, saudado por um senhor alto, bem apessoado, de aspecto sadio e de ar contente, porque falava muito, e a loquacidade é uma das formas do contentamento. "Ah, que clima", dizia o homem. "Que maravilha, ameno, igual o céu sempre lavado. E que leite, o de Minas!" Francisco de Castro escutava, o olhar um pouco vago, batendo afirmativamente com a cabeça. Não se acabava o panegírico, sempre a mesma história. "Que clima maravilhoso!" Eu, esperando, já me sentia enfiado; meu pai, ao contrário, continuava a

Joaquim Gonçalves Ledo é das figuras mais interessantes que participaram do movimento da Independência política do Brasil, pelo seu liberalismo exaltado e pela sua dedicação à causa nacional. As virtudes civicas desse republicano ficaram demonstradas em mais de um lance que os biógrafos registam; sua ação intelectual confirmam-na os escritos patrióticos, que acenderam na época um entusiasmo incoercível pelas idéias de liberdade em todas as classes sociais.

Foi um polemista, um agitador, quase um revolucionário, e que os brasileiros ainda não prestaram a homenagem que lhe devem. Porque Ledo merece alguma coisa mais do que as polfantes costumeiras, com um retrato inventado...

Sua ficha bibliográfica está incompleta no meritório Sacramento Blake (*Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, IV, 114-146, Rio, 1898); precisa revisão mais cuidadosa, da qual há de sair ampliada de novos números. Nesse sentido convém tomar nota de sua tradução da obra de Aignan — *História do Juri*, que Blake desconheceu, e que apenas Tancredo de Paiva, em suas prestimosas *Achegas a um Dicionário de Pseudônimos*, n. 597 (Rio de Janeiro, J. Leite & C., 1929), citou:

— *História do Juri*, por Mr. Aignan. Traduzida em vulgar por J. G. L. — Rio de Janeiro. Na Typografia de Silva Porto, e Comp. 1824, in-4, de X + 199 pp. índice e lista de subscritores que foram 185 para 230 exemplares. Entre os subscritores há uma dúzia de nomes notáveis, como sejam Bento da Silva Lisboa, brigadeiro Domingos Alves Branco Moniz Barreto, conselheiro Francisco Alberto Teixeira de Aragão, Guilherme Westin, conselheiro José Albano Frangoso, dr. José Maria Bontempo, cônego Januario da Cunha Barbosa, Luiz Joaquim dos Santos Marrocos (o tal das *Cortas familiares*...), Manuel Maria Bergaro, dr. Ovidio Saraiva de Carvalho e Silva, Paulo Fernandes Viana e conselheiro Vicente Navarro de Andrade.

A citação de Tancredo Paiva faltava a comprovação, necessária no caso, por isso que J. G. L. tanto podia significar Joaquim Gonçalves Ledo, como qualquer outro nome a que se ajustassem aquelas iniciais. Mesmo porque as traduções são extranhas à sua produção literária. Mas o bibliógrafo, que herdou o timo do velho e saudoso livreiro antiquário, que foi seu pai e seu mestre, acertou dessa vez, como de tantas outras. A versão do livro de Aignan é realmente trabalho de Ledo, como se documenta agora com o seguinte *Aviso do Diário Fluminense*, de 27 de outubro de 1824:

"Na loja de livros de João Pedro da Veiga se subscrive para a impressão da obra intitulada *História do Juri*, escrita em Francês por Mr. Aignan, da Instituto de França, e um dos autores da *Minerva*, e traduzida em vulgar por Joaquim Gonçalves Ledo. — O preço é 1\$600".

A loja de livros de João Pedro da Veiga, onde ao tempo se faziam as subscrições dos livros que se imprimiam no Rio, era situada à rua da Quitanda, canto da rua de São Pedro.

Foi a indiscreção do patriarca dos livreiros nacionais, que revelou o anonimato, que Ledo parecia querer modestamente guardar.

Castro me não viesse uma alta lição. Meu espírito se afeverou no seu exemplo, e nas páginas íntimas da minha vida sua imagem se albeia como a de uma divindade. Nossa união subsistirá no tempo. E se um dia pudesse abrir-se na lousa que me cobria ao lado do seu túmulo, seja só: "Este amou o pai".

O Estado estimulador dos indivíduos

Francisco de Castro

Intervenha, ou não, o Estado no foro social. Mas se não deve assistir com a sua tutela ao engrandecimento e bem estar geral, agregando pelas coações do interesse coletivo os egoísmos dispersos; se não deve multiplicar no solo pátrio os focos de atividade produtiva; se não deve estimular e dirigir na missão das classes laboriosas a eterna revolução do trabalho; ao menos não esmoreça o arrojio dos iniciadores, não quebre os instrumentos vivos desse otimismo providencial, que busca pela força das idéias antecipar o futuro, precipitar os sucessos, resumir em poucas horas a secular germinação dos princípios, aproximar a maturidade das coisas.

(1) — Entre esse, o dr. Elias de Barros, no seu ensaio biográfico, sobre o prof. Francisco de Castro (Rio de Janeiro, 1902).

Espírito literário e vulgaridade

FRANCISCO DE CASTRO

O cenáculo das letras é com efeito o teatro das maiores prerrogativas e excelências do espírito humano. Em todas as épocas e sob todas as latitudes aí se encontra a região das águas. A mediocridade ainda alguma vez alcançará imperar no mundo sob as formas santas da democracia; não lhe custará vencer, porque é o número, é a massa, é a força, é o peso esmagador e bruto; vencerá em nome dos princípios naturais: instituições, costumes, leis, fundações, sólidas ou

caducas, tudo poderá impor ou derrocar, mas nunca terá nas mãos o governo das letras. No âmbito delas as almas sobrançelas a condição do terreno, embelem-se nas alturas incorruptíveis; refugiam-se nas paragens que a imaginação povoava e o mistério ilumina; banham-se nas auras fagueiras de outros céus e de outros horizontes.

Com o elemento mediocre começa a ação corrosiva, a batalha dos vermes no corpo inanimado, o despenhamento profundo sob o martelo das raças decadentes. E' o momento das aberrações literárias; os levitas abandonaram o santuário poético; fecham-se para a arte as perspectivas frementes de luz e de vida; a estética refugia dos seus tipos orgânicos a flor da beleza moral; a perseguição do gosto cria escola e prospera em discípulos; a envergadura dos condores, habituada a escalar os pináculos andinos, passa a ter por medida os surtos razos de uma literatura de galinheiro.

A vulgaridade não vai com o espírito literário; são entidades contrapostas; ele é um poder aristocrático por excelência; ela é por excelência um poder nivelador; e a nação em cujas letras frutifica o germe da mediania, é um organismo líquido. A inferioridade espiritual tem o seu relevante papel na materialidade ou no industrialismo da vida prática. Mas penetre no território da vida sublime, e logo degenera nessa florescência estéril e maligna, que a cada instante cotas.

bra mais arrojo e toma maior licença, até suplantará a cultura das idéias gerais, extinguir a chama das inspirações superiores, calar nas vozes proféticas do coração as promessas do futuro. Nada resiste ao contacto de tamanho flagelo; dissolve-se a semente benévola de uma flora maldita, transformando as verduras da terra, as fertilidades e medrões dos torrões abençoados, as novidades da natureza virgem, numa larga vegetação de folhas mortas.

Notícias literárias

1 — Alphonsus de Guimarães, o grande poeta brasileiro, parece estar — hoje, que passam quarenta anos sobre sua morte — mais vivo do que nunca. Há três anos saiu a excelente edição de suas "Poesias", mandada fazer oficialmente pelo Ministério da Educação, e trazendo notas e estudos de Manoel Bandeira e João Alphonsus.

Agora está anunciado o aparecimento da "Ídola de Alphonsus de Guimarães", escrita por João Alphonsus. Esse livro deve ter acompanhado de um estudo do sr. Emilio Moura sobre o encaixador poeta de "Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte".

2 — O sr. João Alphonsus anuncia, além desse livro sobre Alphonsus de Guimarães, um novo romance, que se intitulará "Montanha".

3 — O sr. Herman Lima, que publicou, ainda este ano, o seu "Na Ilha de John Bull", crônicas de sua permanência na Inglaterra, anuncia o aparecimento de um próximo livro de viagens, intitulado "Outros céus, outras mares".

4 — A poetisa Rosalina Coelho Lisboa, que há tanto tempo se tem conservado distante do contacto com os seus leitores, terá proximamente o seu nome figurando em novos volumes, nas vitrinas das livrarias. Desta vez deve a autora de "Rito Pagão" publicar um romance, de ambiente e ação bem brasileira.

5 — O sr. Onestudo de Penafort tem publicados quatro livros de versos — "Escumbrós Floridos" (Tip. Besnard Frères, Rio, 1921); "Perfume e outras poesias" (Ed. Pincho de Melo e Cia., Rio 1924); "Interior e outras poesias" (Ed. Anuário do Brasil, Rio, 1927); "Espírito digno — Jogo da Noite" (Ed. Terra de Sol, Rio, 1934). Salvo "Perfume e outras poesias", todos estão esgotados.

O brilhante poeta é também autor de duas notáveis traduções — uma do francês — "As Festas Galantes", de Verlaine (Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1934); e outra do inglês — "Romeu e Julieta", de Shakespeare (Ed. do Ministério de Educação e Saúde, Rio, 1940). Anuncia agora o seu Onestudo Penafort o aparecimento de mais três livros — as "Poesias"; "O Mistério político" e a "Grinalda Verlainiana", sendo este último uma coleção de traduções do grande poeta francês.

A VIDA E' DE CABEÇA BAIXA

ALVARO MOREYRA

IGUAL

A gente vai indo, vai indo. Um dia, estava de repente Olha para o céu, olha para o chão. Olha para a frente e vê os outros que vão indo, vão indo. Olha para trás e vê os outros que vêm vindo, vêm vindo. O princípio, ninguém sabe. O fim, ninguém imagina.

— Eh! companheiro! que é que você está fazendo?

— Estou vivendo, igual a todos.

Igual...

E a gente recomeça. Vai indo, vai indo. De cabeça baixa. A vida é de cabeça baixa...

ARREPENDIMENTO

Seu Caleia era gago e inventor do "Óleo de Capivara" — poderoso fortificante". Tinha uma farmácia na rua Voluntários da Pátria, perto lá de casa.

Quando eu passava pela farmácia e via o dono na porta, tirava o meu gorro com o maior respeito, só para ouvir seu Caleia gaguejar:

— Como vais... Mo... Mo... Mo...

Até ele concluir: — Mo... reirinha? — eu ficava parado. Depois, punha o gorro e seguia, sério.

Seu Caleia me achava um menino muito bem educado.

Mas eu gozava seu Caleia.

O PRIMEIRO SALARIO

Com os meus dentes vieram dois fora do lugar, trepados na frente. O dentista disse que precisava arrancá-los.

— Não!

Meu pai prometeu, se eu deixasse, que me dava duas moedas de dois mil réis.

— Da mesmo?

— Dou.

— Então eu deixo.

Deixei e ganhei duas moedas de dois mil réis. O primeiro salário...

Desde aí, os dentes não me renderam mais nada.

PARADA

Mais triste do que ter saudade é não ter do que ter saudade...

A MORTE DE GUILHERME

Guilherme e Fritz eram donos de uma papelaria em São Leopoldo. Todos os domingos, meu pai ia me buscar no colégio e, de volta, entrava na casa de negócio dos dois irmãos. Uma vez, não estava o Fritz. E vestido de preto.

— Que é isso? Está de luto?

— Sim, O Guilherme...

— O Guilherme morreu?

— Verdaderamente.

— Como?

— Terça-feira. Ficou muito pálido, muito pálido. Deu um grito. Eu corri. Sentei ele naquela caderra, pergunt: que tens?

Respondeu: na peito, na peito. Eu disse: espera um pouco. Foi correndo chamar o doutor Kessler. Então, o doutor Kessler veio. E então O Guilherme morreu.

MARGEM

Há a palavra solidão. Não há o sentido dela.

DESTINO

E' um pássaro pousado, quieto, na ponta de um ramo. E, de repente, abre as asas, se atira no espaço, voa. E' outro pássaro.

1908

Porto Alegre, em mim, é sempre uma cidade de noite. Eu saía para a minha vida quando as primeiras sombras chegavam. E a minha vida ia até a madrugada.

Todas as noites, uns rapazes se juntavam por fim na Praça da Caridade, em frente da Santa Casa, e ali se despediam, conversando, declarando, discutindo, pondo no ar irreverências e fatalismos. Todas as noites e todas as estações. Naquele tempo, as estações marcavam principalmente sentimentos literários. Apesar do frio de julho e do calor de janeiro. Sete rapazes. Carlos Azevedo, o nosso músico. Antônio, o nosso pintor. Francisco Barreto, o nosso crítico. Eduardo Guimarães, Felipe de Oliveira. Homero Prates, eu, os nossos poetas. Cada um com o seu jeito. Nenhum influa em nenhum. Gabriele D'Annunzio influa em todos. Felipe sabia de cor "La Nave" inteira e imitava os homens dos romances da rosa. Homero envolvia as suas horas no ritmo do corpo da mulher fatal da "Gioconda", que, caminhando, desmanchava uma harmonia para criar uma harmonia nova. Eduardo escrevia as "Argilas" no molde dos poemas do homem divino. Antônio desenhava, nas mesas dos cafés e noutras mesas, a máscara sem cabelos e de cavanhague do nosso Criador. Carlos só tocava Wagner porque D'Annunzio estava em Veneza quando Wagner morreu. O Chico expunha a idéia de um livro sobre o tea-

tro italiano, culminado na "Città Morta". Eu escondia uma paixão desviada pela Sirenetta... "L'ultima, che cantò per cantare, per cantare solamente, ebbe la sorte bella. Le sirene del mare la vollero per sorella". Nenhum de nós tinha vinte anos... Clara Della Guardia passava pela nossa juventude, com as mãos bonitas, a voz dolente e aquelas peças doidas... Voltávamos tranzidos dos espetáculos. A grande revelação! Desde o sonho que ela nos dava, vinda de tantas cenas do mundo, ficamos interinos na realidade... A legenda gravada na placa colando no saguão do teatro São Pedro e oferecida por um discurso de Felipe, orientava a nossa exaltação:

"Cosa bella mortal passa, e non d'arte."

A província é a sensibilidade. Da província é que vêm as ilusões, o encanto dos erros bons, os ingênuos projetos que nunca se executam...

Os sete rapazes se dispersaram. Um dia, a loucura destruiu o Antônio. Um dia, a morte carregou o Eduardo. E o Felipe nunca mais veio da Europa...

FALAVRAS...

Palavras de hoje, que tem a docura das palavras de antigamente. Não pelo que dizem: — pelo que evocam...

VICIO

Como gostávamos das "frazes"! Não sacrificávamos nenhuma. A vida curou o vício. Mas, a marca ficou em nós, como fica a marca da morfina, da cocaína, do álcool, de qualquer veneno, nos que abusaram desses blombos. E' preciso uma fiscalização muito grande, um imenso cuidado, para esconder a marca, Marca da fábrica...

RAZAO

Havia em Porto Alegre um mendigo noturno, parecidíssimo com Verlaine. Nós o encontrávamos sempre. Eu dava todo o meu dinheiro ao pobre Verlaine e lhe pedia que me perdoasse. Uma vez, tinha chovido muito, tínhamos bebido muito, e, num canto de porta, o meu velho amigo tremia de frio. Tirei o sobretudo; agasalhei-o. E resolvi sentar-me no meio fio da calçada. Despi o o casaco; torrei o chão. Eduardo protestou:

— Oh! Alvaro! Você vai estragar o casaco!

Já sentado, resmunguei:

— Então você queria que eu estragasse as calças?

ESTREIA NAS VITRINAS

O meu primeiro "livro", com o título "Degenerada", levou uma terrível decompostura de Osório Duque Estrada, que era o crítico literário do "Correio da Manhã". A decompostura principiava assim:

"Num enorme caderno, amarrado com fitas roxas, e que mais parece uma camisa de força..."

INFLUÊNCIAS

A minha geração teve muitas influências. Eça de Queiroz, Machado de Assis, D'Annunzio, Nietzsche, Maeterlinck, os simbolistas em geral, principalmente os belgas, e até Dostoiévski. Mas nenhum dos autores aparecidos de 1911 a 1915 ganhou mais mestres do que eu. A maioria, eu só li depois de saber quem eram meus mestres. Entretanto, se disser os nomes de Antônio Nobre e Jules Laforgue, não posso, para não mentir, dizer outros. Também me puseram numa chusma de escolas. Perli Meid, que se suicidou em 1913, garantiu que eu era da "escola panamariana". Outros, que nunca se suicidaram, garantiram que eu era da "escola simbolista". Ribeiro Couto me fechou, por uns tempos, na "escola penumbriista". Em 1924, fui posto na "escola futurista". Graça Aranha declarava que eu pertencia à "escola modernista". Para Tristão de Alahyde, em 1934, a minha escola era a "católica". Ora, eu não pedi matrícula em nenhuma dessas escolas. Nem na "escola comunista", onde quiseram me internar. Na verdade, eu sempre fui um grande gazeteiro. E eis o que explica a "minha escola" e o que deixo de mim...

QUE FAZER?...

A felicidade andava solta pelo mundo. E nós andávamos juntos por onde a felicidade andava. Desde o céu até aos pântanos mais inconcebíveis. Depois, já dispersados, soubemos da guerra de 1914 a 1918 e da Revolução Russa. Outras revoluções, de outras cores, foram alarmando e isolando a gente de todos os cantos tinentes. Veio a crise. A felicidade foi presa, posta incomunicável. Como o dia de Ano Bom nunca mais amanheceu bom, os dias que se seguiram, sejam e vão seguindo, tem o mesmo clima pesado, seja Inverno, primavera, verão, outono, nascem flores ou cáia neve. Não vale a pena olhar para os lados. E' um perigo olhar para a frente. Consola olhar para dentro. Para dentro e para atrás. A saudade dá tudo que tivemos e perdemos. A imaginação desculpa toda a vida.

Considerações à margem de "Autores e Livros" — MUCIO LEÃO

Quando, a convite de Casimiro Ricardo, aceitei a incumbência de organizar o suplemento literário de A MANHÃ, bem sabia que iria encontrar no caminho todas as incompreensões, e quase todas as más vontades. Não me espantam, por isso — agora que o suplemento de A MANHÃ existe, e existe triunfante — que vão surgindo críticas pequeninas em torno dele.

Uma dessas críticas (ao que me informam) censura *Autores e Livros* por tomar uma orientação pouco atual, dedicando grande parte de suas páginas a escritores mortos. Mas, por Deus, que programa poderia ser mais honesto e mais legítimo do que esse?

E coisa fácil: organizar-se um suplemento literário um pouco ao Deus dará, com tantos os organizados. O repórter, encarregado deste insignificante serviço, dirige-se a quatro ou cinco ou dez sujeitos, que gostam de gastar o tempo escrevendo coisas de literatura, e lhes encomenda artigos, contos e poesias. Todo o mundo, no Brasil, é mais ou menos literário. É raro, raríssimo, haver quem receba um convite desses e resista. Acontece, além disso, que, como toda a gente sabe, cada redação é bombar-

deada, todos os dias, com dezenas de novas colaborações espontâneas (algumas até agressivas), que têm inúmeras vantagens e um único defeito. As vantagens não precisarei dizer quais sejam. O defeito é não valerem para nada. Mas os repórteres, encarregados do trabalho de organizar tais suplementos, não têm nada que olhar para o mérito literário das páginas que lhes chegam às mãos. A única coisa a considerar, é que elas são gratuitas e é que são em número tal que dão para encher as numerosas colunas disponíveis da folha. O resultado é este que vemos: os suplementos literários, no Brasil, com raras exceções, são a própria personificação do cafuncho.

Considero tudo isso, quando aceito a tarefa de organizar o suplemento literário de A MANHÃ. E foi por essa razão que procurei traçar para o trabalho de que me encarregava um plano que quero acreditar seja novo, ou pelo menos não seja vulgar.

Esse plano consiste apenas nisso: em evocar as grandes figuras do passado, dedicar-lhes o melhor do suplemento, fazer-lhes reviver, um momento, na memória, se possível na meditação, dos leitores apressados de hoje.

Uma certa corrente de leitores desdenhará talvez da pas-

sado, acreditando que só o presente vale a pena de ser levado em consideração, nas colunas de um jornal. Tal não é o pensamento de *Autores e Livros*, infelizmente para as pessoas que pertencem àquela corrente. O pensamento de *Autores e Livros* é que existe uma sagrada continuidade na alma de cada povo; e que essa continuidade constitui a garantia essencial da perdurabilidade dos povos. Não é evidentemente respeitando qualquer sujeito do passado, só porque ele pertence ao passado, que iremos criar as puras e grandes tradições de uma literatura e de uma pátria. Mas é venerando no passado o que o passado tenha de verdadeiramente digno de veneração, que vamos criar essas tradições. — São verdades

primárias, que eu me envergonho de enunciar. Mas é preciso dizê-las, porque, embora sejam primárias, há muita gente que as ignora.

Essa integração do Brasil de hoje com o Brasil de outrora, através da obra e do pensamento dos seus maiores escritores, é que constitui, em síntese, o programa de *Autores e Livros*. Temos, com o de hoje, publicado oito números do nosso suplemento, e já temos estudados, na sua obra e no comentário dos seus mais ilustres intérpretes, oito figuras das

mais altas das nossas letras. Fagundes Varela, Eduardo Prado, Inglês de Souza, Raimundo Corrêa, França Junior, Laurindo Rabelo, Machado de Assis e hoje Francisco de Castro, constituem o pequeno grupo, de cuja vida e de cuja obra *Autores e Livros* ofereceu aos leitores as expressões primordiais.

Outras grandes figuras estão a aparecer. Teremos em breve, neste mês de outubro, Casimiro de Abreu, Artur Azevedo e o seu amigo e colaborador Moreira Sampaio, Araripe Junior e Joaquim Serra. Teremos, no mês de novembro, Gonçalves Dias, Julio Ribeiro, Lima Barreto, Francisca Julia, Jackson de Figueiredo, Marília de Dirceu, Lucio de Mendonça, Manoel de Almeida. O ano não se acabará, sem que tenhamos novas expressões da mais alta significação em nossa literatura, como um Tavares Bastos, um Alencar, um Raul Pompéia, ou um Olavo Bilac, tratados no suplemento.

O plano é vasto. E o que ele encerra é propriamente uma larga história da literatura brasileira, organizada com a contribuição dos críticos mais conspícuos do passado, e com a contribuição dos intérpretes mais capazes do presente.

Que plano mais consistente,

mais útil, poderia nortear um suplemento literário? A mim não me parece que haja nenhum.

Se um jornal deve procurar ter um programa de vida e ação, esse programa só poderá ser um: o de levar a cultura ao povo, o de oferecer modicamente às multidões aquilo que os livros não lhes vão levar, porque as multidões — coitadas — não podem adquirir os livros, sobretudo numa época em que eles estão cada vez mais a preços proibitivos.

A finalidade precípua de *Autores e Livros* é, pois, constituir-se uma espécie de história literária, de difusão amplamente popular. Se há nessa avulsão uma tal ou qual cor de inutilidade, essa cor será compensada pela aquisição dos escritores novos, que em cada número estão aparecendo.

Se o programa ainda assim desagradar aos eternos insatisfeitos de todas as eras (sejam eles panfletários terríveis ou não ou sejam), então, paciência.

En é que não me sinto com vocação nenhuma para Moisés — o profeta excelente que, com a magia de sua varinha poderosa, abria as pedras do Horeb e poderia abrir também certas calçadas, mais duras ainda do que aquelas pedras...

Fonética e sintaxe na interpretação de textos

SOUZA DA SILVEIRA

Outro fenômeno de fonética sintática: a absorção (digamos assim, por brevidade) a absorção do fonema representado por um a final, no fonema inicial da palavra seguinte.

So darei exemplos de casos em que o fonema absorvente é *l, j, e, z*.

A cada momento observamos a absorção do fonema representado por um a final, no fonema inicial da palavra seguinte. Quando este é o pronome lo enclítico ao advérbio demonstrativo eis ou a formas verbais terminadas em *z*: *eu-lo, vimo-lo, nós disse-lo*, etc.

Para dessas combinações por ênfase, a língua culta atual não costuma fazer a absorção mencionada; mas a língua popular pode fazer, e disse-nos o documento a frase "Vamo lá com Deus!", que se vê na página 124 da edição de 1901 do livro *Os meus amores de Trindade Coelho*.

O conhecimento desse fenômeno permite-nos ver na expressão "que busca lá?" que aparece num verso de Oll Vicente, na cena de *Tudo o Mundo é Ninguém*, um equivalente de *que busca lá?*, segunda pessoa do singular, em que, na referida cena, está sendo feito o tratamento entre os interlocutores.

Do desaparecimento do fonema designado por *s* final, num *z* seguinte, encontramos, bela exemplificação no verso de Gonçalves de Magalhães: "Ma za que sacudiste a espessa treva", que pertence a poesia *A sepultura de Filinto Elísio* e que, salvo o grifo, aparece tal qual ficou transcrito nas edições de 1839 e 1955 dos *Suspiros Poéticos e Saudades*. A expressão "Ma za" está por "mas lá"; o fonema final de "mas" enclatizou-se, na pronúncia, no *z* inicial de "lá", e, por lapso, deixou de ser assinalado na escrita.

Do desaparecimento de fonema indicado por *s* final, num *r* seguinte, a expressão *mão rotas* por "mãos rotas" nos dá excelente documentação, sobretudo

quando surge num escritor como Eça de Queiroz, de quem é o trecho abaixo:

"Se fosse outro, não digo, mas o Brito! E' rico, é um mdo-rotas, cai logo..." (*O Primo Basílio*, 1908, página 362).

A absorção de *s* final num *r* imediato não é muito rara. Nos *Suspiros Poéticos e Saudades* a poesia *O mistério* traz, no verso 56, "A sanguineas bipennes" nas edições de 1836 e 1839, e, na de 1865, "A sangrentas bipennes". O *s* final do artigo *as* sumiu-se no inicial dos vocábulos "sanguineas" e "sangrentas"; e, não pronunciado, foi omitido na escrita, por inadvertência.

Assim, compreende-se que no *Poema del Cid* esteja, no verso 1870, "Alegre son las dueñas" por "Alegres son las dueñas"; que no *Crisfal*, verso 484, se veja: *melhor sejam suas fadas* por "melhor se sejam suas fadas"; e nas *Églogas* de Rodrigues Lobo, página 81 da edição do dr. José Tavares, se encontre: "Deixa a fortuna os haveres, / Que em fim 'todo' são de ventos",

onde *todo* está em lugar de *todos* *são*.

Alinda um fenômeno de fonética sintática, digno de prender-nos a atenção: a absorção de um monossílabo vocálico na vogal em que termina a palavra anterior, quando esta vogal é igual à que constitui o monossílabo.

Epifânia Dias, na sua edição das obras de Cristóvão Falco, cita, entre outros exemplos, este: *quente seque*, que devemos ler "quente e seca". O *e* que constitui a conjunção, foi, na pronúncia, absorvido pelo *e* final de *quente*, e não apareceu na escrita.

Pois bem: o conhecimento deste fenômeno fonético habilita-nos a interpretar de modo satisfatório o sentido do verso "Quando vos primeira vistes" desta linda cantiga que aparece na *égloga Crisfal*:

Não sei para que vos quero, — pois me d'olhos não serviu — olhos, a que eu tanto quis!

Para ver-me fostes dados, / Vós só a chorar vos destes; / e se eu tanto eu quis, / meus olhos vos meus fustes, / Des que neles me quisdes, / de descanço me fugis, / olhos, a quem eu tanto quis!

Meus olhos, por milhas vás / Usas comigo cruzas: / temais se minhas tristezas / para vossas alegrias. / Entram nelas, entram dias, / alhas, nunca me dormis, / olhos, a quem eu tanto quis!

Quando vos primeira vistes, / que não me era bem sabido; / mas, por gostar do que viera, / em meu dano consentistes: / o que então me enrubricas, / agora não decubris, / olhos, a quem eu tanto quis!

Ando-vos a vós buscando / coisas que vos dem prazer, / e vós, quanto podéis / tristes me andais tornando; / agora, vovos criando, / vou a mim chorando me le, / alhas, a que eu tanto quis!

Na minha edição do *Crisfal* dada a lume em 1933, assim li o verso 18 da cantiga:

"Quando o vós primeiro vistes"

Admiti que, graças ao fenômeno de fonética sintática de que estamos tratando, o vocábulo "quando" estivesse por "quando o", e achei que o sentido ficava perfeito.

A moça que estava cantando, increpava os seus olhos porque foram eles que lhe fizeram todos os cuidados que ela tinha.

Os olhos, quando pela primeira vez viram o rapaz de quem ela se enamorou (verso 18: Quando o vós primeiro vistes), bem sabiam que isso lhe havia de resultar em mal; mas, para gozarem de que viam, consentiram no dano dela.

E assim enquanto ela andava buscando coisas que dessem prazer aos seus olhos, estes lhe convertiam em tristeza tudo quanto podiam ver, pois, não vendo ao namorado, nada do que viam poderia trazer alegria a ela, e ali se tristezava.

A construção "quando o vos primeiro vistes", com intercalação de algumas palavras entre o pronome o e o verbo a que ele serve de objeto, é comum nos autores quinhentistas, e tem

perfeito paralelo no verso 471 do próprio *Crisfal*:

"Quando 'a eu así enfi'" / Doer-se de minha pena".

O pronome o designando o amado ausente não é de uso raro, e para exemplificar o fato basta-nos recordar uma cantiga de amigo de Nunes Fernandes Torneol. Nela, a moça, que se morria de amor, vira andar as barcas no mar, e foi vê-las e esperá-las, mas não acabou o amado. E a este amado ela se refere, em toda a cantiga, só por meio do pronome o (advirta o leitor que na língua medieval, se dizia eu fui e, também, eu foi, como é o caso na transcrição abaixo):

E fol-las aguardar / E non "ad pur' arhar: / E moiro-me d'amor.

E fol-las atender / E non "ad pude ver / E moiro-me d'amor.

E non "ad aheol i. / O que por me' arhar: / E moiro-me d'amor.

Reparem no verso: "O que por me' mal vi", em que a moça alude ao rapaz que ela vira por seu mal.

E, em outras palavras, a mesma queixa exalada nos versos 18-19 da cantiga do *Crisfal*:

Quando e vós primeiro vistes, / Que não me era bem sabido.

E essa queixa se repete no correr dos séculos.

Nos trovadores:

Suador fremosa, por meu mal / Vos viron estes olhos meus.

E a que eu quero melhor ra mi / E a que eu por meu mal conheci, / U mi-a Deus foi primeiro ver.

Em autor quinhentista, talvez Bernardim Ribeiro: / De que meus olhos olharam / Em vós seu mal e seu bem, / Se algum tempo repousaram, / Já nenhum repouso tem.

E ainda em João de Deus:

Ver flos em mim / Tais olhos, jamais!

De certo, e assim, / Suspiros e as / Foi o que tirei / De ver olhos tais.

Epifânia Dias entendeu assim o verso 18: Quando vós pela primeira vez exercitastes a faculdade de ver. Mas tal interpretação não me parece muito boa.

Ouso pensar que fui mais feliz do que Epifânia.



Estátua de Francisco de Castro — no Rio de Janeiro —

Uma questão de mitologia nas "Cartas Chilenas"

AFONSO PENA JUNIOR

(Da Academia Mineira de Letras)

II — Joaquim Ribeiro, que vem continuando, com merecimento e brilho próprios, uma das mais famosas tradições das nossas letras, apresentou nestas colunas, a 21 de setembro, as razões por que o não convenceu a minha demonstração, aqui publicada a 31 de agosto, de estar certa a nota do editor literário das *Cartas Chilenas* (1940) sobre o nome *Tethys*, no quinto verso da *Carta II*.

A costumada e invejável clareza da sua exposição mostrou-me, à primeira leitura, que se não tive a ventura de convencê-lo, foi isto devido a um lapso de atenção, ou de memória, e a um engano de apreciação por parte do ilustre polígrafo.

E como estou certo de que ambos pertencemos à estirpe dos que saudam e festejam a verdade, tão logo a conseguem avistar e discernir, volto a examinar, sive ira ac studio, o ponto de nossa divergência.

2 — Parece que Joaquim Ribeiro não terá demorado a sua atenção na circunstância, que deixou assinalada, de que, nos dois manuscritos pelos quais a fazer a edição, Afonso Arinos encontrava o nome *Tethys*, o não *Tethys*, tal qual se vê, também, na edição das *Cartas* de 1863, página 180. Ora, *Tethys* é o nome da nereida, não de Aquiles, e *Tethys* o da esposa do Oceano, mãe das Oceanídes e avó da primeira.

O editor não podia ler o nome de uma, e dizer que se tratava da outra. Disse, por isto, e muito direito, que se tratava de *Tethys*, cujo nome tinha sob os olhos. E a informação ao leitor era, realmente, necessária, porque a grafia oficial tornou homógrafos os dois nomes, que eram apenas homófonos.

Nem havia motivo para corrigir o editor a clara indicação da grafia, porque a sinonímia *Tethys*-mar, isto é, chamar-se o mar com o nome da Nereida (*Tethys*) estava dentro da tradição literária, desde os latinos.

O nome estava escrito *Tethys*, para significar o mar. E este nome *Tethys*, que é o da Nereida, usado pelos poetas romanos, para esse efeito, continuou no mesmo uso entre os maiores poetas franceses, portugueses e brasileiros, como — penso — deixei assentado em meu primeiro estudo. Em vista de tais circunstâncias, que escaparam à atenção ou à memória do ilustre crítico, pareceu inadmissível qualificar-se de errada a nota do editor literário.

3 — O segundo motivo de não ter Joaquim Ribeiro reconhecido a procedência de minhas conclusões se encontra num engano de apreciação que se manifesta nas seguintes frases do seu excelente artigo:

"Afonso Pena Junior diz que o poeta das *Cartas Chilenas* empregou *Tethys* (nereida) co-

mo sinónimo de mar por um tropo muito comum nos poetas latinos: a metonímia.

Ora, para que abandonar o significado direto de *Tethys* (deusa do mar), pelo significado figurado de *Tethys* (nereida)? *Tethys*, deusa do mar, é que é o verdadeiro significado mitológico do mar. *Tethys*, nereida, ao contrário, é entidade de marinha e só por força de metonímia é que pode ser usada como mar".

O fato geral e lógico é que *Tethys* (deusa do mar) representa o mar, ao passo que *Tethys* (nereida) só, especialmente, por metonímia, foi usado, por alguns poetas, como sinónimo de mar. Essa é que é a colocação do problema.

O engano, a meu ver, está em supor que uma das deusas significa per se, diretamente, o mar, ao passo que a outra só por translação de sentido teria tal significado: quando a verdade é que, tanto num, como noutro caso, a ideia de mar resulta de uma metáfora, e é sempre figuradamente que se traduz a palavra mar pelo nome de qualquer das deidades marinhas.

No verbete *Tethys*, assim como no verbete *Tethys*, a João do "Dicionário de Freund-Thell" é só uma: "Metaphoriquement, comme nom appellatif, la mer". E é só uma, nos dois verbetes, a ideia de Forcellini: "Metonimicamente, ponitur pro mari".

Nem outra coisa se tira da própria lição de Brewer, que ficou conhecendo na citação de Joaquim Ribeiro; pois quando nos diz, sobre o nome *Tethys*, que "in poetry it means the sea generally" ("em poesia, significa o mar em geral, ou o mar na sua generalidade"), nada mais está dizendo senão que, nos domínios dos tropos, fantasias e imagens (que isto é poesia), o nome tem este sentido transitivo. E o mesmo se lê na "Britânica", como já vimos, a propósito do outro nome *Tethys*:

"*Tethys* is used by Latin poets simply for the sea".

4 — A repetida contraposição dos qualificativos "deusa do mar", com relação a *Tethys*, e "nereida", "ninha marinha", "entidade marinha", com relação a *Tethys*, parece indicar no ilustre crítico alguma restrição quanto à divindade da última ou, pelo menos, a intenção de assinalar a supremacia da avó sobre a neta. Ora, o caráter divino das Nereídes (sobretudo o de *Tethys*, Anfitrite, Galatéia) se demonstra com um núnca acabar de textos gregos e latinos; e, qualquer que tenha sido na religião pagã a superioridade hierárquica de *Tethys* (se é que alguma teve), o certo é que, na arte, a maior expressão coube sempre a *Tethys*, Anfitrite, Galatéia, e outras, devido à variedade, interesse e beleza individuais. No que, afinal, se deu a sina das avós de serem desbancadas e, até, dominadas pelas netas.

Veem, aqui, a calhar os ensinamentos de um dos colabo-

radores do "Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines" (O. Navarre, verbo "Né-reides"):

"Come leur père, les Nereides sont des divinités bienfaisantes et accessibles".

"Dans l'art comme dans la légende, les Nereides se présentent la plupart du temps en troupe".

Bien de plus naturel, si on se rappelle qu'elles personnifient la multitude des vagues marines".

"Entre toutes ses sœurs, Thetis, qui devient l'épouse de Pélée, est la plus belle et la plus célèbre".

"Le culte des Nereides était répandu tout le long des côtes de la Méditerranée".

5 — O mar do paganismo, como a terra e o céu do paganismo, formigava de divindades.

Assim o canta a bela estância do Camões (Lus. VI, 8):

"No mais interno fundo das cavernas altas, onde o mar se escondia, Lá donde as ondas saem furibundas,

Quando as iras do vento o mar responde,

Netuno mora, e moram as juvenes Nereides, e outros deuses do mar, onde As águas campo deixam às divindades,

Que habitam estas humidas delidades".

E dir-se-lhe que André Chénier tinha lido a estância, quando escreveu a soberba invocação ("Oeuvres Poétiques", E. Flammarion, s. d., pag. 90):

"Dieux de la mer Egée, à vents, à dieux humides, Glaucus et Paléon, et blanches Nereides, Sauvez, sauvez Dryas..."

Algumas dessas humidas delidades, sobretudo as de mitos bem humanos (como as Nereídes, brancas e juvenes), tiveram o privilégio de simbolizar o mar. Em meu primeiro estudo, assinali, além das duas *Tethys* (avó e neta), a *Netuno*, *Nereu* e *Doris*, que aparecem, metonimicamente, por mar, na poesia de Roma. Não sei como me esqueceu de pôr nessa resenha a nereida *Anfitrite*, irmã de *Tethys*, também deusa do mar; pois os poetas latinos e, a exemplo destes, os franceses e portugueses usaram seu nome como sinónimo de mar. O Freund define:

"*Anphitrite* — femme de Neptune, déesse de la mer — de là appellativement la mer: Nec brachia longo/Margine terrarum porrexerat *Anphitrite* (Ovid. Met. I, 14) Illa rudem curso (prima imbut, *Anphitrite* (Catall. 64, 11)).

O Littre, sem dicierpância:

"*Anphitrite* — Terme de mythologie. Déesse de la mer, et, poétiquement, la mer elle-même".

E cita La Fontaine (Fab. X, 2), que se chama "un volain

d'*Amphitrite*" a um habitante de beira mar; e estes versos de Chénier sobre o touro (Jupiter disfarçado) que conduziu Europa através dos mares:

"Étranger, ce taureau, qu'au sein des eaux profondes D'un pied léger et sur tu vois [fandre les ondes, Est le seul que jamais Amphitrite ait paré".

Os nossos Morais e Domingos Vieira assinalam o uso figurado e poético de *Anfitrite* por mar, abonando-o, o último, com o verso da *Insulana*:

"De *Anfitrite* os campos espaciais".

E melhor fora que citasse a Camões, sempre na cola dos latinos, nestes versos deliciosos (Lus. I, 95):

"Destá arte despedida a forte armada, As ondas de *Anfitrite* dividia. Das filhas de Nereu acompanhada,

Fiel, alegre, e doce companhia".

6 — Não foi, de todo, mau tivesse ficado para agora a lembrança de *Anfitrite*, pois abriu-se o ensejo para se ver o que, a respeito dela, ensina o sábio Ernest VINET (cit. Dict. des Antiq., article *Amphitrite*), com inteira aplicação ao que venho alegando:

"Dans l'Odyssée son nom ne signifie pas autre chose que la mer rétentissante, qui enveloppe le monde. Elle est, en est, COMME THETIS, la personnification féminine, et c'est ainsi qu'elle se place à côté de Poséidon ou Neptune, la plus haute expression du redoutable élément".

7 — Se a exegese lógica não socorre a tese de Joaquim Ribeiro, a exegese filológica, que ele alvitra, peca por um vício que se chama em lógica petição de princípio. Não há dúvida que o nome *Tethys*, etimologicamente, significa mama ou nutritor, porque na água tem começo a vida, que sem água perece. Mas, o que se investiga, precisamente, é de qual das *Tethys* falava o poeta. E, repito, nos manuscritos 2.124 e 2.075, do Instituto Histórico, que serviam de base à edição — não se vê o nome de *Tethys*, e sim o de *Tethys*, o qual, pelo que opina Legrand (loc. cit.), "parece depender da mesma raiz que *theos* (autoridade reguladora) e significar, simplesmente, divindade".

Além disto, e muito embora bastante engenhosa a sugestão de que o poeta das *Cartas* teria associado as ideias de regação e o título de *Tethys* (amamentadora), nos versos:

"E apenas, Doroteu, o sol desfilava A descansar de *Tethys* no regaço".

to que, por certo, o levaria a escrever *Tethys*, em vez de *Tethys*, como está nos apógrafos, a associação não é lá muito forçosa e necessária,

tanto assim que Lamartine pôde falar de suas legendas em regaço, com relação a *Nereida*, nos versos com que o *Littre* abona o verbete de *Tethys*, mãe de Aquiles:

"Plongé dans le sein de Thetis Le soleil a cédé l'empire. A la pâle reine des nuits".

E convém lembrar que, ao tempo de Crítilo, os poetas portugueses e brasileiros, de seu manuseio, só se valiam do nome da nereida. Aos muitos exemplos recensados em meu primeiro artigo, aditarei mais um, e bem significativo.

CORTE-REAL que, no Canto XV do "Segundo Cerco de Jiru", mencionara, na intermínua teoria das "humidas delidades", "A Deusa *Tethys*, mãe do Grogue Aquiles", escreveu, no 4.º Canto do "Naufrágio de Sepúlveda" estes versos que lembram as imagens poéticas de Camões, de Bocage, de Lamartine, e de Crítilo:

"Já Febo, reclinando-se nas partes Remotas do Ocidente, milí-guava Os inflamados raios, e o pur-lpureo Leite de *Tethys* ia demandando".

8 — Creio que já é mais que tempo de fazer ponto nesta cavaqueira de velho, com que o antigo estudante do Caraca matou saudade, que não foi brinqueio.

Não o farei, entretanto, sem confessar quanto me intrigaram uns pontos de reticência neste fecho das referências bibliográficas de um artigo, tão generoso e calvinista em relação ao meu, e à minha pessoa:

" — Vide ainda o "Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines", citado por Afonso Pena Junior, tão somente quanto a *Tethys*, deixando de lado a *heia* sobre *Tethys*."

Intrigado, apressei-me a reter a lição, a ver se decifrava o mistério da reticência. Nada encontrei que eu devesse ter dito; ou, melhor, tudo o que ali se encontra fora dito em meu estudo.

Achei, no entanto, duas coisas, que não ficariam mal, em despedida:

A primeira é que, sendo o artigo *Tethys* de autoria do mesmo Adrien Legrand, que escreveu o artigo *Tethys*, e este de 296 linhas, com várias ilustrações, ao passo que aquele é apenas de 16 linhas, sem ilustração alguma, o que deixa mais que patente a nenhuma grandeza e importância, sob o ponto de vista artístico (que é o sob exame), da famosa "deusa do mar".

E a segunda é que o mesmo Legrand arroia cinco poetas latinos em abono da sinonímia *Tethys*-mar, ao passo que apenas aponta dois para abonar a sinonímia *Tethys*-mar, o que contraria a asserção de ser esta última "o fato geral e lógico" e de ser a primeira uma especial metonímia, usada apenas por alguns poetas.

Registo bibliográfico

Livros recebidos

- I — Romanes: — Nello Reis — O rio corre para o mar — 250 páginas — Editora A NOITE — Rio — 1941. — Tasso da Silveira — Só tu voltas? — 242 páginas — Edições da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1941. — Dolcídio Jurandir — Chave nos Campos de Cachoeira — 1.º prêmio do Concurso Vecchi — "Dom Camurro" — 387 páginas — Vecchi Editor — Rio — 1941. — Clóvis Ramalho — Giranda Premio Vecchi de Romance — 158 páginas — Vecchi Editor — Rio — 1941. — Graciliano Ramos — Angústia, 2.ª edição 324 páginas — Livraria José Olympio Editora — Rio — 1942.

- II — Poetas: — José Miguel Ferrer — La Bela del Brasil y otros poemas — 51 páginas — Rio de Janeiro — 1941. — Joaquim Fontes — O Jararacão e as ruínas de Brasil — 170 páginas — São Paulo — 1941. — Aristides Alvarez — Lampejos (Poemas) — Matinás, Meridiano, Vespertal — 1.ª edição — Mil exemplares — 159 págs. — 1941. — Martins Napoleão — Caminhos da Vida e da Morte — Poemas — 126 págs. — Coeditora Brasileira (Cooperativa) — Rio de Janeiro — 1941. III — Contos: — Dinah Silveira de Queiroz — A Sereia Verde — 339 páginas — Capa de Santa Rosa — Inclui os seguintes contos: A sereia verde; Reimundo, Enites e Babina; Bandeira; Fecundo; A Filha das Sombras. — Livraria José Olympio Editora — Rio — 1941. IV — Biografia: — Max Fricus — Recordando...

- (Caras e peris) — Separata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — 318 páginas — Imprensa Nacional — Rio — 1941. V — Sociologia: — Fernando Collage — Ação Social de Luto XIX — Obra comemorativa do cinquentenário da publicação da Enciclopedia Berrus Nevarum — 264 páginas — Distribuidora: Civilização Brasileira S. A. — São Paulo — 1941. — Erimá Carneiro — As autarquias e as sociedades de economia mista no Estado Novo — Obra premiada no concurso de monografias instituído pelo D. I. P. — Decenal da Revolução Brasileira — 222 páginas — Departamento de Imprensa e Propaganda — 1941. — A política econômica do café. — Relatório apresentado ao Conselho Consultivo do D. N. C. pelo dr. Jaime Fernandes Guedes — 31 páginas — D. I. P. — Rio — 1941. — Estudos e conferências n.º 10 — Publicações do D. I. P. — Con-

- tendo trabalhos de Gustavo Caperna, Abelardo Condur, Hunald Cardoso, Olavo de Oliveira, Cirio Vieira da Cunha, Duarte Lima, Osias Gomes, Andrade Bezerra, Paulo Fleury da Silva e Sousa, Ademir Vidal, Menotti del Picchia — 81 páginas. VI — Traduções: — Eugene Lyons — Stalin, Czar de todas as Rússias — Tradução de Aires da Mata Machado Filho — Capa de Santa Rosa — 325 páginas — Livraria José Olympio Editora — Rio — 1941. — Upton Sinclair — O fim do mundo — Tradução de Lucio Cardoso — Capa de Raul Brito — 521 páginas — Livraria José Olympio — Rio — 1941. VII — Literatura infantil: — Sagrario de Severo — Na Casa do Bom — Ilustrações de Maria Hullenhoff — 48 págs. — Biblioteca Infantil Anchieta — Edi-

- tora Anchieta Limitada — S. Paulo — 1941. — Sagrario de Severo — Eu quero ficar um homem — 67 págs. — Ilustrações do Studio Dorca — Biblioteca Infantil Anchieta — Editora Anchieta Limitada — S. Paulo — 1941. — Olga Jaguaribe Ekman Simões — Kulin — História de um indiano — 242 págs. — Biblioteca Infantil Anchieta — Editora Anchieta Limitada — São Paulo — 1941. — Mário da Veiga Cabral — Quatro anos de Geografia — Do acordo com o atual programa de ensino secundário — 308 páginas — 6.ª edição, 51 x 66 x 2 milímetros — Livraria Jacinto — Rua S. José, 53 — Rio de Janeiro — 1941. VIII — Pedagogia: — Prof. Humberto Grande — A Pedagogia no Estado Novo — 100 páginas — Gráfica Guarany Ltda. — Rio — 1941.

CULTURA FILOSÓFICA -

XAVIER MARQUES
(Da Academia Brasileira)

A propósito da Faculdade de Filosofia da Bahia, iniciativa do secretário da Educação do Estado.

Faz vinte anos, no Congresso Nacional, na qualidade de membro da Comissão de Instrução da Câmara dos Deputados, tive para relatar um projeto de lei que concedia certos favores e regalias à Faculdade de Filosofia e Letras, em que se havia transformado a Academia de Altos Estudos fundada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A iniciativa era das simpatias e sobretudo oportuna, fosse qual fosse a sorte do projeto. Suprimindo uma lacuna persistente nas organizações do ensino público do país, criava o curso de escola normal superior, destinado a preparar docentes para os ginásios e as escolas normais elementares. Mantinha um curso de ciências políticas e sociais, e um terceiro, de três anos, cujo programa compreendia, além de outras disciplinas, as seguintes: história da língua portuguesa, filologia comparada, literaturas clássicas e modernas, estética e história da arte, história das religiões, psicologia, filosofia geral e história da filosofia.

A Faculdade de Filosofia e Letras não obteve da câmara as medidas de que necessitava para suportar a concorrência das escolas oficiais. Desavoreadas, mas deixou no conjunto dos seus programas um paradigma de elevada cultura para o Brasil de após a guerra, numa medida em que a legislação escolar, reagindo contra o passado em nome de uma nova concepção realista do ensino, tinha sobrevivido até o bacharelado em letras do colégio Pedro II.

A reação, como ordinariamente acontece, fora longe demais.

Na Alemanha, aonde costumávamos ir buscar sugestões para o nosso regime educativo, haviam adotado tipos modernos de ginásios e escolas reais, onde o ensino de muito lúbrico e literário que era, se tornara científico e técnico em proporção correspondente às necessidades da burguesia industrial e comercial. A Alemanha sabia bem porque assim procedia. No Brasil entendia-se que uma coisa existia a outra. E entinos em chelo num regime extremo.

Ortuna ainda é neste momento, (porque a história se remete) a expansão dessa cultura, humanista e filosófica, sem diálogos, sem perspectiva de provento, materiais imediatos, mas altamente compensadora e tão necessária à vida do espírito como o ar que respiramos.

Sua oportunidade avalia-se pela gravidade da situação mundial. Hoje, como a partir de 1918, quando findou a guerra europeia, a conveniência de erguer o nível mental e moral dos povos, sem lhes tolher o idealismo, constitui para as "elites" nacionais um dever primordial, ao lado das tarefas de recuperação econômica.

Nas épocas mais sombrias da história, em que a força desceida tenta avassalar o mundo e sobre as suas ruínas construir um mundo sem alma: quando o homem se sente decaído de sua dignidade de ser pensante, conciente e livre, precisamos nestas épocas a educação, num sentido mais profundo e humano, se impõe universalmente. Isto ocorre porque entre os imensos prejuízos causados pela tremenda calamidade, o mais considerável não é o dos bens temporais, mas o dos valores espirituais. Urge, então, renovar, por uma educação apropriada, os danos sofridos pela sociedade, em seu patrimônio de crenças, convicções e princípios.

A guerra embriagou de novo uma nação laboriosa e culta, mas desgraciadamente sujeita a

excecrável tirania. A vida humana ficou sem prego. A ordem moral subverteu-se. O fumo das batalhas obscureceu as consciências. Decepcionada pela catástrofe, descrente e desprezada de tudo o que não interessasse às necessidades mais elementares e à própria conservação, a alma dos povos, em todas as regiões da terra, deixou-se invadir por um materialismo rudo, negação dos mais nobres ideais. O homem vacila, duvidando de si, do seu destino, da sua própria hierarquia na escala da criação. E interroga-se: — A inteligência será um sinal de eleição ou apenas um fardo mais apurado e útil do que nos animais? O senso moral será privilégio de nossa espécie? Onde está a decantada nobreza nativa do homem?

As essas interrogações acode uma falsa filosofia, adrede professada, conceituando: — Não falemos no homem. Não há o homem; o que há são "os homens".

Os filósofos dessa escola são devedores remissos, que pretendem haver liquidado suas obrigações com a humanidade. Por este mundo, raciocinam eles, vivem criaturas muito diferentes de nós, cuja evolução, atrasada, as reteem mais próximas da animalidade do que das raças humanas. Esses antropóides, ou que mais própria classificação mereçam, permitem-se a fantasia de contrariar os nossos interesses, e querem gozar os mesmos direitos que nós. Evidentemente pertencem a outra espécie. Se os extinguirmos não nos poderão culpar de fraticídio.

Essa cruel filosofia, de pretensa filiação científica, mas ao certo anti-humana, opunhamos a outra, não serva, mas senhora da política e pioneira da ciência: a filosofia do espírito, da qual deduzimos o dever de solidariedade com os nossos semelhantes.

Resalta aqui o erro dos que entendem que a ciência abrange a vida em todos os seus aspectos e atividades, inclusive a conduta a ser regulada pela moral científica.

Em si mesma, ela foi sempre inapta para fundamentar qualquer sistema de moral. Fundadora talvez o utilitarismo. Tem, apesar disso, os seus mistérios; os seus crenças infalibilistas, como religião revelada pelos sábios. E foi por todos instituída legatária universal da filosofia morta. (V. do autor — *Dois Filósofos Brasileiros* — Letras Acadêmicas).

Confirmando a suposta moralidade da ciência, um país de vasta cultura científica assombra atualmente o mundo com exemplos de egoísmo alem de toda a medida e atrocidades autenticamente selvagens.

O domínio da ciência é a natureza e a verdade o seu objeto. A virtude não é planta originária desse clima, ainda que nele possa florescer e produzir frutos opimos.

Em seus ensaios filosóficos, resumidos por um professor da Faculdade de Letras de Toulouse, Stuart Mill repudiou todo o fundamento naturalista da moral humana. A vida moral, longe de ser uma reprodução ou imitação das leis naturais, é a seu juízo, o esforço continuado com que nos subtrahimos ao império dessas leis e conquistamos a virtude. Assim os cremos, não obstante admitirmos também, no homem primitivo, tendências contrárias ao mal ou bondade inata. Os bons instintos, porém, serão melhores e inspirarão maior confiança, remediados pelo educador e convertidos em hábitos.

O livro da natureza é omissivo em relação ao que chamamos deveres. Viver para si e não para outrem, é uma das lições mais comensais que nos dão a ler as suas páginas. A noção do dever nasceu com a consciência e fortaleceu-se pela educação. A chamada voz do sangue re-

duz-se a silêncio contemporizador em presença de certos apetites bestiais, que a nossa ingenuidade classifica de faltas "contra" a natureza. Serão crimes, de fato, mas contra a "segunda" natureza, formada no ambiente da civilização.

Nem boa nem má, a natureza procede com perfeita indiferença, estranha às sentenças dos seus juízes.

Ganhando em inteligência o que perde em instinto, o homem culto já representa uma vitória assinalável sobre a "brutalidade das coisas". Mas a vitória completa é a que lhe entrega, a demais do mundo exterior, o domínio da própria consciência. E o homem ciente e conciente. A cultura levada a este cima ou a esta profundidade, possibilita o florescimento da virtude no terreno primitivamente adjudicado às uras.

Há, portanto, mais o que ensinar e aprender, além da biologia, cujos limites são bem conhecidos, das leis da física, da química e suas aplicações industriais, da mineralogia e dos preciosos minérios, que acendem a guerra na superfície do planeta.

Não bastam, é claro, os conhecimentos positivos para que o cérebro de uma nação, por suas classes dirigentes, se considere de posse da cultura e capaz de conduzir os povos à felicidade.

Toda a ciência é pouca se nos não instrua acerca do homem interior.

Conhecer-se a si mesmo, — eis o grave problema que vem preocupando, há milênios, gerações de pensadores.

As maravilhas da ciência reclamam a sabedoria do filósofo, afirmam de que não degenerem nas mãos dos homens, em prepotência, tirania, soberba, ateísmo e outros males inventados pelo orgulho e a maldade instruída. A humanidade pagaria assim muito caro os segredos arrancados à natureza. Em confronto com a sapiência dos maus, vale a ignorância das grandes massas humanas disciplinadas pela moral cristã, que não as desampara, e da qual se socorrem os próprios sábios e filósofos desiludidos da razão.

Chegamos finalmente às seguintes conclusões:

— A filosofia especulativa condensada em certo número de conceitos sobre o universo, a vida e sua finalidade, é o pensamento humano pairando nas altas esferas, de onde domina as várias ordens de fenômenos em que se fraciona a unidade do cosmos, isto é, as ciências.

— A filosofia social ou prática, tendo em vista esses conceitos, é o pensamento concretizado em normas de ação, especialmente relativas à conduta do homem para com os semelhantes e para consigo mesmo.

— A cultura filosófica, é, pois, e deve ser, coramento necessário da cultura científica.

"A Paixão de Jesus"

Em nosso suplemento publicado, as datas de publicação e republicação, no "Jornal do Comércio", do artigo de Machado de Assis que tem o título supra, saíram erradas, como pode ver quem apenas olhou aquele trabalho. "A Paixão de Jesus" foi publicada naquela folha, como editorial, em 1 de abril de 1904, e foi republicada, acompanhada de uma nota em que a sua autoria era restabelecida, na edição de 21 de junho de 1939, por ocasião das comemorações do centenário do grande escritor.

A vida e a obra de Fagundes Varela

PAULINO NETO

(Da Academia Fluminense de Letras)

A ADOLESCÊNCIA DO POETA

Mas voltemos ao fio interrompido da nossa história.

De volta de Catalão, Varela vem mudado. Na velha fazenda de seus avós todos o percebem; partira criança brincalhona e desoculada, mas a longa viagem, a ausência saudosa, a iniciação que recebe dos mistérios e das belezas profundas da natureza bruta do sertão, amadureceram-lhe, cedo demais, e espírito infantil e por isso voltava concentrado e triste, nervoso e inquieto. "Vive agora tranca-do no quarto, diz Cavalheiro, o seu exímio biógrafo, com os livros, ou então andando pelos campos sosinho, por horas e horas".

Mas trabalha, completa os seus preparatórios, estudando primeiro em Angra dos Reis, onde foi seu mestre o grande José de Souza Lima, cuja memória os angrenses até hoje guardam com respeito, e onde se liga a Ferreira de Menezes, mulato de talento, poeta e polemista notável e cuja amizade conservará até à morte: em seguida, em Petrópolis com o professor Jacinto Augusta de Matos e finalmente em Niterói com o des. João Candido de Deus e Silva, que não se cansava, colado, de repetir ao aluno: "Varela, nunca serás um bom poeta".

Cabe neste ponto uma anedota que Ramiz Galvão relata. O desembargador e mestre não convenceu o aluno da verdade de seu vaticínio. Certo dia Varela copiou umas estrofes de Camões e em baixo delas assinou seu nome. Neutra folha de almofarçado compôs outras tantas, imitando a maneira do épico dos "Lusiadas" e por cima escreveu: estrofes de Camões. Deu-as a ler ao mestre, dizendo-lhe: "Professor, limitei os "Lusiadas". Que acha de meu trabalho?" E o velho, lendo-as, de pronto respondeu: "Para que insistes rapaz?... As tuas mal imitam o original".

Sorriu Varela e calou-se. Estava informado e satisfeito. Já agora sabia que era poeta ou, pelo menos, que sabia versar.

Estava armado cavalheiro da poesia, poderia ir para S. Paulo, para o grande centro, para a Academia de Direito, ninho de poetas, como a do Recife, e ali preencher a vaga aberta há muito com a morte prematura e sentida de Alvares de Azevedo, "o manco exausto, que no vício embolou, a rir, os sonhos", o byroniano autor da "Noite na Taverna".

VI ESTUDANTE DE DIREITO

Não estamos a fazer uma biografia, nem, por mais forte razão, esta palestra modesta, alinhavada a correr, tem pretensões a curso de literatura. Não pode, pois, perder a feição de um ligeiro esboço, que é de uma figura interessantíssima do homem, de evocação, mais intuitiva do que sabia, de poeta brasileiro. Não seguiremos, portanto, ano a ano, o curso de direito, gorado, aliás de Varela, e, passo a passo, a sua vida incerta de boêmio na velha S. Paulo, sob as arcadas do vetusto convento Franciscano, onde em 1827 se instalaram os cursos jurídicos no Brasil. Ide a Almeida Nogueira, nas "Tradições e Reminiscências" da Academia, ide ao nunca assai louvado estudo de Edgard Cavalheiro, sobre o nosso poeta e vereis então, com um misto de emoção e de entusiasmo, de tristeza e, ao mesmo tempo, de alegria, com um sorriso a ballar-vos entre os lábios, a farfandosa bulhêta das jovens gerações de homens que fizeram o Brasil, passar cantando,

pilheriando, poetando, sorrindo, sofrendo, amando e, até estudando, por aquelas ruas de casas de rotula, de sobradinhos raros, pelas vielas escuras da antiga S. Paulo das esbustandadas e das serenatas, em enxame invadindo o "Bataiara", o teatrinho da rua da Cruz Preta, ou comendo bolos na varanda da "Maria Punga", ovacionando a Minervina e o Furiado, o Moura e a Eugénia Câmara, no velho casarão inacabado do Teatro S. José, ou, então pelas lasecas, cantando modinhas, com o "Moia" boêmio ou com o frascário do "Padre Bacalhau". Vereis então, no meio da revoada romântica dos moços, pelas arcadas e pelas ruas, pelos teatros e pelas tabernas, ou então, sozinho e triste, sonhando, bebendo e poetando sem destino, pelas longas estradas poeirentas, que vão para Tietê ou Sorocaba, para Itú ou Pirapora, passar o vulto de Varela. E tereis, então, o homem no ambiente em que se fez — e perdeu-se, por sinal — o poeta, no cenário, na paisagem humana, onde escreveu os primeiros versos que chegaram até nós e criaram-lhe, ainda em vida, a auréola de poesia, de harmonia e de sofrimento, que desde logo, lhe envolveu o nome.

Poderíamos nesta altura delixá-lo, para estudarmos, então, a eclosão, as fases sucessivas e o período final do romantismo no Brasil. Repetiria aqui o que todos vós sabeis: empresa inútil e fastidiosa. Basta lembrar, para não nos desviarmos muito do objeto que nos reúne esta noite, que o nosso poeta adolescente encontrou ainda o meio acadêmico paulista em pleno romantismo, que atravessava, então, a fase chamada por Silvio Romero, do lirismo específico, cujos representantes típicos foram Pedro Luiz e Varela.

Era um romantismo de brasileiros, excessivo, ardente, matizado por três sangues vários de gente sensual e voluptuosa, romantismo em que errava toda a tristeza

"Dos desertos, das matas e do loceano: Bárbara porocé, banjo africano E soluços de trovas portuguesas;"

romantismo exótico de Byron, cultivado na estufa cálida dos trópicos, romantismo "samba e jongo, chibá e fado", feito de nostalgias, de saudades e de banzo, "flor amorosa de três raças tristes".

Byron, era, então, o grande modelo, o nome tutelar dos românticos que se formaram, digamos na escola paulista do romantismo, onde preponderou, até o fim, a tradição orientadora de Alvares de Azevedo. Dizemos escola paulista do romantismo para marcar a diferença existente entre os literatos cuja formação se processou no sul, tendo S. Paulo como centro e aquele outro grupo, igualmente brilhante e vivo, da que poderemos chamar escola do Recife, cujo padroeiro era Hugo, o olímpico, cujo estilo era condoreiro, cujas florações mais altas foram, por certo, Tobias e Castro Alves.

A fantasia de Byron, cuja hereditiedade carregadamente mórbida foi talvez o condimento que realçou o sabor da obra genial do autor de "Child Harold", coada através da sensibilidade tensa e doentia de ALVARES DE AZEVEDO, criara um clima de desgraça convencional, um ambiente onde o tom era a tristeza. Era-se, então, "infeliz por imitação", disse algum "chorador por si-tém" e Carlos Puentes, escreveu (Continua na página seguinte).

A Vida e a Obra
de Fagundes Varela

(Continuação da página anterior)

vendo a vida de Tavares Bastos aponta com uma fina agulha de observação o mal da gente, que vivia bironicamente, que imitava Byron e repetia Byron, de boa-fé, as mais das vezes, quando observava que por ali imperava uma espécie de bovarismo da Jes-graça... Bovarismo "avant la lettre" dirão porque a expressão só muito mais tarde foi criada por Jules de Gaultier. Não; se a expressão é relativamente nova, o fenómeno que ela traduz deve ser velho como a humanidade: já existia, pois, muito antes, mesmo, da pobre Ema Bovary, tanto que foi desse mal que ela morreu. Esta "tefallance de la personnalité", na expressão do próprio e sutil Gaultier é, afinal, o poder estranho, que, tantas vezes, — infinitamente mais do que se pensa — na partilha de dons que a natureza faz às cegas entre os homens, toca a alguns de se conceberem diversos de si mesmos, diferentes do que são. Os psiquiatras ao que parece, chamam ao fenómeno perturbações da ideia de personalidade. E o mal de tudo isso está, precisamente em que Mme. Bovary nunca chegou a ser uma grande dama, nem uma "grande amora". em que nenhum de quantos sofreram desse mal singular desde os mais remotos tempos até os que hoje, no palco da Europa, comandam o massacre do mundo, conseguem atingir o modelo escolhido e empolgar a personalidade estranha que ambicionam, engastar, vestir no seu próprio eu o eu alheio, como se engasta a gema no adereço, como se veste a luva que para a mão foi feita. Ha, no entanto, bovarismo individual e bovarismo coletivo, bovarismo dos homens e bovarismo das massas; há o bovarismo do sentimento e o bovarismo intelectual, artístico, científico, e uterário. Há o bovarismo de Mr. Homais, e de Pellerin, de Emma e de Moreau e nenhum desses heróis de Flaubert — que foi o analista por excelência desse estranho desvio da personalidade, — nenhum deles se aproximou sequer do tipo bovaristicamente idealizafimento, — real e constante — a sensação do ser que não se realiza, a tortura do genio inconfundível. O grande desvio feito, a angustia de quem está sempre, de constantemente mu-chegar e não chega, o que deve ser e não é.

E é quanto basta para que naquele, que duas forças atraem em direções diversas — a da personalidade padrão e a da personalidade real — todo equilíbrio se altere, toda a harmonia se rompa e um estado invencível e obsedante de duvida, de insatisfação e irritabilidade induza o individuo a evasão de si mesmo, a fuga do. E daí a inquietação, o so- sempre a esperar o que deve dar.

Olhem Varela, peregrino, de bordão na mão, fugindo de si mesmo, vagabundando sem destino nas estradas! Olhem Varela, pelas tasca, se evadindo de si próprio, na fácil evasão da embriaguez!

O bovarismo em Varela revestiu-se entretanto de uma forma muito mais grave do que em muitos daqueles outros românticos de sua grande escola e de sua época. E' que não foi apenas literário; foi sentimental, também e principalmente.

Varela buscou o amor, o grande amor apaixonado — o amor de seus protótipos românticos — sem tê-lo jamais encontrado. Pode ser, por certo, acusado de bovarismo literário, mas esse não lhe desviou a personalidade, de tal modo que lhe falsasse o próprio genio em notas dissonantes.

(Continua na página 144)

Menino valente no hospital de sangue

"Concioneiro do Ausente".

A Casimiro Illicowicks



Eu estava brincando, caiu uma bomba e não vi mais nada.
Depois, acordei: só fogo e fumaça. Critei longamente
Chamando namãe. A pobre não vinha. Sabeis porque.

Ninguém me acudia. Era eu a correr pela casa incendiada.
Logo no dia dos meus anos! Que pena! Tanto presente
Que eu tinha ganho! Agora, aqui estou. Sabeis porque.

De papai não ouvi mais nada. Talvez que ainda ande
Com outros soldados, lutando a cavalo, nos bosques, sem medo
De coisa nenhuma. Lutando com raiva. Sabeis porque.

Bem que eu quisesa ir ter com ele, se fosse grande,
Pegar numa espada — mas de verdade, não de brinquedo —
Pegar numa espada, sabeis contra quem e sabeis porque.

R I B E I R O C O U T O
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

Galeria de nomes ilustres



o escritor Raulino Louro, que está de partida para Cuba, onde vai representar o Brasil na reunião da Comissão de Cooperação Intelectual



CARLOS DE LAET, jornalista e polemista tenaz, glória da imprensa brasileira. No dia 3 do corrente passou a data de seu nascimento



GRAÇA ARANHA, grande romancista brasileiro. Du lauréado escritor foi leuado, no Municipal, com extraordinário êxito, a obra "Malasarte", com música de Lourenço Fernandes



O maestro LOURENÇO FERNANDES, de quem foi leuado no Municipal a obra "Malasarte", que é a transposição para a música da famosa peça de Graça Aranha

SEM QUE NEM PORQUE —

Augusto Meyer
(Do "Caderno Azul")

São as almas do outro mundo que agitam os meus nervos nesta noite chovosa em Botafogo. Fazem perguntas de co-madre enérgica, sem que nem por que, e nem se importam com a lógica das minhas respostas. Vagammente, instigam recriminações entre as gengivas podres. E não obstante, quem aceno o obscuro autor destas laudas, que escreve torto por línguas tortas, tem o humano direito de perguntar?

Quem e onde e como e por que?

Vejam as páginas tantas do livro do verbo uma resposta sem pergunta ou uma pergunta que responde a uma resposta sem pergunta.

Interrogativa? As árvores da praça, o vento e a chuva embriagaram todas as vozes do dicionário num susurro prolongado e confuso, anterior a qualquer sintaxe.

Na vibrante noturnidade, escreverá com as políguas palavras emboladas o derradeiro telegrama sem resposta.

LA'

Foi na praça do paraíso, um dia.

As crianças brincavam de roda. O riso aninhava no ar, andava. Entre os canteiros verdes, vagalumbos manjavam o sétimo sono: a sombra maternal dos guardas. Havia um carinho de mão, para especial di-

vertimento dos profetas arrependidos. E um enorme cartaz proibia a saída.

A mesa estava posta, o vinho servido.

As janelas do hospital, espalhando entre as folhas, refletiam o sol das outras tardes, sempre iguais, e um grito mais agudo subiu para o azul, como a pândega do morro.

As ilusões do futuro miravam-se a beira do lago, sem turvar o calmo espelho com o sangue das feridas. Largava-se o noivo à entrada, como um trapo.

Foi lá que eu deixei enterrado o segredo das horas que voltam, de mistura com a angústia, o frio, o impossível de tudo.

ALFA E BETA

Depois de engulir o quadragésimo quinto e último volume da enciclopédia, o poeta recolheu a inocência animal. Brotaram-lhe asas no entendimento, pois, segundo os preceitos da dulta ignorância, começaria então a ciência dos anjos.

E' verdade que, a essa altura do absurdo, se bem fosse uma conquista, de nada lhe serviria; não sendo conciente, apenas pudera formular-se para guardio alheio, mais ou menos como Alfa e Beta do Centauro, por exemplo, soberbas estrelas que brilham tanto, mas cujo fulgor cego só serve para encher os olhos dos outros.

DIGNIDADE

Queridos mortos, descei dessas molduras solenes, mostrai vossos dentes, pecai novos pecados, caminhai, caminhai! Assim não podemos entender-nos. Eu vão concentro sobre vós todo o poder do meu silêncio, mordendo a língua para não insultar vosso mistério tão doce. Faizei de conta que hoje é feriado nesse país absurdo onde morais, sob o mau gosto cru dos mármore, considerai que um grão de humor jamais perturbará a vossa imaculável dignidade.

O POÇO

Rumores da rua, como um último reflexo no fundo de uma gruta. Silêncio dentro do poço em que vivemos inconscientemente batendo nas paredes do peito, para escutar as pancadas da pulsação.

Alguém falou? As nuvens, as folhas, os ventos não são deste mundo. Aqui não há mais telefones automáticos, nem presença de espíritos, nem o consolo de pensar: mais um dia que passou.

Podes arrancar a pele com as tuas unhas, morder a corrente, puxar com toda a força o fio da tua vida, cantar o hino dos mortos, tocar o tambor.

O VENTRILOQUO

As vezes a impressão penosa

do poeta arrancado subitamente à magia da página composta faz pensar na tristeza que invade o modelo, ao ver-se — não direi retratado — ao sentir-se desterrado no espelho deformante que é o olhar infiel do pintor. Entre o retrato e o modelo, há um muro invisível e intransponível, distâncias de solidão. Põe tinta, mais tinta, mais tinta. Falta apenas um não sei que — e é tudo.

Todas as febres cabem na palavra empanto a ilusão não acorda. A poesia em ação é sempre cega, surda e muda e surda. Mas basta um quase nada para desmanchar essa caixa-lôa de nuvens em que o comedidor de sonhos roncava a sua quimera.

E não obstante, insinua dentro em mim o alarbatão comparsa, arrazando numa jogada as angústias do tabuleiro, por isso mesmo, (o dedo espeta a evidência) por viver caindo da cama, só o poeta sabe o que é despertar, só ele conhece realmente a realidade na sua total indiferença as deformações da fantasia e traz os olhos bem abertos diante da noite sem termo que envolve a nossa vida. Os outros... caminham na cegueira da luz e dormem e comem no imediato, ruminando o seu positivo, que é também outra forma de caverna.

De fundo das entranhas sobe a voz do violoncelo, como um óleo de persuasão.

OLHEMOS OS OLHOS DAS CRIANÇAS

Olhemos os olhos das crianças que eles encerram mistérios;

Dentro de suas pupilas moram selvagens bons,

pairam neles as lendas das terras desconhecidas.

Olhemos os olhos das crianças;

quando com eles cruzamos os nossos olhos

há reconhecimentos súbitos

e reminiscências que revivem.

Que ausência de ouro e prata existe neles!

Que verdes patos relinham em suas colinas!

Que indiferença pelos arcos ricos!

Como se parecem com os olhos dos poetas!

Olhemos os olhos das crianças

desprevenidos de crimes e borrascas,

inconcientes entre o Bem e o Mal,

sempre transparentes como a água e o mel.

Olhemos os olhos das crianças

com seus horizontes claros, claros,

capazes de deixar transparecer

o avô curvado e frêmulos,

o pai de sobrecoisa e a menina mãe.

Fitemos os olhos das crianças

como quem fita um écran

e vê se desenrolar lá dentro

uma história familiar.

Olhemos os olhos das crianças

para repousar nestes céus sem pensamento

a angústia de procurar pátrias distantes

e as constelações que já morreram.

MISERERE NOBIS

Venham os ventos rugir nos corações e venham
De novo as pulsações de febre e o olhar de morte.
Curvo estarei, Senhor, sobre os caixões fechados...

Venham gritos de dor, venham os carinhos tristes
E as promessas de paz inúteis, malogradas...
Venham os sonhos de Eulália, que embriagou de amor a minha
[adolescência...]

Tudo ficou outrora! De novo fere o rio o vô das igaras,
De novo cantam e riem humildes pescadores
E os braços renam e atiram os corpos para a morte...

Já pensaste na morte? Ah! se a morte vier (Nossa Senhora!)
[as noivas chorarão nos quartos das herdades.

Se a noite estranha vier, de borco ficarão os velhos nos caminhos
E os risos serão loucos e vermelhas de dor as longas cabeleiras...

Deixem, por Deus, que eu fique. Há um padre a soluçar me-
[donhas ladainhas.
— Santa Morte! ele diz. E o coro: — Ora pro nobis!
— Santa Loucura! grita. E o coro: — Ora pro nobis!
Senhor, só poderei dizer: — Miserere nobis!
Tantas vezes chorei de brucos nas igrejas,
Tanto tenho pedido em náves, em conventos...

Correm depressa as portas. Fechem as janelas já. Que a dor
[noturna não entre!
Pelos jardins desertos as flores sofrem. E a anada,
A que esperei em vão, ficou adormecida
Entre os secos rusais e a terra dos canteiros.

Meus delírios, Senhor! Vejo a morte chegar num barco minúto
[negro

E ouço o vento gemer, ferido no velame,
Quero partir no mar em busca de algum porto,
De algum ancoradouro onde esquecer as chagas...

Só posso soluçar, Senhor: — Miserere nobis!

(Belo Horizonte, 1941)

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

JORGE DE LIMA

Quando tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito. Não era um canário, nem um papagaio, mas um canário, pequeno e muito bonito, com penas amarelas, andava torto, inchado, e fazia: "Ehi ehi!"

Luciana recebeu-o, abriu muito os olhos espantados, estranhou que aquela maravilha viesse dos dodos curtos e nodosos de tio Severino, deu um grito selvagem, mistura de admiração e triunfo. Esqueceu os agradecimentos, meteu-se no corredor, atravessou a sala de jantar, chegou à cozinha, expôs a cozinheira e a Maria Julia as penas verdes e amarelas que enfeitavam uma vida tremula. A cozinheira não lhe prestou atenção, Maria Julia franziu os olhos pálidos num sorriso desenhado, Luciana desorientou-se bateu o pé, mas recebeu estrago o contentamento, desdenho incompreensões, afastou-se com a ideia de bater o animalzinho. Acoimou-o no furo-bol e entrou a passear pela casa, contemplando-o, ciciando beijos, combinando sílabas, tentando formar uma palavra sonora. Nada conseguindo, abriu-se à mesa de jantar, abriu um atlas. O periquito saltou-lhe da mão, escoregou na folha de papel, moveu-se desesperadamente, percorreu lento vários países transpôs rios e mares, esteve-se numa terra de cinco letras.

— Como se chama este lugar, Maria Julia?

Maria Julia veio da cozinha, azeite e decidia:

- Minsk.
- Esquisito, Minsk?
- É.

Não confiando na ciência da irmã, Luciana pegou o livro, avizinhou-se de mamãe, apontou o nome que negrejava na carta, junto aos pés do periquito:

— Leta isto aqui, mamãe.

— Minsk.

— Engraçado. Pois fica sendo Minsk, sim senhora. Caminho muito e parou em Minsk. É? Minsk.

Nomeado o periquito, Luciana dedicou-se inteiramente a ele: mostrou-lhe os quartos, os móveis, as árvores do quintal,

MINISK — Conto de Graciliano Ramos

apresentou-o ao gato, recomendando-lhes que fossem amigos. Explicou mudamente que Minsk não era um rato e, portanto, não devia ser comido. Advertência desnecessária: o bicho, obeso, tinha degenerado, perdido o faro, e queria viver em paz com todas as criaturas. Aceitou a nova camaradagem e, dias depois, estrado numa faixa de sol, cerrava os olhos e aguentava paciente bicotadas na cabeça. Essa estranha associação lisonjeou Luciana, que supôs ter vencido o instinto carniceiro da pequena fera e a mimoseou com as sobras da afeição dispensada ao periquito.

O instinto de mamãe é que não se modificava: de quando em quando lá vinham arellas, censuras, cocorotes e puxões de orelhas, porque Luciana era esportiva, fugia regularmente de casa, despretava as bonecas da irmã e estimava a companhia de seu Adão carroceiro.

— Luciana!

Luciana estava no mundo da lua, monologando, imaginando casos românticos, viagens para lá da esquina, com figuras misteriosas que, às vezes, se uniam outras vezes se multiplicavam.

A chegada de Minsk alterou os hábitos da garota, mas isto não começou a passar despercebido e mamãe continuou a fiscalizar o ferreiro alto da porta, a afastar as cadeiras da janela, excelente para fugas. Pouco a pouco cessaram as precauções — e as amigas invisíveis de d. Henriqueta da Boa-Vista deixaram de visitá-la. D. Henriqueta da Boa-Vista era a personalidade que Luciana adotava quando se erguia nas pontas dos pés, a boca pintada, as unhas pintadas, bancando moça. Perdeu o costume de andar assim, ganhar cinco centímetros apoiando os calcanhares nas lações inexistentes de d. Henriqueta da Boa-Vista, esqueceu as escapadas, as aventuras na carroça de seu Adão.

— Luciana!

Agora Luciana se encolhia pelos cantos, vagarosa, Minsk empoleirado no ombro. Sentia-se novamente muda, quase uma ave e tagarelava, dizia as complicações que lhe fervilhavam no interior, coisas a que de ordinário ninguém ligava importância, repelidas com aspreza. Mamãe sala dos trilhos sem motivo. A criada negra, rabinha, estúpida, grunhia: "Hum! hum!" Maria Julia era aquela preguiça, aquela carne bamba, desordenada, e comportava-se direito em cima de revistas e bruxas de pano, triste. Papai sumia-se de manhã, voltava à noite, lá o jornal. E tio Severino, idoso, considerado, sentava-se na cadeira de braços e falava difícil. Nenhum desses viventes parecia as conversas de Luciana. Seu Adão carroceiro é que procurava decifrar-lhe, em vão: arredondava os bugalhões brancos, estirava o beco grosso, cocava o pixaim, desanimado. Por isso Luciana inventava interlocutores, fazia confidências às árvores do quintal e às paredes. Esse exercício, agradável durante minutos, acabava sempre fatigando-a. As sombras misturavam-se, escapavam-se. Afinal desapareciam, substituídas pelo periquito, colorido e ruído, de espírito docil, e compreensivo.

— Minsk!

Minsk arregalava o olho amarelo, engrossava o pescoço, crescia para receber a carícia: — Ehi ehi!

Antes de amanhecer estalava na casa o grito agudo que aperseava mamãe. Uma ponta da coberta desliza da cama da menina. O periquito se chegava ao banheiro, arrastando os pés apalhetados, segurava-se ao pé não com as unhas e com o bico, subia. Os braços magros de Luciana curvavam-se sobre o peito chato, formavam um ninho. E os dois cochilavam um ligeiro sonho doce.

Minsk era também um ser disposto às aventuras e à liberdade. Agitavam-no caprichos, confusas recordações do mato, e batia as asas, alcançava a copa da mangueira, voava daí, passava algumas horas vagando pela vizinhança. Satisfeitos esses impetus de selvagem, regressava, pulava dos galhos, pisunhava no chão, do místico e trôpego. Se se demorava na pândega, Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero, até que ouvia duas notas estridentes, localizava o fugitivo, sala de casa como um redemoinho, empurrava as portas, estabaneada:

— Quero o meu periquito.

Entrava sem cerimônia, dava buscas, voltava triunfante, com o vagabundo no ombro. Virava o rosto, enfiava-lhe beijos. Minsk se equilibrava agarrando-se à alça da camisa dela, metia a cabeça no cabelo revoltado, bexava delicadamente as orelhas e o couro cabeludo.

Ora Luciana, estouvada, nunca via os lugares onde pisava. Mexia-se aos repêlidos, deixava em pontas e arestas fragmentos da roupa e da pele. Tinha além disso o mau vício de andar com os olhos fechados e de costas. Sabia que essa maneira de locomover-se irritava as pessoas conhecidas, indivíduos ranciosos, exigentes. Mas a tentação era forte. E se conseguia, de olhos fechados e de costas, atravessar o corredor e a sala de jantar, descer os degraus de cimento, chegar ao banheiro, considerava-se atilada e rejeitava as opiniões comuns. Otimismo curto. Uma pisada em falso, um choque na mesa, um tranbulo, e o orgulho se desmanchava. Um calombo aparecia no quengo engrossava, justificava as imperlinências caseiras. Luciana baixava a crista, humilhada. Necessário recomear as experiências, até acertar.

Um dia em que marchava assim pisou num objeto mole, ouviu um grito. Levantou o pé, sentindo pouco mais ou menos o que sentira ao ferir-se num casco de vidro. Virou-se, a'armada, sem perceber o que estava acontecendo. Havia uma desgraça, com certeza havia uma desgraça. Ficou um minuto perplexa, e quando a confusão se dissipou, sacudiu a cabeça, não querendo entender.

— Minsk!

A aflição repercutiu na casa, ofendeu os ouvidos de mamãe, de Maria Julia, da cozinheira, chegou ao quintal e à rua.

— Minsk! gritou mais baixo. Parecia que era ela que estava ali estendida no tijolo, verde e amarela, tingindo-se de vermelho. Era ela que se tinha pisado e morria, trouxe de penas ensanguentadas. Minsk devia ser um sonho ruim, com lobishomens e bichos perversos. Os lobishomens iam surgir. Por que não acordava logo, Deus do céu? Saltar a janela, andar em ruas distantes, entrar na carroça de seu Adão.

— Minsk!

Ele ia exibir-se, fofo, importante, banzeiro, arrastando os pés, todo frocado: "Ehi ehi!"

— Não morra, Minsk.

Pobrezinho. Como aquilo doí! Um bolo na garganta, um peso imenso por dentro, qualquer coisa a rasgar-se, a estalar.

— Minsk!

Ele estava sentindo também aquilo. Horrível semelhante enorme arrumar-se no coração da gente. Por que não lhe tinham dito que o desastre ia suceder? Não tinham. Ameaças de pancadas, quedas, esfoladuras, coisas simples, sofrimentos ligeiros que logo se sumiam sob tiras de esparadrapo. O que agora havia se diferenciava das outras dores. Os movimentos de Minsk eram quase imperceptíveis; as penas amarelas, verdes, vermelhas, amarelavam por detrás dum nevoeiro branco.

— Minsk!

A mancha pequena agitava-se de leve, tentava exprimir-se num beijo: "Ehi ehi!"

REGÊNCIA VIVA

ANTENOR NASCENTES

Embora se tenha desenvolvido propriamente com o analfabetismo romântico, a regência já se vinha paulatinamente preparando desde o sintetismo latino.

Substituindo-se as desinências casuais por preposições que mais claramente explicassem as relações, o subconsciente mantinha as tendências que já se manifestavam antes da formação da língua portuguesa.

O sintetismo não era abolido.

Em muitas oportunidades o latim já usava preposições, o que ajudou grandemente o estabelecimento de muitas regências.

Substantivos, adjetivos, verbos e advérbios latinos exigiam tais ou tais casos, alguns dos quais acompanhados de preposições.

Substantivos verbais que exprimiam ação ou inclinação, tinham complemento em genitivo para designar o sujeito (genitivo subjetivo) e mais vezes o objeto desta ação ou desta inclinação (genitivo objetivo): *amor Dei*, o amor que Deus nos tem (subjetivo) ou o amor que temos a Deus (objetivo).

O genitivo possessivo, o especifico, o qualitativo e o partitivo dizem respeito aos adjuntos atributivo e limitativo e, por conseguinte, não interessam à questão da regência.

Os substantivos que indicavam benevolência ou aversão, podiam reger acusativo com *in*, *erga*, *adversus*: *odio ferebatur in Ciceronem* (Cornélio), *meum erga te studium* (Cícero).

Substantivos verbais havia que regiam os mesmos casos que os verbos de que se derivavam: *obtemperatio legibus scri-*

ptis (Cícero), *vacuatis ab corporibus* (Cícero).

Os adjetivos que significavam ávido, capaz, participante, lembrado, ou o contrário: destas idéias, pediam complemento em genitivo, o que preparou a regência de: *laudis avidi* (Salustio), *dux belli impertius* (Cornélio), *consortem gloriosi laboris* (Cícero), *memor patriae* (Cícero).

Vários adjetivos que significavam capaz ou a idéla contrária, podiam aceitar o ablativo com *in*: *prudens in iure civili* (Cícero).

Com os adjetivos que significavam participante, se relacionavam os que significavam acusado, culpado, inocente: *reus est facti* (Cícero), *fraterni sanguinis insons* (Ovidio).

Os adjetivos que significavam abundância ou falta, pediam genitivo ou ablativo: *plena errorum sunt omnia* (Cícero), *inopes amicorum* (Cícero).

Os adjetivos que significavam útil, favorável, agradável, fácil, próximo, semelhante, ou o contrário, pediam complemento em dativo: *utilis reipublicae*, *perniciosa reipublicae* (Cícero), *nihil blandus* (Seneca), *multibus iucundus* (Cesar), *proprior patriae* (Ovidio).

Vários adjetivos que significavam amigo, parente, vizinho, construíam-se com dativo e também com genitivo: *veritatis amicos* (Cícero), *vicinum Jovis* (Cícero).

Adjetivos que marcavam aptidão, ao lado do dativo, aceitavam o acusativo com *ad*, para marcar o termo desta aptidão: *Lomo ad nullam rem utilis* (Cícero).

Os adjetivos que indicavam benevolência ou aversão, ao la-

do do dativo, aceitavam o acusativo com *in*, *erga*, *adversus*: *erga se benevolum* (Plauto), *iniquus in aliquem* (Terêncio).

Alienus, alio, e diversus, diverso, embora regessem dativo, podiam reger também ablativo: *alienus a dignitate nostra* (Cícero), *ab his longe diversas litteras reliquit* (Salustio).

Os adjetivos que indicavam inclinação, regiam acusativo com *ad* ou com *in*: *propensus ad misericordiam* (Cícero), *proptus in obsequium* (Horácio).

O complemento dos adjetivos que respondiam à pergunta *Em que?* *Em relação a que?* se punham em ablativo (o chamado ablativo determinativo ou restritivo): *probitate eximius*, *validus corpore* (Horácio), *manu fortis* (Cornélio), *genere insignis*, *laude digna* (Cícero).

Ablativos exprimindo circunstâncias de causa, modo, etc. exprimiam origem, nome, determinavam adjetivos ou substantivos adjetivos: *natione medus* (Cornélio), *Alexander nomine*.

As vezes o ablativo determinativo vinha com preposição: *de via fessus* (Cícero).

Quando o regime era verbal aparecia às vezes o gerúndio com *ad*: *paratus ad audiendum*.

Os verbos que significavam lembrar ou esquecer, regiam genitivo, o que preparou ideologicamente a regência de: *utrum memini* (Cícero), *obliviscis contumeliae* (Cesar).

Podiam também aceitar ablativo com *de*: *de te recordari* (Cícero).

Os verbos que significavam fazer lembrar, advertir, informar regiam genitivo ou ablativo com *de*: *grammaticos officii sui commonemus* (Quintiliano), *certiorum me sui consilii fecit* (Cícero).

Os verbos que significavam acusar, convencer, condenar,

absolver, pediam genitivo e às vezes ablativo com *de*: *accusatum rerum accusaretur* (Cornélio), *me accusare de epistularum negligentia* (Cícero).

Depois do século de Augusto o gênero de suplicio com *condemnaré* era expresso pelo acusativo com *ad*: *multos ad metalla aut ad bestias condemnavit* (Suetônio).

Os verbos impessoais que significavam arrependimento, vergonha, tédio, piedade, pediam genitivo de coisa: *Tui te nec miseret, nec pudet* (Plauto), o que preparou ideologicamente a regência *de*.

Muitos verbos transitivos exigiam dativo da pessoa a quem se dava, atribuía ou com quem se relacionava um objeto (dativo de atribuição), preparando-se assim o objeto indireto com a preposição *a*.

Eram os que significavam dar, confiar, recusar, dizer, prometer, mostrar: *da dextram misterio* (Virgílio), *dic mihi, Damocles* (Virgílio).

Scribere, mittere, ferre, dare admitiam acusativo com *ad*, para melhor marcar a destinação: *plura ad te scribam* (Cícero), *legatos de deditione ad eum miserunt* (Cesar), *dare litteras ad aliquem*.

Vários verbos exigiam dativo da pessoa ou coisa a que a ação se referia, preparando assim o objeto indireto com *ad*.

Tais eram os que significavam agradar ou desagradar, servir, obedecer, resistir, fiar: *ita dñs placuit* (Ovidio), *servit innulli cupiditate* (Cícero), *ratiōni obediunt* (Cícero), *sibi fidē plēnis* (Cícero), *sibi satisfacere* (Plínio).

Os verbos compostos de *ad*, *ante*, *cum*, *in*, *inter*, *ob*, *post*, *pra*, *sub*, *super*, admitiam em dativo o objeto indireto mas às vezes os autores repetiam a preposição com acusativo ou usa-

vam o acusativo com outra preposição adequada: *mortem virtuti antepono* (Cícero).

O acusativo se empregava: com compostos de *ad*, *in*, *sub*, quando designavam claramente um movimento ou uma situação: *leges in aeg incisas* (Tito Lívio), *incurrere in hostes* (Salustio), *succedere ad castra* (Tito Lívio);

com vários compostos de *ad*, tomados em sentido figurado: *ad virtutem se animus applicat* (Cícero);

com a maioria dos compostos de *cum*: *conferre hanc pacem cum illo bello* (Cícero).

Nos prosadores os verbos que significavam lutar, que nos poetas se construíam com dativo, vinham com ablativo acompanhado de *cum*: *Cloves cum cinibus de virtute certabant* (Salustio).

Os verbos que significavam abundância ou falta, queriam o objeto indireto em ablativo: *sol cuncta sua luce complet* (Cícero).

Alguns, porém, aceitavam também o dativo: *miscere aquas neclare* (Ovidio), *miscere fletum cruori* (Ovidio), o que preparou as regências misturadas com e misturatura.

Inspire, complere, carere, saturare, abstinere, ao lado do ablativo, aceitavam o genitivo, o que preparou a regência de: *adulescentem suae temeritatis implet* (Tito Lívio), *tut carentum erat* (Terêncio).

Os verbos que significavam instruir (exceto *docere*) regiam ablativo: *omnibus doctrinis illum erudit* (Cornélio). Podiam aceitar acusativo com preposição: *erudire in iure civili* (Cícero).

Os verbos *uti*, *vesci*, *frui*, *lasciari*, *gloriarí*, *fungi*, *potiri*, *nití* regiam ablativo.

Potiri, por em, construiu-se também com o genitivo: *fortius Galliae sese potiri* (Cesar), o (Conclui na página 142)

Emilio Zola O mundo disforme e nauseante — CELSO VIEIRA (Da Academia Brasileira)

As efemérides do dia 29 de setembro registam, no ano de 1902, a morte de Emilio Zola, o grande romancista francês cujo centenário de nascimento transcendeu um ano passado.

Emilio Edouard Charles Antoine Zola nasceu em Paris, em 2 de abril de 1840, na casa n. 10 da rue Saint Joseph. Era filho de François Zola, natural de Veneza, engenheiro e oficial de guarda do príncipe Eugène de Beauharnais, vice-rei da Itália. Sua mãe chamava-se Emilie Aurélie Aubert. Aos 8 anos, ele cursa o Instituto Notre Dame, na cidade de Aix. Aos 10 anos, está matriculado no Colégio Bourbon, na mesma cidade. É de então que data a sua grande amizade com Paul Cézanne e Baptiste Baille, nomes hoje universalmente conhecidos. É nessa época de colegial que ele começa a revelar suas aptidões literárias, escrevendo uma pequena história de aventuras sobre as Cruzadas e uma comediuzinha com que obtem um prêmio escolar.

Pouco depois, parte para Paris, e matricula-se no Lycée Saint Louis. Mas as dificuldades de sua família tornam-se cada vez maiores, e ele é forçado a procurar um emprego. Arranja uma situaçãozinha de fazedor de embrulhos da casa Hochette, e é assim que se inicia uma carreira que vai ser das mais surpreendentes. Zola está em contacto com os livros... E isso é bastante para que as suas faculdades criadoras se sintam desabrochar. Ele começa a fazer versos, começa a fazer contos... No ano seguinte reúne algumas de suas produções em prosa e dá os "Contes à Ninon". O sucesso é grande.

Zola se vê transportado para o jornalismo. Acentuam-se também as suas tendências para uma literatura vigorosamente dentro das realidades, livres de cânones românticos, e vem-o publicar sem demora "As Ilusões de Claudio". Seu caminho está agora definitivamente traçado: ele é o criador de uma escola literária, e um destemido abridor de caminhos nas letras de sua pátria. Sua situação é marcada, desde o início, da mais corajosa liberdade intelectual.

Ele abraça os tranquilos preconceitos da França burguesa — conservadora, com os seus livros tremendamente revolucionários.

Afronta-os, também, com os seus artigos veementes, como aqueles escritos em defesa do pintor Manet, quando o júri do Salão de Pintura se fechou para esse artista.

Em 31 de maio de 1870 ele se casa com Alexandrine Meley. Vem o período das "Soirées de Médan", do qual ficou um encantador livro, em que encontramos Zola com os seus amigos Maupassant, Huysman, Cendrars, Paul Alexis e Leon Hennique. Vem a sua eleição para presidente da "Société des Gens de Lettres". Vem, depois, a sua ligação com Jeanne Rozerot, da qual lhe adveem dois filhos — Denise e Jacques, crianças que, mais tarde, depois da morte do escritor, serão perfilhadas pela viúva dele. E vem, enfim, o famoso caso Dreyfus, no qual Zola representou um papel verdadeiramente heróico, o que levou Anatole France a dizer que ele tinha sido "um momento da consciência humana".

A obra que nessa vida, que não foi além dos sessenta anos, Zola conseguiu escrever, vai a várias dezenas de volumes, e não seria necessário enumerar aqui senão dois ou três livros mais famosos, como o "Germinal", "A Terra", a "Obra", o "Ventre de Paris", para darmos uma síntese do valor desse prodigioso mundo que ele criou.

O escritor faleceu intoxicado pelo gás carbônico, em um hotel da rua de Bruxelas, na data que referimos acima.

Trinta e dois protagonistas, fillados na mesma degenerescência, mal personagens secundários povoam-lhe os romances, onde se exibem quase todas as máscaras da vida contemporânea. Escravizados a lei da herança e do meio, tantas figuras ascendem ou decaem, vibram e lutam, sofrem e passam. Revemos nelas em graus diferentes o amor, o ódio, a culpa, o desejo, a busca dos sentimentos poéticos ou degradantes, isso de modo tal que, entre o heroísmo e a balança, o interesse e a virtude, o egoísmo e a renúncia, o prazer e a dor, o fumo ou a poeira da existência vulgar, nos campos e nas cidades, até aos visos da epopéia naturalista — monografia de uma família, história de uma sociedade. Para definir os temperamentos, dramatizar os episódios ou descrever as paisagens, habitualmente procede Zola, consultando os especialistas, as estatísticas e os tratados, percorrendo os locais, inquirindo testemunhas, coligindo provas, como "o juiz de instrução da natureza", a que se referia Claude Bernard. É a caça ao documento humano o que faz dele um escador infatigável nas sombras do Romance Experimental, enquanto lhe faltam certas qualidades espirituais, certas revelações femininas, certos dons, intus ou recursos inaproveitáveis de Balzac. Alheio à sociedade, como os censuradores advertem, não lhe conhece os mistérios ou as intrigas, nem conhece ao Estado o mecanicismo dos bastidores, desvendando-lhe o processo: arcaico, ignora a psicologia do burguês instruído e a finura da burguesia sentimental; quase nada sabe do mundanismo, da sua elegância e da sua influência. Desce o gigante, porém, até ao sub-solo e ao formigueiro da vida social. Familiarizado com os tipos, e nos, e meios populares, empolga os temas sugeridos pelas forças brutais do instinto, avassala o império do vulgo, que é dureza nos semblantes, calão nos diálogos, sordidez nas costumes, violência nas almas, e nos reflexos da sua lâmpada vemos clarear-se para a arte o mundo tenebroso e subterrâneo da plebe.

Aumentando-lhe as proporções, clamorou-se Zola, de certo, nesse mundo nauseante e disforme, incharacterístico e impessoal, donde saímos desentendidos ou entristecidos. O seu talento hercúleo não desviou os rios para sanear os estúpidos, antes recalou no tremendo, explorado pelo comércio, que arrecadava os lucros vertiginosos das edições de Viana, La Terre, La Bête Humaine, Pot-Bouille. — Não se explica a fortuna extraordinária, que o sr. Zola conseguiu entre os contemporâneos (encarece Max Nordau), pelos dados relevantes de escritor, pela força notória e soberba das suas descrições românticas, pelo fato de ser intenso e verdadeiro a emoção pessimista, que lhe torna irresistivelmente impressionante a representação do sofrimento e da tristeza, mas pelos seus dois maiores feitos, a rivalidade e a sensualidade.

Era arguição de sensualidade é falsa, porque o naturalismo do Romance Experimental não se confunde absolutamente com o erotismo. Não isolava nem excitava de modo algum as tendências eróticas da carne, mesmo nas páginas em que os instintos sexuais violentam a hipocrisia geral ou aliam-se às convenções. Desnudas e trágicas, as narrativas de Zola hauriram mais o asco pelo vício do que provocam o sensualismo recalcado na consciência, como notou Forel, para quem outros condenam o vício, mas o fazem de maneira que o apetele desperta, e a água vem à boca do leitor.

Conforme assinala a expe-

riência humana de todas as épocas e todos os climas. Porneia foi sempre o ídolo da plebe, e é um excesso de realismo, afinal, degenerando em pornografia, o que se atribui a linguagem dos plebeus retratados por Zola. Em algumas páginas, tornou-lhe legível na brutalidade chocante dos epítetos e deslavada tradução portuguesa, violando a sintaxe e o decoro do idioma. Certas passagens repugnantes, mesmo no original, comprometeram sem dúvida o prestígio da forma de Zola, escritor pujante e magnífico do qual dizia em 1922 Ernest Seillière, um dos seus impagadores: — "Poeta des-

de Rabelais, que, depois de ser monge, aparece no frontispício de um livro como "docteur en médecine et professeur en estrologie". Mas o triunfo rabelaisiano é o da gargalhada sobre a mentira e a imbecilidade desfeitas nas suas línguas slabólicas, a um apuro das linguagem, os juvenis, enquanto o sombrio colosso de La Bête Humaine e La Terre nos dá sombriamente a epopéia da animalidade humana, segundo Lemaitre. O seu realismo deixa escravizados pigmeus entre os yacuos, simples ferozes, que autor das Viagens de Gulliver sobrepe aos homens, Contra as hiper-

mosfera do solismo nem tudo se decompõe, se volatiliza em odores nauseantes, como se Honore de Balzac, não tendo chegado a escrever La Pathologie de la vie sociale, por ele anunciada, houvesse transmitido ao sucessor o encargo de invenção ao mundo com exalações da Sante coletiva. Sim, o olfato do realista penetrou igualmente a realidade multifórmica da espécie humana, extraiu vários perfumes do seu jardim ou do seu laboratório: a carnagem de Albina, "comparável a um grande ramalhete de aroma intenso". Desléce, "cheirando a saude"; Mme. Campardon, recendente e fresca, "semelhante a um belo fruto de outono"; Clotilde, que traz consigo os eflúvios da seara de Booz e do sono de Ruth; Hélène, com o prestígio do odor de femina, a brancura do seu trespalante a verbena; Sergio, a florir no seminário como se fosse um lírio dos campos; Francoise, em cujo visor se respiram as emanções "da terra, do fogo, do ar livre, do céu". Há nessa criatura o perfume de um símbolo naturalista, pantheista, evoluindo-se da mulher para o sol, e as vagas emanções do céu, respiráveis em Francoise, dariam mais tarde a outros olfativos um "ar" — "sua inalterável de perfumes sutíssimos: o da... o da aurora, o do luar, até mesmo o de Venus austral.

Como os indivíduos humanos, através do naturalismo épico também os animais, os lugares, os edifícios, as coisas: sob o poder transfigurante do gênio de Zola, representam verdadeiras criações, símbolos da natureza ou da sociedade, com a sua presença inquietadora, a sua expressão temerosa. Ele faz do gato de Mme. Georges, dizia Anatole, uma espécie de gênio oriental e do anel de Mme. Charles uma das fadas mais tagarelas do Ocidente. Símbolos formidáveis, representações inesquecíveis de outra espécie, vemos no Germinal da Turba delinquente e a Mina devoradora de homens; no Assombrer a onipotência voraz da Fábrica e a sedução alcoólica da Taverna; em Bonheur des Dames o Armazém-catedral; em Le Ventre de Paris o Mercado, que parece aguardar, como se fosse um templo bárbaro, contraposto ao idealismo de nomes indú; em La Bête Humaine a duração ogeante da locomotiva, Lison, correndo todos os dias sobre os rails com o seu feroz maquinismo e senhor Jacques, até findar tragicamente num desastre; em Jole de vivre o Oceano, cúmplice ou inimigo dos aventureiros; em La Fante de l'Abbé Mouret a terra-mãe o Eden, e dado aos amores simples, fortes, nós. E ainda vemos em La Débâcle a simbolização do campo de batalha, o sorvedouro donde ressurge a França Imortal, não obstante, para o domínio das formas e das idéias, o consórcio do espírito e da liberdade.



Famoso retrato de Emilio Zola feito pelo pintor Claude Monet.

crítico de raro poder, senhor de um estilo seguro e animado, ele alcançará, de futuro, um lugar eminente na história das nossas letras, e como artista do verbo o consideramos superior a Balzac. "Não admira. Pierre Louys recitava, no cenáculo presidido por Mallarmé, infundíveis trechos de La Fante de l'Abbé Mouret, absorvidos por André Gide, confessando esta nas páginas do seu jornal que lhe seria grato erguer um protesto contra o injústo menosprezo do valor de Zola.

Muitos agravaram as culpas do solismo. Ninguém assinalou o poderoso influxo de Rabelais, primeiro ídolo do estudante Zola, sobre alguns caracteres ou pormenores da sua obra, que tanto escandalizaram os críticos, e a Zola se afiguravam coisas naturais, humanamente explicáveis ou apenas hilariantes. A desfaçatez de Mounquette, a bebedeira de Coupeau, a glotoneria de Mes-Bottes, o cinismo teatral de Bordenave ou o meteorológico abdominal do camponês de La Terre, o poema da gastronomia em Le Ventre de Paris, o insensível materialismo, a franca irreligiosidade, audácia no pensar, violência no dizer, tudo isso é flagrantemente rabelaisiano. Como se apaixonou Voltaire por Swift e de Gulliver nasceu Micromégas, esteve quase sempre o chefe do realismo francês sob fascinação de Gargantua, o sortilégio de Pantagruel...

Assenhoriando-se do solismo, os dois gigantes se projetam nas suas concepções em reflexos inumeráveis, e através da última fase idealista surpreendemos ainda o espírito de Zola no disfarce do abade Froment, um padre renegado, sensual, e amigo da ciência, astrólogo dos novos tempos, quase à maneira

de Rabelais, que, depois de ser monge, aparece no frontispício de um livro como "docteur en médecine et professeur en estrologie". Mas o triunfo rabelaisiano é o da gargalhada sobre a mentira e a imbecilidade desfeitas nas suas línguas slabólicas, a um apuro das linguagem, os juvenis, enquanto o sombrio colosso de La Bête Humaine e La Terre nos dá sombriamente a epopéia da animalidade humana, segundo Lemaitre. O seu realismo deixa escravizados pigmeus entre os yacuos, simples ferozes, que autor das Viagens de Gulliver sobrepe aos homens, Contra as hiper-

O romancista dos símbolos monstruosos foi também o das sensações perversas. Entre os visuais, que tudo relacionam com a força, e os auditivos, para os quais tudo se refere à música, integrou-se Zola, esteticamente, na classe dos olfativos, cuja sensibilidade se concentra em dois versos de Baudelaire:

Comme d'autres esprits voguent sur la musique.
Le mien, o mon amour! nage sur ton parfum.

Não bastaram ao novelista, porém, as emanções da noite e do mar, da África e da Ásia, que o poeta aspirava na grenha oleosa e retinha de uma criança. O agudo olfato de Zola discernia pelos maus odores, principalmente por estes últimos, desde a "sinfonia dos queijos", nas Halles de Paris, até às variações entontecedoras dos montes de roupa suja. Era o grande fardador de uma realidade tremadante.

Leopold Bernard publicou em 1889 um estudo minucioso — Les odeurs dans les romans de Zola —, evidenciando como se lhe transpõe as imagens do realismo para a escala das percepções olfativas. No capítulo das suas impossibilidades, olfativamente, Nietzsche definiu o romancista francês — "Zola ou la jole de puer". Mas na at-



Busto de Emilio Zola, em Suresnes, na França.

Uma fotografia rara de Raimundo Corrêa

Em nosso número de 14 do corrente, publicamos uma fotografia de Raimundo Corrêa, em companhia de dois amigos. Achamos aquele documento nos arquivos da Academia Brasileira, e não havia nenhuma indicação sobre a identidade dos companheiros do poeta, que com ele ali apareciam. Publicando a fotografia, registramos essa circunstância. Pessoa da família de Raimundo Corrêa teve a gentileza de telefonar-nos, comunicando que se tratava de João Pinheiro e de V. Bressane de Azevedo. E em nosso número passado, senhoras de tal informação, republicamos a fotografia.

Comentando-a, agora, recebemos uma gentil carta do sr. Rodrigo Octavio, que sustenta não poder ser a dita fotografia de João Pinheiro. A carta do ilustre acadêmico que, com a devida pena, transcrevemos, diz o seguinte:

"Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1961.

Meu caro Mucio Leão,

Sou ainda eu... Cabe-me primeiro agradecer a generosidade com que você me tratou, transcrevendo minha carta em o número do suplemento de A MANHÃ de 21 do corrente.

E agora devo dizer-lhe que não foi muito feliz a informação que lhe foi dada sobre a outra fotografia, publicada no número anterior do suplemento, e reproduzida no número seguinte, em que se vê Raimundo Corrêa com duas pessoas que você não havia podido identificar.

O seu informante de agora diz que dessas pessoas, o velho que está sentado é João Pinheiro; a informação, porém, não é exata.

Conheci muito João Pinheiro, que foi meu companheiro de quarto em São Paulo, em 1886, ele, mais moço que eu: e tive ocasião de estar com ele ainda nos últimos anos da sua vida, quando eu acompanhei Joaquim Nabuco a Belo Horizonte, em 1906; ele era então governador do Estado. João Pinheiro morreu em outubro de 1903. E eu possuo no meu arquivo um excelente retrato dele publicado na "Revista da Semana", em o número de 1.º de novembro desse ano.

Assim posso assegurar que o homem de barbas brancas, que está na fotografia com Raimundo, não é João Pinheiro, que tinha um tipo inteiramente distinto dessa pessoa, era muito mais moço e usava uma barba curta que começava a ficar grisalha.

Você me desculpe se eu estou me revelando um retificador de publicações do seu Jornal; mas o faço por amor dele, para que se tenha inteira fé na verdade de suas afirmações, certo de que você as receberá com satisfação.

E sem mais, por hoje... sou sempre o velho amigo e confrade

Rodrigo Octavio".

REGÊNCIA VIVA

(Continuação da página 140)

que preparou ideologicamente a regência de apoderar-se.

Uti, frui, jungi acclamam o acusativo, o que preparou a dupla regência em português (usar o, ou do, gozar o ou do): *utera operam meam* (Plauto), *militare munus fungens* (Cornélio). *Laetari et gloriar* admitiram o ablativo com preposição: *laetari de communi salute* (Cícero), *de tuis divitiis gloriar* (Cícero).

O pai do "brasileirismo"

PEDRO CALMON

(Da Academia Brasileira)

O "brasileirismo" como uma sátira, uma originalidade e principalmente, uma definição, tem a história da nossa literatura autônoma, isto é, começa com Gregório de Matos.

Até aí o vocábulo "hárbaro" entrara a prosa e a poesia vernácula como uma informação acidental, com o seu modesto propósito etimológico (assim na "Prosopopeia", o poema pernambucano de 1601) ou a sua finalidade descritiva: nomes de bichos e coisas. Os jesuítas utilizaram com largueza nas suas epístolas esses substantivos remanescentes à terra nova que civilizavam: mas não especularam com isto. Foi o terrível Gregório, vibrando o argumento rústico da língua do índio ou da influência de Angola, que inicialmente exibiu as diferenças e surpresas do Brasil. Não de certo, em seu louvor, pois era coarção de espírito e sentimento, com a delicadeza e as suscetibilidades do baetarel letrado em meio do povo rude: mas para confundir as prosopias indígenas, para achar-lhes graça, para rir — a gargalhada chula e cruel em que esgotou por fim, o gênio e a musa.

Atribua-se-lhe, com razão, uma paternidade: da "modinha" brasileira. Resta o título, que reivindicamos para esse precursor: criou o "brasileirismo" literário. Talvez fosse (já o lembramos) quem escreveu primeiro a palavra que ficou, "brasileiro", em vez de "brasilião" ou "brasiliense", forma culta, que desapareceu. Sem nenhuma dúvida, porém, deu às vozes populares — numa profética intuição de valores futuros — a dignidade do soneto, a métrica de bom tom, o lustre do verso clássico, a moldura dourada e o verniz da poesia corrente.

Estranha e complexa figura, do vale sem sorte!

Merece um retrospecto, à falta de monumento, que não teve.

Gregório de Matos Guerra (1633-1696) fez estudos em Coimbra, onde se diplomou em leis, e viveu muito tempo no Reino, afamado já pela sua música, exímio guitarrista, e pela poesia sarcástica, razão principal de seus sofrimentos e de sua glória. O Padre Manuel Bernardes refere-se a ele, embora sem lhe dizer o nome, a propósito de um "repente" gracioso. E' tido como o melhor repentinista da língua portuguesa antes de Bocage. Ao Brasil voltou, para servir como desembargador na Relação Ecclesiástica, em 1671; porém, logo se desaveio com o clero da Baía, e perdeu o emprego... e a compositora. Injuriou — em versos que ficaram célebres — os cônegos da Sé, as figuras notáveis da cidade que o hostilizaram, sobretudo dois governadores, o "Braço de Prata" (Antônio de Souza Menezes) e Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, que não lhe perdoaram os motejos.

Escapou de morrer, vítima de uma vingança, a que não seria estranho este último governador; foi desterrado para Angola, e daí se transferiu, indultado, para Pernambuco, onde acabou obscuramente os seus dias, dizem que impedido de versejar, mas sempre engraçado, satirico e libertino.

Não publicou os seus numerosos versos, entretanto, muito repetidos, no Brasil e na metrópole, vários deles conservados de memória através das gerações, como se fossem genuína poesia popular, e salvos, em conjunto, do olvido a que estavam condenados enfim, pela benévola providência do governador D. João de Lencastro (1694-1702) que mandou escrever todas as composições autênticas ou atribuídas, que corriam na Baía com o nome de Gregório de Matos.

A Academia Brasileira pagou ao poeta o tributo que se lhe devia, imprimindo-lhe, em seis tomos, a obra lírica, sacra, satírica, desigual, às vezes decalcada de Quevedo, ou simples tradução do espanhol, mas informativa dos costumes da colônia, rica de vocábulos "brasileiros", cheia de vivacidade, petulância e espírito nativista.

A esse respeito a lira de Gregório é uma ressonância — eventualmente grosseira — do sentimento da terra e de sua defesa, que adquirira tanta elevação nos sermões de Vieira. Supria a ausência de uma "imprensa"... de crítica; e preenche o vazio duma opinião pública, apenas idealizada; valia por uma interpretação petulante — e mesmo atroz — das tristezas da cidade e do tempo...

Popularizou a cantiga ao violão, que havia de tornar-se, no interior do país, uma expressão predileta da alma simples e anuosa do "sertanejo"; vulgarizou o A. B. C. em verso, ao gosto castelhano, o "Padre Nosso", com rimas irônicas, o pasquim político, em uso na Lisboa daquela época. Criou vários tipos de poesias das ruas. Patrono dos poetas brasileiros que, no final do século XVIII, introduziram no Reino a cantiga "americana", que de pouco antecedeu o "fado", o título de "pai da modinha" é bastante para classificá-lo entre os grandes nomes da nossa história literária.

Niti, no sentido moral, admitia ablativo com in e, no de tender, acusativo com ad ou in: *nituntur in aera* (Ovídio), o que ideologicamente preparou a regência de apolar.

Os verbos que significavam pedir, esperar, comprar, receber, obter, saber, pediam objeto indireto em ablativo com ab.

Alguns, porém, admitiam ablativo com de, o que preparou a regência de: *exigere poenas de aliquo* (Tito Lívio), *quid sibi is de me recepiasset* (Cícero), *hoc audit de patre* (Cícero), o que preparou a regência dos verbos

Passando depois a ser o afa-

Flagelou Gregório com violência e bom humor as vaidades da gente, os vícios da terra, funos de fidalguia, presunções e tolices...

Por exemplo, "a certo fidalgo caramuru" (orgulhoso de sua nobreza de descendente do primeiro casal da Baía):

Um Payá de Monay bonzo bramã,
Primaz da Cafaria do Pegu,
Que sem ser filho do Pequim, por ser do Acú,
Quer ser filho do sol, nascendo cá.

Tinha embora um avô nascido lá,
Cã tem três pela costa do Cairú,
E o principal se diz Paraguassú,
Descendente este tal de um Guinamã.

Que é fidalgo nos ossos cremos nã,
Pois nisso consistia o mór brazão
Daquelles que comiam seus avós.

E como isto lhe vem por geração,
Lhe ficou por costume em seus teíros
Morder os que proveem de outra nação.

Esta linguagem indo-afro-lusa mostrava o processo de aglutinação das raças, a mestiçagem colonial e os fatores recentes que lhes influenciavam a mentalidade, os conflitos interiores, o fenômeno da Nação em esboço.

Assim, no soneto "Aos mesmos Caramurus":

Hã coisa como ver um Paiaid
Mui prezado de ser Caramurá,
Descendente do sangue de tatú,
Cujos torpe idioma é Cobeçãf

A linha feminina é Carimã,
Muqueca, pititinga, cururã,
Mingua de pulo, vinho de cajã
Pisado num pilão Pirajã.

A masculina é um Aricobê,
Cujã filla Cobe, c'um branco Pahy
Dormiu no promontório de Passê.

O branço é um Marão que veio aqui:
Elã é uma índia de Marê;
Cobeçã, Aricobê, Cobe, Pahy.

Os vocábulos tupis e africanos, introduzidos na língua portuguesa falada no Brasil dão uma graça nova, petulante e musical à poesia de Gregório de Matos.

Um calção de pindoba, a meia zorra,
Causa de urucú, manteio de arara,
Em lugar de cotó, arco e taguara,
Penacho de guariz, em vez de gorra.

..... (1)

Antônio Vieira, em "Sermões" e cartas, mesmo os clássicos desse século XVII, como D. Francisco Manuel (na "Epanófora Triunfante"), sempre que escreveram sobre assuntos da América, não fugiram ao emprego daquelas hárbaras palavras, que indicavam a exuberante formação duma outra sociedade, e, por isso, duma outra literatura.

Tomaz Pinto Brandão, comparsa de Gregório (com quem viajou para a Baía em 1671) e seu emulo, espalhou em Portugal a mesma novidade ("Pinto Renascido, empenado e desempenado", Lisboa 1732), como no seu cômico "Aviso para os Brasileiros chamados Mandis que vieram à Corte a requerer".

Dois vates endiabrados apadrinharam o "brasileirismo", assolando-o, vaiando-o, ridicularizando-o. Fizeram-nos o favor de divulgá-lo. E começaram a desvendar o Brasil com a propaganda inconciente de sua irritação.

(1) — Veja Obras de Gregório de Matos, edição da Academia Brasileira, promovida por Afrânio Peixoto, 1890-93. Compõem-se de seguintes tomos: I — Sacra; II — Lírica; III — Graciosa; IV e V — Satírica; VI — Últimas. Dis Afrânio Peixoto que a redação crítica, que se fez, da mesma obra (expurgada de versos alheios ou de meras adaptações, por outros considerados plágios), irá "reduzir a fama de Gregório de Matos à situação de meio poeta, apenas revelada a nota nativista, com que depora sempre de si próprio e da sociedade colonial que retratou, documento humano, auto-retrato, de um povo em formação, rudimentar estado larvário, não indiferente ao estudo" (Notas de História da Literatura Bras., p. 98). Sobre a biografia de Gregório, veja-se o prólogo ao VI volume daquela série.

tamento indicado principalmente por de, aparece com mais frequência esta preposição: *tibi estorta sica de manibus* (Cícero), o que se dá com os verbos que significam arrancar, arrebatrar, tirar.

Outros verbos, fora das especificações precedentes, e constaram-se com ablativo acompanhado de preposição: *de republica bene mereri* (Cícero), *de fratre quid flet?* (Terêncio), *in fide stetit* (Cícero), in *apparendo occupatus* (Cornélio).

Vários advérbios governavam âmbito da língua portuguesa.

Os mesmos casos que os adjetivos de que derivavam: *congruent naturas convenienter vivere* (Cícero), o que preparou ideologicamente a conservação da regência em português.

Como se vê, os princípios básicos da nossa regência nada mais são do que a continuação, pela permanência ou pelos meios analíticos, dos princípios que governavam os regimens latinos.

PÁGINAS DOS AUTORES MORTOS

1 - HINO AURI-VERDE (MICROSCÓPICA) 3 - VERSOS E VERSÕES - LUCIO DE MENDONÇA

I

Era pelas últimas horas de uma tarde admirável. A estrada torcia-se como uma serpente enorme, recolhendo-se cuidadosa as ambradas vertidas pelo chão juntamente com as folhas secas escapadas aos fartos penachos do arvoredo.

O sol passava por cima da floresta, vergastando com chibatadas de fogo os grelos tenros da ramiaria; e os grelos deixavam-se cair exaustos sob o suplicio.

Ajoreceu, então, na estrada uma espécie de mendigo. Seguia lento, cabeça inclinada; amparava-se a um pau mal desgallado e trazia na mão um pedaço de corda. De vez em quando o sol furava os ramos e jogava-lhe à nuca um pontilho de fogo.

II

O mendigo não sentia as garotadas do sol. Ia refletindo, remurmurando meias palavras, nessa reflexão difícil de um espírito obscuro e selvagem. Pensava naquela infância de pele preta, que lhe haviam colado à carne; naquela robustez maldita, que parecia querer eternizar-lhe o suplicio do cativo; recordava-se das chibatadas do catezal, daquele trabalho cruel que mal lhe rendia a farinha abjeta da razão... E que tempo havia!... Dantes, ele tinha o cabelo preto e a pele lisa; agora os cabelos estavam como ruína, brancos, brancos; e a pele riscada de rugas... Só ficara-lhe dos primeiros anos o pulso rijo para o cito e a canela forte para as pernadas. O tormento da força.

III

De súbito, no meio dos sussurros indistintos do mato, feitos de chiros de pássaros e do murmurio de folhas, ouviu-se um acorde que não era o canto das folhas, nem a conversa dos passarinhos.

O mendigo preto parou. Pôs-se a ouvir aquela música melancólica e agradável, que entrava religiosamente na mata, como a nota de um órgão.

A povoação estava perto. A música era realejo que se tocava.

— Aqui está bom, disse o velho escravo.

E preparou com a corda um laço.

O realejo executava, então, uma outra peça. Tinha o mesmo tom vagaroso e triste, como se estivesse combinado para acompanhar os preparativos sombrios do escravo.

IV

A beira do caminho havia um tronco notável, que estendia acima da estrada um galho musculoso como um braço enorme, terminando como um punho colossais, fechado e ameaçador.

O escravo subiu e sentou-se tristemente sobre os músculos magníficos desse braço hercúleo. Lançou alguns olhares para o seu bastião, que ficara lá em baixo. O único companheiro e o derradeiro amigo.

Enfiou depois o pescoço no colar sinistro da sua corda. Prendeu-lhe a outra ponta ao punho arrogante, fechado para o céu...

V

O céu brilhava azul, como um pensamento de criança; e, no meio das bonanças harmoniosas daquela tarde serena, voava nua como uma nuvem tênue, a solfa queixosa do realejo.

Aquela música!... aquela tarde...

O velho escravo levantou os olhos, do bastião, para o espaço; foi, sem tremer, até a ponta do galho que o sustinha, e escutegrou...

VI

Naquele instante, o realejo tocava para os meninos da povoação as harmonias patrióticas do hino nacional...

RAUL POMPÉIA

(Almanaque da Gazeta de Notícias para 1884, pag. 303)

2 - UM MILAGRE (J. RICHPIN)

Para te ensinar as tranças pro-
tas
E luxuosas,
Num ramilhe e um violetas.
Cravos e rosas;
E, junto à tua linda face,
En sacudi-
Para que o orelhão a borrisasse.
Cheirosa e truo.
Logo pra trás o corpo inteiro
Torces rugindo
Aos pingos de óleo do chuveiro;
E rindo, e rindo,
L rindo, os longos cílios fechados

Palanamente;
Depois, com tumbadas bochechas,
Sopras frenetico
Separas e as flores, desfolha-
das
Giram revoltas,
Dispersas no ar as delicadas
Pe aias soltas,
E assim, deixando as tenras
hastes,
Cravos, violetas
E rosas voam... Transformas-
te-as
Em borboletas.
Julho, 84.

A impressão que deixa a leitura deste livro é um tanto confusa, porque é varia e complexa. Tem-se por muito tempo a alma vibrante dos peregrinos sons que agitam, já suavizados, já singulares e lugubres; sente-se uma vaga ebridade de filtro delicioso, mas com traços amargos, e fica-se a cogitar, meio tímido, que acre pegonha vertebra o felicitoso no nectar que nos trouxe aos lábios a sua taça de ouro cinzelado; mas, para logo destaca-se uma nitida certeza: que se acabou de ler um livro finíssimo, de um profundo e luminoso poeta.

São setenta e sete poesias, de todas não há uma só que seja, sequer, mediocre; há sim, aqui e acolá, um ou outro, raríssimo, verso fraco; mas não tem o livro todo uma única peça que não traga o cunho de apaixonado artista que o fabricou, apuradamente, com alma sempre acesa, com gesto e mimo, e, não raro, com fulgurações de gênio.

O tom geral do livro é triste, ora dum doce melancolia pacífica e contemplativa, como a de um convalescente, ora de uma amargura negra, resumo de experiência desenganada, de análise aspera e fria; mas seja qual for a noite e o fel que lhe encham o coração, o poeta vive no meio da nossa natureza magnífica e a vê e ouve e respira como verdadeiro poeta que é, e por isso na sua estrofe polida e reluzente refletem-se a cada instante as lousanias e os esplendores da pátria. Raimundo Corrêa tem amado muito e meditado ainda mais; tanto monta observar que tem meditado ainda mais; tanto monta observar que tem imensamente sofrido; mas, ao dizer a sua magua e a sua idéla, a trização da palavra privilegiada revela a natureza ambiente.

Pelo marmoreo corte da forma, pelas cintilações das rijas arestas do verso, é um adorador do divino Gautier e do escultural Leconte de Lisle; pela suavidade rítmica do metro ondulado e meliflúo, lembra Musset e Méry; na sutil análise psicológica, íntima e fina bastante para atingir ao mais melindroso e recatado recessos da alma, é digno de citar-se de par com Sully Prud'homme; finalmente, o inesperado, o vivo, o figurado pitoresco de sua palhetta impressionista dá-lhe, a cada passo, o surpreendente naturalismo do Richpin das Carícias. Com esses supremos mestres aprendeu muito, de certo, o nosso poeta; mas, muito mais do que em todos eles mergulhou no próprio coração, abismo sonoro e estrelado, donde no-atira a mãos cheias os lampetins e as músicas do seu estro.

Não conheço, na poesia da nossa língua, nenhum livro mais rico do que este.

Pára dar dele extensa notícia, sinto o natural acanhamento do simples amador ao ter de falar de uma superior obra de arte. A impressão geral, que rial posso deixar esquecida é de reverente e fervorosa admiração. Creia convictamente que, com este livro na mão, podemos afirmar desanunciados, que possuímos, nesta, nação semi-barbara, um poeta digno de ser conhecido entre os mais notáveis da poesia contemporânea.

Pudesse eu passar agora ao deleitoso encanto, para o qual, infelizmente me falecem forças e tempo de acompanhar o poeta, passo a passo, por toda a extensão do seu livro formosíssimo. Outros, mais afortunados, farão estudo completo; eu me limitarei a transcrever para aqui as rubricas, no que a primeira leitura, lancei a mar-

sem de algumas daquelas preciosas páginas.

Antes de ir folheando o volume, digamos já que uma das suas mais brilhantes qualidades, no ponto de vista da forma, é a artística variedade de metificação com que o poeta combate e vence a monotonia quase insuperável, na leitura a seguir de uma extensa coleção de versos.

E, além de varia, que primorosa, metificação! Haverá, para ouvintes exigentes, algum raríssimo verso duro; errado: nenhum. O verso predileto de Raimundo Corrêa é o decaesílabo; e por esta preferência de muito bom gosto, só merece felicitações. Cultiva também com empero, e com fells parcimônia o alexandrino; mas, como eterno mestre das contemplações, insurgiu-se contra as pausas obrigatórias, e pode, como ele, dizer: J'ai disjonqué ce grant vers d'alexandrin.

Isto, que pelos leitores e verificadores carências se condena como heterodoxíssima infração da Poética, pode ser, como é em Raimundo Corrêa, um belo recurso par dar nova energia e graça e movimento ao pesado metro:

... tu.
... la vers, qui son front
Jadis portait toujours deux plumes
Et sans cesse andait sur la double
trajectoire
Qu'on nomme profondément qu'en
[innombrable équilibre].
Rompit doucement la règle et fit troupe
[la clerc].
Et s'échappa, volant qui se cabre en
l'air.
De la sage course, et fut vers la
trajectoire
Et vole dans les cieux, absorbe di-
[vins (1)]

Como concienzoso artista que é o autor dos Versos e Versões possui plenamente o seu processo; tem forma própria, obediente e submissa, que ele curva e escrevia a todos os caprichos da nervosa fantasia; e é de ver-se o modo gentil, a alroa, e dir-se-lhe até espontânea naturalidade com que o seu verso se dança, estaca, revolteu, marcha como um soldado, voa como uma ave, resvala como uma sifide, ao tranquilo manido do mestre felicitoso.

Há, porém, entre os muitos artífices do seu estilo, um que, por excessivo emprego, se torna para logo conhecido, e assim a perder a sedutora graça dos primeiros encontros: é o efeito artístico da repetição. Alingela ou alternada, dos mesmos vocábulos ou de termos semelhantes. Eis, para exemplos, alguns dentre numerosos casos: (1)

E tristonha, quem vir pensar, len po-
bre, e trista
Que chertro pobre!
E cada pé de terra, a detonar, retumba
Na tumba sobre a tampa...
Falta aspecto de infelizes
Que mactos
Pretinha, bincos e borros e d'outra
Ao longe chora das profundas
[sua]...

E pelas vertes costas do coração,
O resaca das lágrimas d'outra
A lida, lhe cubra
A face, e abraça-lhe a infantil cabeça
Nessa ingenua! ingenuidade de beja!

Nos deliciosos tercetos a Luísinha, dos quais colhiemos os dois últimos exemplos, há verdadeiro abuso deste recurso.

Mas ainda aqui se reconhece a mão do artista na habilidade com que varia o mesmo efeito, de sorte que o torna quase novo. Além das modalidades que já se notam nos casos apontados, há outra muito graciosa, nestes dois exemplos:

Nos tercetos a Luísinha:

Plata-a. Eas ignobis, rãves in-
[sua]

Tira-lhe os braços pã; e por um
[turno].
Calça-lhe o pe tã branco
[Mali digas de um estorno] de um
[estorno].

Nos tercetos a Luísinha:

Gras-a das rivas a infantil corde,
E tolge mais do que uma de br-
[sua].
Riva de rivas, de que a idade arrou-a.

Embaraço é escolher alguns entre tantos primores; mas, cedendo ao uso em notícias deste gênero, atrevo-me a preferir, no deslustrante escrírio, estas jóias: Desdens, Coerleu oculi, Chuva e sol, Um serecho de H. Heine, A lira de Orfeu, Na tasca, Flautas do Outono, O filho de Cleopatra, Elmano tabernula, Renascimento, os tercetos, principalmente, do apeto, A Luta Delirio, O trabalho do Diabo, Versos à memória de Arthur Barreiros, Mater, A pantera negra, e, sobre todas, a Aria noturna, soneto que ninguém já sem decorar logo, a originalíssima Nollé de chuva, fantasia que merecera traduzir-se em todas as línguas a magistral e profunda poesia Job, onde há esta estrofe:

Não se conatos futeis
De turba que o redola, e os p-terras
[fir]idas
Muito mais balas, mais in-
[sua].
De que a língua das árs, que long-
[sua]...

Os maravilhosos versos, a um artista, o pesadelo rimado que se intitula O enterrado vivo as quadras, dignas de Baudelaire — Lódo e estrelas, e está cê-bres tercetos a Luísinha. — as mais claras e ridentes páginas do livro, obra-prima de cor e de harmonia, ramo requissimo emperado de rolo matutino, ofuscante e odorífero, da chelrosa neve dos jasmims e das magnólias.

Mas, por Apolo! quantas poesias deverá ainda citar! O Te-mor, que remata com tão delicada e malancólica observação; os garridos versos trasadados de Richpin, nos que apenas me desagrada o escusado vocábulo francês que ali se intronete, como outro nos versos sem título que começam — "de certo eu poderia" versos esses, digamos lá, menos vivazes; do que o pedía o gênero, a Richpin, e cuja concepção um tanto duída, encontra-se quase completa na primeira e na última estrofe, as únicas, por isso que estão à grande altura do livro (2); o Camelo e o corcunda, um "tour de force" de metificação; a Paisagem polar; Mágique boom; o Tamulão aéreo e o adorável madrigal, Na ponta de uma flecha; o Misantropol Estuat infeliz; o bellissimo soneto a Victor Hugo a encantadora "versão" A última abelha; os versos sobre a morte de Hugo Leal, que são dos mais belos do livro mas em cuja última estrofe há uma rima censurável — sorria, que n'la gráfia e pela prosódia, para rimar com vaso, parece ser de pessoa gramatical e tempo diferente da pessoa e tempo a que realmente pertence, segundo a sintaxe; as majestosas sextilhas, traduzidas de Victor Hugo, O dia acorda!

Mas, afinal, não posso apontar como melhores: todas as poesias do volume e foi quase o que fiz. Isto difícil é a seleção quando quase tudo é ótimo.

E quem, como eu, conhece o poeta que produziu tanta maravilha é, além de tudo, um excelente papaz, saudoso, leal, afetuoso, honestissimo, extremamente morto. Isto modesto que rarece até me veio a entor-
[sua]... a des-
(Continua na página seguinte)



João Alphonsus nasceu em Conceição do Serro, Minas Gerais, a 6 de abril de 1901. É filho do grande poeta Alphonsus de Guimarães, sobrinho neto de Bernardo Guimarães e irmão de Alphonsus de Guimarães Filho, outro dos mais característicos escritores do Brasil atual.

Tem publicado "Galinhá Ceia" (1930); "Totônio Pacheco" (1935), romance que obteve o Prêmio Machado de Assis; e agora "Roia-Moça". Para a edição das "Poesias" de Alphonsus de Guimarães, escreveu João Alphonsus um excelente estudo biográfico do seu pai.

O escritor exerce hoje a advocacia em Belo Horizonte.

Quero que vivas aunque yo me ivaya,
Quero que vivas aunque muera yo.
Bésame mucho, pero aquí en la frente,
No, no, en la boca no me beses no!
Yo tengo medo que te comitas,
Quero que vivas aunque muera yo...

Stenio levava o tango num disco para a namorada. Catarina promovia a sua casinha e eles dançavam milongueiramente. Stenio lento e elástico, agü e alto, sentimental e perverso, fez uma criação da poesia barata dos tangos argentinos. Essa poesia de adulterios, raptos, desvirginamentos, coxcomanias, maridos que matam ou se conformam, mulheres que dessem cada vez mais na lama dos bordéis, que mudam quinquenalmente de nome e de alma, desgraças baixas, misérias doentias, fatalidades do vício, filhas que fogem para a perdição, amantes que se matam ou se degradam, filhos engeitados, essa poesia acabara explorando há muito a tuberculose num tango que se tornara agora popular dentro do Sanatório, levado lá por aquele boêmio que viera para Belo Horizonte se tratar. Mas que só se internara depois de uma hemoptise no cabaret... Boêmio que criara a teoria da Última Internacional!

— Um tuberculoso é um elemento sem pátria nem fronteiras, perigosíssimo, doutor Pôncio! Um ladrão chinês, diferente do ladrão turco, brasileiro, norte-americano. A começar pelas coisas que furtava, como furtava, etc... Um sujeito honesto é também diferente em cada país, como o gíglô, o político, o funcionário público, o vendedor ambulante. Mas um tuberculoso é o mesmo em qualquer parte do mundo, internacionalizado pelo mesmíssimo bacilo...

Cantava o tango como o hino da Última Internacional, imitando o cantor argentino da gravação, uma camarada certamente de bons pulmões... E tossia musicadamente, como o cantor, mas exageradamente, entrelinhando:

— Agora um quint de toux, rafine!
E às vezes dançava a Última Internacional, sozinho, no meio do quarto, como Pôncio já o surpreendera uma vez, com o disco rodando na sua vitrola, lento e longo, gozada pela ala revolucionária sentada em torno...

Pôncio lembrava essas coisas indo pelo corredor na direção do quarto de Stenio. Abriu a porta e seu olhar logo se encontrou com o dele, que sorria compreensivo com a mesma luz intensa de vida que persistira enquanto houvesse um pouco de resistência naquele corpo. O médico não tinha nada que fazer ali. Postou-se calado na soleira ao lado das pessoas da família igualmente caladas, quietas. Pôncio nem se lembrava que estava próxima outra morte no Roia-Moça, cheio de solidariedade, amigo, e somente amigo. Solidarizava-se com aquele que não se dobrava à disciplina e a quem a sorte contraditória reservara durante muito tempo, teimosamente, as maiores possibilidades de cura. Que despreza a todas essas possibilidades? Que se sacrificava com um impetoso risinho de santo às avessas encarnando os anseios de todos, imolado para continuar sozinho a vida interrompida de tantos. Parecia precisamente assim: o escolhido por uma estranha e cruel divindade para que todos subissem que ao

menos um dos reclusos passara além de todas as insatisfações, e passara com um exagero de marilar... O olhar sorridente não era de vencido. E Pôncio lembrava a Última Internacional!

No hay mas remedio que no ser [cobardo...]

Para o médico, há dois dias, entrar naquele quarto era perder-se, apagar-se na estranha solidariedade, retrogradar e calou-se no seu domínio sobre os fenômenos corriqueiros da surda batalha da morte. Integrava-se no ambiente irradado pela expectativa do irremediável de mais hora menos hora, com os pais, a irmã, o amigo, pessoas silênciosas, ajudadas. E não havia propriamente sofrimento de sua parte, mas, naquele fraquejamento, decepção e inveja; pois terminara o conforto do rapaz a vencer e zombar de todos os riscos como domando o mal a maneira dos heróis; mas também sucumbido o corpo, a morte deveria ter para ele uma importância relativa. E era o médico que lhe procurava o olhar ainda vivo, como eternamente vivo, para se animar.

Bateram três pancadas surdas na porta. Padre Roque! pensou Pôncio. repentinamente irritado, pois o capelão tinha uma capacidade singular para perceber aonde a morte estava... Padre Roque entrou. Stenio, na incomoda posição de dois dias, sentado, curvo para a frente, todo amparado de travesseiros, estendeu os olhos para o recém-chegado. Este parou junto da cama e seguiu com o olhar a sonda de borraça que brotava dentre os travesseiros e drenava o líquido purulento, através da incisão nas costas, e entre pieuras para o vidro no chão. E o nível do líquido misturado com antisséptico marcava no vidro o ritmo da respiração dispnéica. O padre, moreno e magro, curvou-se para o doente:

— Coragem, meu filho. Pôncio achou o conselho perfeitamente inútil, ainda mais com aquela voz soturna, fúnebre. Noutra ocasião Stenio teria dado três pancadinhas com a mão na mesa de cabeceira, rindo diretamente para o capelão. Mas todo o corpo se entregava ao problema de respirar, sem desperdiçar atividade no mínimo gesto. Somente o olhar, e este se voltava para o conselheiro sem que o médico o visse; mas devia sorrir ainda...

— É preciso se reconciliar com Deus, Confessar. Comunicar. Eu estou aqui para ajudar voce, meu filho. Não agora, mas na hora que quiser, que me chamar. Mas... por que não há de ser agora, hein? Os outros saem por um instantinho. (Sorria com bondade).

Stenio fez um esforço para levantar a cabeça e disse baixinho, na garganta apenas, e apressadamente, na pressa da dispnéia:

— Não chatela. (Pôncio perbebia bem o que ele queria dizer: não vê que o problema é respirar, conseguir respirar ainda? Aproximou-se também da cama, disposto a fazer compreender ao padre que não insistisse: que reservasse para a Última-união). Não chatela. — Então vou embora, meu filho, disse o capelão, grave, mas sem se sangar.

O rapaz ergueu novamente a cabeça, lhe estendeu o olhar também grave, firme sem dureza, e a voz veio de novo, um chiado na garganta:

— Val com Deus. Padre e médico se retiraram juntos e calados. No corredor este viu de soslaio a cara daquele perder de repente a compreensão e a surpresa da retirada, se iluminar como a uma revelação interior: — Ele disse: val com Deus.

Efemérides da Academia

25 DE SETEMBRO
1859 — Nasce, na cidade do Serro, Minas Gerais, Pedro Lessa. Ocupou na Academia a cadeira n.º 11, que foi criada por Lucio de Mendonça e que tem como patrono Fagundes Varela.

26 DE SETEMBRO
1898 — Joaquim Nabuco entrega a mesa um telegrama do Barão do Rio Branco, que se acha em Baden-Baden, apresentando-se candidato à vaga de Pereira da Silva, ocorrida a 14 de junho último.

1925 — Falece em Lisboa Candido de Figueiredo.

27 DE SETEMBRO
1890 — Falece em Minas Gerais Joaquim José da França Junior, folhetinista e comediógrafo. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1838. É patrono da cadeira n.º 12, criada por Urbano Duarte, que na Academia foi substituído por Augusto de Lima. A Augusto de Lima substituiu Victor Vianna, sendo este por sua vez substituído pelo sr. Macedo Soares.

1915 — Falece em Lisboa Raimundo Ortigão (José Duarte). Nasceu no Porto, a 14 de novembro de 1836.

28 DE SETEMBRO
1844 — Morre Laurindo Rabelo, patrono da cadeira n.º 26, que foi criada por Guimarães Passos, e em que se tem sentido, sucessivamente, Pávio Barreto, Constando Alves e agora o sr. Ribeiro Couto.

1907 — É eleito para a vaga de Teixeira de Melo, por 23 votos, o Barão de Jacuquã.

29 DE SETEMBRO
1902 — Morre de Emilio Zola.
1908 — Morre de Machado de Assis. Fora o principal fundador da Academia, ao lado de Lucio de Mendonça e de Joaquim Nabuco. Fora o primeiro presidente da instituição, eleito cada ano até a sua morte. Criara ali a cadeira n.º 23, que tem como patrono José de Alencar. Machado foi substituído pelo Conselheiro Lafayette, que o defendera quando dos ataques de Sylvio Romero. Em sua cadeira sentou-se depois Alfredo Pujol e senta-se agora o sr. Octavio Mangabeira.

n.º 6, para a qual fora eleito em substituição a Arthur de Jacquã. Essa cadeira tem como patrono Casimiro de Abreu. Goulart de Andrade foi recebido por Alberto de Oliveira.

1 DE OUTUBRO
1898 — Eleição por 21 votos do Barão do Rio Branco, para substituir J. M. Pereira da Silva, na cadeira de n.º 34 que tem como patrono Souza Caldas.

Na mesma sessão é eleito o primeiro membro correspondente da Academia — Emilio Zola.

A vida e a obra de Fagundes Varela

(Continuação da pág. 138)
...tes, imitativas de líras alheias. Feita a exceção de algumas imitações, de algumas influências que nos seus primeiros anos o subjugaram mais servilmente em várias produções. Varela foi poeta por conta própria e os seus versos tem caráter, tem feição, especificamente sua e que os torna indubitavelmente de sua natureza sentimental, agravado profunda e irremediavelmente pelo vício, em que cedo se despenhou e do qual cada vez mais notável da sua escola na mente, procurou fazer uma cortina, um velarium, que o isolasse da realidade de tudo aquilo que era, no sonho irrevelado e vago do que quisera ser.

Foi esse o seu grande bovarismo, o do sentimento, que, a aniquilou o homem, fazendo-o um boêmio errante, maltrapilho, quase, desleixado e vencido, minando-lhe o organismo, precipitando-lhe o fim. Não logrou, todavia, empanar o poeta, danaturando-lhe a obra, que, vista em conjunto, é a mais, cada vez mais alucinada sua geração e examinada em detalhe, contém relíquias preciosas, gemas cujas facetas brilham ainda eternas cintilações da alma humana.

(Continuação da pág. anterior)
culpem de ter tão grande talento, — quem assim o conhece não sabe como o há de estimar bastante.

Mas não precisa nenhuma consideração pormenor para Raimundo Corrêa, depois dos Versos e Versões, ser proclamado grande, exímio poeta.

O que é necessário agora é que a nossa imprensa e o nosso escasso público leitorado, para lhe prestarem as altas homenagens que merece, não se ponham a esperar que ele morra!

O TUBERCULOSO

— Por que voce é magro assim?

— Sou um tuberculoso, meu benzinho.

Catarina então abria na gargalhada. Era gorda, gorducha mesmo, e se encostava toda, com as suas banhas, matéria plástica por excelência, enchendo através das roupas todas as vãos do esqueleto de Stenio. Namoro no portão do chalé moderno do Calafate...

Eis um sujeito que o mal não derrubará nunca, pensava Pôncio quando se entregava a ouvir as confidências do Stenio, até confortado em suas contingências de predisposto diante daquele caso de resistência patológica da espécie humana. Magro e dissorado, não se sabia de onde vinha aquela vida de expressões e gestos, principalmente do olhar, vitalidade sem aliterações materiais, sobrepujando o físico e mantendo o firme, numa tensão espiritual obtida e conservada sem esforço, dom natural e especial.

Stenio descrevia exageradamente as cenas com a namorada. Esta residia no Calafate, donde ele ia vê-la todas as tardes, de bonde ou mesmo a pé, pois acontecia ficar sem dinheiro, dando a mesada aos outros, gastando-a em presentes a Catarina, gastando-a de qualquer maneira. Caminhava inercialmente, até o bairro, para ver a sua gorduchinha, que o atraía (explicitava ele próprio) de acordo com a lei de compensação dos materiais orgânicos...

— Na boca não pode não: sou um tuberculoso...

Ela ria sempre e só queria beijar na boca. Não acreditava que houvesse tuberculose no mundo. Carnuda, direta, meio infantil. Ou pelo menos que houvesse um tuberculoso tão elegante, bonito (ela repetia: bonito, bonito, bonito; entre beijos), com tal capacidade de amar e ser amado. Mas Stenio lhe esquivava a boca (outro qualquer deixava-la beijar quanto quisesse) e cantava baixinho no ouvido dela:

Bésame mucho, pero aquí en la [frente],
No, no, en la boca no me beses no!

VERSOS E VERSÕES

(Continuação da pág. anterior)
Pela pequenina parte que me compete, cá, do meu canto humilde apresento em continência a Raimundo Corrêa a minha pobre pena, arma inglória de soldado raso, mas que já conta alguns anos de campanha; e o meu juízo a seu respeito formula-se como o daquele sargento Radoub do Noventa e três: Voto que seja general!

Valença, 2 de julho de 1887.

(1) — V. Hugo — Contemplations. Réponse à un acte d'accusation.
(2) Na última estrofe destes versos encontra-se a única incorreção tipográfica importante que há no volume: errava por stava.